



Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Pós-Graduação em História
Mestrado em História Social da Amazônia

ANNA CAROLINA DE ABREU COELHO

SANTA-ANNA NERY: UM PROPAGANDISTA “VOLUNTÁRIO”
DA AMAZÔNIA (1883-1901)

Belém
2007

ANNA CAROLINA DE ABREU COELHO

SANTA-ANNA NERY: UM PROPAGANDISTA “VOLUNTÁRIO”
DA AMAZÔNIA (1883-1901)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia.
Orientadora: Professora Doutora Maria de Nazaré Sarges (DEHIS/UFPA)

Belém
2007

ANNA CAROLINA DE ABREU COELHO

SANTA-ANNA NERY: UM PROPAGANDISTA “VOLUNTÁRIO”
DA AMAZÔNIA (1883-1901)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia. Orientadora: Professora Doutora Maria de Nazaré Sarges (DEHIS/UFPA)

Data de Aprovação: 10/04/07

Banca Examinadora:

Professor Doutor Aldrin Moura de Figueiredo (DEHIS/UFPA)

Professor Doutor Fábio Castro (CLA/UFPA)

Professora Doutora Magda Oliveira Ricci (Suplente/DEHIS/UFPA)

Professor convidado: Vicente Salles

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-graduação do CFCH-UFPA, Belém-PA-Brasil)

Coelho, Anna Carolina de Abreu

Santa-Anna Nery: um propagandista “voluntário” da Amazônia (1883-1901)/ Anna Carolina de Abreu Coelho ; orientadora, Maria de Nazaré Sarges. - 2007

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2007.

1. Nery, Frederico José de Santa-Anna, 1848-1901 2. Literatura brasileira Amazônia – Séc.XIX . 3. Historiografia – Amazônia - Séc.XIX. I. Título.

CDD – 22. ed. 928.69

Dedico esta dissertação ao meu pai, José, em agradecimento ao seu apoio incondicional, e ao meu filho e meu esposo que são o meu amor e a minha força.

Agradecimentos

Chegando ao final deste trabalho, é necessário expressar o sentimento de gratidão pelo apoio que recebi de pessoas especiais durante a pesquisa e durante convívio na UFPA. No primeiro momento a convivência com meus amigos Gerson Santos e Iza Freitas foi importantíssima para que não me sentisse deslocada, fizemos uma excelente parceria durante o primeiro semestre do curso.

Nos seminários temáticos ministrados pela prof^a Edilza Fontes recebi orientações valiosas dela própria, do prof^o William Gaia e do colega Alexandre, relacionados ao meu projeto de pesquisa. Tenho de mencionar a gentileza dos colegas Elias e Edileuza em discutir algumas idéias e sugestões bibliográficas

Agradeço a minha orientadora Maria de Nazaré Sarges, por sua orientação segura, constante e minuciosa. Além de sua generosidade e paciência “quase ilimitada”; espero que tenha correspondido à sua dedicação.

No exame de qualificação os comentários dos professores Aldrin Figueiredo e Fábio Castro foram fundamentais para que organizasse melhor a tese e percebesse as minúcias do texto que pesquisava, além de sugerirem uma excelente bibliografia. Não tenho palavras para agradecê-los.

Devo agradecer aos servidores das instituições que pesquisei por sua atenção, especialmente à Academia Paraense de Letras, que apesar dos problemas enfrentados pela falta de estrutura para a biblioteca, permitiram que eu consultasse o acervo me assessorando da melhor forma possível.

À minha mãe, professora Cleide e meu amigo Junior por terem me ajudado com a revisão ortográfica da dissertação.

No âmbito pessoal tenho de agradecer ao meu esposo Roberto e minha sogra D. Bena por cuidarem do Felipe durante minhas ausências. Agradeço também as amigas Constância e Ana pelo apoio em momentos de dúvida.

Finalmente, porém não menos importante agradeço a CAPES por ter me concedido uma bolsa de estudos, o que facilitou, e muito, este trabalho.

Belém, 10 de Março de 2007

“A minha política cifra-se em defender o Brasil no estrangeiro sempre que o Brasil tenha razão e ainda mais pertinazmente quando não a tenha. A pátria é mãe: ninguém confesse os defeitos da mãe a estrangeiros”.

(NERY, 1885 *apud* BORGES, 1970, p.74)

SUMÁRIO

Resumo.....	8
Abstract.....	9
Considerações Iniciais	10
1. Santa-Anna Nery: o propagandista da Amazônia.....	13
1.1 Os mundos de Santa-Anna Nery.....	21
1.1.1.A Amazônia, um lugar de lembranças.....	21
1.1.2. A Europa, onde nascia uma missão.....	27
1.1.2.1. A <i>Revue du Monde Latin</i>	27
1.1.2.2. A atuação de Santa-Anna Nery na Exposição Universal de Paris em 1889.....	30
1.1.3. A “Euro-Amazônia”.....	33
1.1.3.1. O apoio aos “velhos católicos”.....	33
1.1.3.2. Um plano para a imigração.....	36
1.1.3.3. As impressões e juízos dos principais exploradores.....	44
2. Folclore Brasileiro e <i>O país das Amazonas</i> – a divulgação da Amazônia na Europa.....	48
2.1. <i>O país das Amazonas</i>	51
2.1.1. “Vulgarizando” a Amazônia.....	54
2.1.2. Um olhar sobre a natureza.....	57
2.1.3. Manaus: a cidade plena de futuro.....	67
2.1.4. A população, a migração e o aclimatação.....	72
2.2. <i>Folclore Brasileiro</i> : sucesso, polêmica e esquecimento.....	80
2.2.1. O passado e o futuro.....	83
2.2.2. Os brasileiros europeus e a poesia da mulata.....	85
2.2.3. A natureza amazônica e os índios em <i>Folclore Brasileiro</i>	88
Considerações Finais.....	96
Referências.....	98
Fontes	101

RESUMO

A presente dissertação analisa sob o ponto de vista histórico, as obras *Folclore Brasileiro* e *O País das Amazonas* do intelectual amazônico Frederico de Santa-Anna Nery (1848-1901), procurando discutir a atuação política do autor durante o final do século XIX, abordando especificamente, seu papel na divulgação de uma identidade amazônica positiva no exterior, a qual estava atrelada a um processo maior de construção de identidades regionais e a um processo de modernização da Amazônia, elaborados pelas elites das quais o autor fazia parte.

Palavras-chave: Amazônia – Propaganda - Literatura.

ABSTRACT

To present paper analyzes under the historical point, of view the works *Folclore Brasileiro* and *O País das Amazonas* of the Amazonian intellectual Frederico de Saint-Anna Nery (1848-1901), looking for to argue the performance politics of the author during the end of the century XIX, approaching specifically its role in the spreading of a positive Amazonian identity wide abroad, which it was related to a bigger process of regional identities' construction and of a process of Amazonian's modernization, elaborated by the elites of the which the author was part of.

Key Words: Amazon - Advertising - Literature.

Considerações Iniciais

Até que ponto as intervenções e objetivos do autor são importantes em relação à obra? Para Chartier,¹ a história do livro, inicialmente privilegiou o processo de circulação do livro, discutindo também sobre as práticas de leitura e o estudo dos autores pertenceria à história literária. Abordagens mais recentes, mesmo com divergências e diferenças de método, têm como ponto comum, rearticular o autor com seu texto.

Nesse sentido, procuro analisar historicamente duas obras importantes do final do século XIX: *Folclore Brasileiro* e *O país das Amazonas*, dentro das motivações subjetivas do autor Frederico José de Santa-Anna Nery e de sua busca em divulgar a Amazônia interagindo com outros intelectuais e membros do governo em prol de um projeto civilizatório para a região.

Menos conhecido em nossa época, porém inserido no contexto literário e científico do final do século XIX, o intelectual Frederico de Santa-Anna Nery ou o Barão de Santa-Anna Nery era considerado um homem “ilustre”. Suas obras fizeram muito sucesso na época e *Folclore brasileiro* (1889), foi considerado o primeiro livro de folclore brasileiro escrito de forma sistemática publicado no exterior. *Le Pays des Amazones* (1883), foi um livro financiado pelo governo de Manaus e procurava divulgar o estado do Amazonas. Diferentemente da maioria das obras importantes do final do XIX, os livros de Santa-Anna Nery não estavam voltados ao público leitor nacional e letrado, mas aos leitores estrangeiros especialmente franceses e italianos, pertencentes a diferentes grupos sociais; na verdade, o autor se considerava um propagandista.

Para Renato Ortiz², a partir da segunda metade do século XIX, a literatura tradicional perdia espaço para uma “cultura média” que se manifestava nos folhetins, nas notícias diversas, na moda, na publicidade, no cinema e se assentava em outros critérios de produção e

¹ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UNB, 1999.

² ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

articulação, rompendo barreiras entre capital e província, ou entre diferentes regiões, tornando-se até uma literatura internacional, acompanhando o processo de modernização.

Santa-Anna Nery se preocupava muito com a “vulgarização” da Amazônia, ou seja, em torná-la conhecida. Espero que esta dissertação possa contribuir um pouco para incitar futuras pesquisas sobre a relação entre Amazônia e Paris; nela, os distanciamentos geográficos e culturais criam mútuas interpretações, em que os brasileiros do século XIX buscavam na França seu ideal de civilização e modernidade, e os estrangeiros recriavam imagens (principalmente devido à literatura produzida por viajantes) de uma região composta de exotismo, possibilidades e perigos.

Atualmente, a historiografia se preocupa fundamentalmente em produzir uma história do Brasil que defina processos individuais e específicos; uma história marginal como define bem Mary Del Priore³, ressaltando as tendências que implicam a intensificação das interações e da interatividade entre indivíduos, nesse sentido a reflexão sobre as culturas locais seria imperiosa. Partindo desse pressuposto de reflexão a respeito da cultura local, esta tese discute especificamente a atuação política de Santa-Anna Nery, mas essa ação estava relacionada a um processo maior de construção de identidades regionais e de modernização da Amazônia, elaborados pelas elites locais.

Em relação à temporalidade escolhida, busquei referências no período mais produtivo do autor no trabalho como propagandista da região, o marco inicial seria a primeira versão de *O país das Amazonas* em 1883, e o marco final a data da morte do autor e da publicação do *Álbum do Estado do Amazonas* em 1901.

No primeiro capítulo fiz uma pequena biografia do autor relacionando sua vida à sua atuação política em prol da Amazônia. Utilizando como fontes principais os *Relatórios de Governo* do Pará e do Amazonas, os trechos de memórias do autor em *Folclore Brasileiro* e *O País das Amazonas*; a *Revue du mond Latin*, o *Bulletin de la Sociète de Geographie Commercial de Paris*, os jornais e as obras *O Pará em 1900* e *O Pará na Exposição Internacional de Paris em 1889*; procuro perceber a interação de Nery com a elite local, seu trabalho em Paris e sua relação com esses dois espaços em que transitava.

O segundo capítulo focaliza a análise profunda de *Folclore Brasileiro* e *O país das Amazonas*, buscando a percepção das imagens amazônicas que circulavam na Europa, a respeito da natureza, da etnicidade e da modernidade amazônicas e os possíveis significados destas obras. A Amazônia durante o final do século XIX recebeu análises que destacaram

³ DEL PRIORE, Mary. ; GOMES, Flavio. *Os senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

principalmente duas características: os recursos naturais e os costumes ligados à religiosidade da população. Para Aldrin Figueiredo,⁴ a maior parte dos intelectuais da geração de 1870 que procuraram explicar o Brasil, acabaram mencionando a Amazônia, um território que surge nessas narrativas como uma região distante do meio intelectual, mas muito avultado para ser esquecido por completo, sendo um território incluído e excluído a todo o momento nas idéias desses literatos, percebido como um território etnicamente degenerado devido às misturas raciais com uma grande predominância indígena e uma minoria negra.

Santa-Anna Nery não era bem um interprete do Brasil e da Amazônia, mas ele manipulava as consagradas imagens elaboradas pela elite intelectual da época tornando-as mais atrativas, escolhendo as que mais se adaptavam aos seus objetivos. Era um jornalista que agia como um representante, um interlocutor, um “embaixador não oficial” do Brasil na Europa, era assim que ele mesmo se considerava....

⁴ FIGUEIREDO, A. *A cidade dos encantados*. Campinas SP, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1990.

I Capítulo

Santa-Anna Nery : o propagandista da Amazônia

Leão XIII fê-lo barão. A França deu-lhe o oficialato da Academia e da Instrução Pública. Era da Real Academia de Sciencias de Lisboa e da Royal Geographic Academy of London, diploma ambicionado como um grande prêmio. Fundou e foi vice-presidente duma extraordinária Associação Literária Internacional que Victor Hugo, barbado e ornamental, dignava-se presidir. Uma noite, o poeta deixou a cadeira de honra para vir beijar as bochechas de Santa-Anna Nery conferencista. Essa associação mandou-o a Londres como seu representante no Congresso Internacional de 1879. O discurso do brasileiro foi o único de estrangeiro publicado, na íntegra, pelo sisudo *The Times*. O Imperador D. Pedro II mandou-lhe várias cometas honoríficas (CASCUDO, 1935-36 *apud* FIGUEREDO, 1990, p.36)

O comentário acima se refere a Frederico José de Santa-Anna Nery, um intelectual amazônico que se destacou como um dos principais divulgadores da região no exterior, sendo uma figura ativa nas relações internacionais brasileiras defendendo a imigração durante o final do império e início do período republicano, foi também um dos escritores pioneiros no estudo do folclore amazônico e participou de importantes instituições francesas. Sua vida e suas obras refletiam um projeto das elites para o futuro da Amazônia e divulgavam junto aos estrangeiros, um presente de possibilidades econômicas e um passado original, cujo estudo expunha a originalidade e valor da cultura brasileira.

Como a maioria dos intelectuais de sua época, dedicou-se a várias atividades: tinha forte vinculação com a igreja católica em Roma, participava ativamente de diversas instituições francesas como representante do Brasil, era jornalista, fez alguns estudos literários; consta que era um bom pianista e tornou-se conhecido com a publicação de *Folklore Brésilien* (1889). A capital francesa foi o lugar onde o autor conquistou relevância, participando da Sociedade de Homens de Letras, sendo um dos fundadores e vice-presidente da Associação Literária Internacional (o presidente era Vitor Hugo) e fundador da Sociedade

de Estudos Brasileiros; foi também oficial da Academia da França e Cavaleiro da Legião de Honra; tinha um círculo de amizades também com a igreja católica, afinal seu singular título de Barão foi concedido pelo Papa Leão XIII por ter defendido os interesses do Vaticano na obra *Les finances pontificales*⁵.

De acordo com Figueiredo,⁶ os intelectuais do século XIX “eram polímatas nas letras e também eram ambíguos em suas trajetórias políticas”, sendo impossível interpretá-los a partir dos modelos de movimentos literários e de seus cânones internos; fossem parnasianos ou naturalistas, esses intelectuais expressavam de múltiplas formas o sentido polígrafo⁷ de suas obras. Santa-Anna Nery expressava bem essa faceta dos intelectuais de sua época, pois, escreveu obras a respeito de vários temas como religião católica, literatura brasileira, imigração e folclore.

Nery nasceu em Belém do Pará em 1842; pertencia a uma família tradicional que conquistou muito prestígio no Amazonas,⁸ para onde se mudou muito cedo; estudou no Seminário de São José e, em 1862, teve a oportunidade de acompanhar o bispo do Pará, d. Macedo Costa em sua primeira visita pastoral ao Amazonas, conseguindo o apoio do bispo para cursar o Seminário de Saint Sulpice em Paris, onde recebeu as ordens menores, mas preferiu não seguir a carreira eclesiástica. Em 1867 tornava-se bacharel em letras e em 1870, doutor em direito pela Universidade de Roma; no ano de 1871, o dr. Alfredo de Macedo⁹ o apresentou ao conde de Villeneuve, ministro do Brasil na Suíça, e este indicou Nery como correspondente do *Jornal do Comercio*.

Em 1874 mudava-se para Paris, local em que conquistou um círculo de amizades com gente ilustre como Vitor Hugo¹⁰, Franz Liszt¹¹ e o príncipe Roland Bonaparte¹²; fora isso,

⁵ No ano de 1870 Santa-Anna Nery recebe o título de doutor em direito pela Universidade de Roma e inicia uma relação muito próxima com o Vaticano sendo redator da revista católica *La Esperanza* e em 1871 publica o livro *Les Finances Pontificales* este livro foi assinado apenas “par un catholique” logo após a publicação desta obra recebeu do Papa Leão XIII o título de Barão, o autor publicou também a obra *La Logique du couer* (1872) em 1872 deixa a redação da revista e em 1874 muda-se para a França.

⁶ FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo (1887-1950)*, Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1990. p. 19.

⁷ As palavras polígrafo e polímato têm o sentido de definir o intelectual que escrevia a respeito de vários temas e possuía uma formação variada.

⁸ Os pais de Santa-Anna Nery foram o major Silvério José Nery e Ângela Nery, ele ficou órfão aos 7 anos. Essa família esteve bastante envolvida com o poder político do Amazonas, dois de seus irmãos, Silvério e Constantino chegaram ao governo do estado, e vários descendentes também conquistaram cargos políticos como Júlio Nery (1946) e Paulo Nery (1982-83), essa ligação secular desta família com a política é alvo de desafetos e admiradores.

⁹ Encarregado dos interesses do Brasil na Espanha.

¹⁰ Vitor Hugo um dos mais famosos escritores franceses, ligado a república francesa e a estética do Romantismo, escreveu o clássico “Os Miseráveis”.

¹¹ Franz Liszt (1811-1886) era um notável pianista que fazia sucesso nos salões Europeus também era ligado ao Romantismo. Segundo Vicente Salles, na apresentação do livro *Folclore Brasileiro* Santa-Anna Nery foi um

vários intelectuais e pessoas da alta sociedade eram assíduos no salão de sua residência em Paris. Colaborou com os jornais franceses *L'Événement*, *Écho de Paris*, *L'opinion* e *Le figaro*, produzindo artigos sobre o Brasil. Foi diretor do periódico *L'Amérique* e o primeiro correspondente brasileiro do jornal *Republique Française* instituído por Leon Gambito um dos chefes prestigiados do partido republicano francês. Escreveu também para os jornais italianos *La Tribuna*, *Libertá*, *Journal de Rome* e *Il Século* e para o jornal londrino *Society* de 1874 a 1882 escreveu para o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, assinando a coluna *Ver, ouvir e contar*. Era um dos proprietários e diretores da *Revue du monde Latin* e diretor da redação do periódico *Le Brésil*, revistas que procuravam expor uma imagem positiva do Brasil e dos países latino-americanos.

Em Portugal, Santa-Anna Nery recebeu o título de comendador da Ordem de Cristo por ter participado ativamente fazendo conferências durante a celebração do tricentenário de Camões, em Paris. Dessas apresentações resultou a obra *Camões et son siècle* (1879), escreveu também a respeito de literatura os livros *Um poete du XIX siècle: Gonçalves Dias* (1875) e *Literatura Brasileira* (1880-81). Em 1880, publicava em Paris *Lettre sur li Brésil; réponse au time* e pronunciava conferências sobre literatura brasileira na Associação internacional dos professores de França, discursando na sessão inaugural do Congresso Literário Internacional de Paris e recebe o beijo de Vitor Hugo; esse discurso foi publicado no *Bulletin Officiel* da Sociedade dos Homens de Letras.

No Brasil, era um intelectual ligado à monarquia sendo sócio do IHGB, que era a principal instituição voltada para a produção científica e literária durante o império brasileiro, sendo também a matriz das idéias de uma história oficial brasileira. Em 1882, depois de vinte anos de ausência, retornou ao Brasil recebendo diversas homenagens do Imperador e tornou-se oficial da Ordem da Rosa.

O ano de 1885 foi muito movimentado para o autor, que fez uma longa viagem ao Brasil, com estadia e no Amazonas e no Pará; em fevereiro ele chegava a Manaus¹³ e em março foi organizado pela imprensa, um sarau em sua homenagem. O jornal *Diário de Notícias* destacava a descrição da festa, que contou com a presença do presidente da província e da alta sociedade amazonense:

bom músico com uma habilidade especial no piano, juntamente com os músicos Brasília Itiberê da Cunha (1846-1913), Giovanni Sgambati (1841-1914) e Anton Rubstein (1829-1894) realizou o registro musical das doze canções tradicionais anexadas no final da obra *Folk-lore Brésilien*.

¹² Roland Bonaparte era Etnógrafo e Antropólogo ligado ao folclore (nascente como disciplina nessa época).

¹³ A chegada de Nery a Manaus é descrita assim: “Foi recebido em Manaus, com as mais vivas demonstrações de alegria, o dr. Santa-Anna Nery, nosso ilustrado comprovinciano”. *Diário de Notícias*, Belém, 15 de fev. 1885.

A Festa da imprensa

Refere o *Amazonas*:

Esteve magnífico o sarão oferecido pela imprensa, em nome da sociedade amazonense ao dr. Santa-Anna Nery.

Manifestação inspirada pelo mais puro e espontâneo sentimento de cordialidade, a festa teve por si tudo quanto convinha ao seu brilhantismo.

A comissão promotora foi secundada em seus esforços pela mais franca boa vontade da ilustre sociedade amazonense, que contribuem com a maior parte do que possui em beleza, elegância e posições para dar realce a essa justa, ainda que modesta renovação de seus votos de apreço ao preclaro trabalhador do nosso crédito e desenvolvimento moral e material.

A's 8 horas da noite a excelente banda de musica do Instituto Amazonense e do 3º batalhão da artilharia, graciosamente prestadas pelos seus respectivos commandantes, postaram-se á frente do edificio onde se realizava o sarão e até as 10 horas da noite tocaram alternativamente, á recepção dos convivas.

A's 10 horas da noite, depois de haver chegado s.exc. o sr. presidente da província, os diversos chefes de serviço público, representantes do commercio, das colônias estrangeiras, officiais do exército e da armada e avultadíssimo número de senhoras e outros cavalheiros, fez sua entrada o dr. Sant'Anna Nery, acompanhado de seus confrades da imprensa.

Em seguida e depois de haver s. exc. recebido cumprimentos de seus amigos e admiradores, dançou-se a primeira quadrilha, na qual tomou parte o ilustre obsequiado, tendo por vis-a- vis o sr. Dr. Janssem.

Até ás 3 horas da manhã dançou-se com muita animação e completo prazer.

A concorrência foi de tal modo avultada que mal podiam comportá-la os salões do edificio.

O serviço, tão profuzo quanto bem escolhido, fez-se como permitem os nossos minguados recursos de *menagem*.

Os salões estavam decorados com elegância e bem iluminados.

Ainda que relativamente pequena essa homenagem deve ter tido para Sant'Anna Nery uma grande significação: a da sympathia, apreço e perfeita amizade de seus compatriotas.

A festa da imprensa expressava o prestígio de Santa-Anna Nery entre a elite amazônica da época, como os representantes do governo, do serviço público, do comércio, de officiais do exército e da armada, além do “avultadíssimo número de senhoras e outros cavalheiros”. A narrativa descreve o autor imbuído de um pertencimento ao grupo, num momento de reafirmação de identidade com a região e com os seus representantes, ou melhor, com a “ilustre sociedade amazonense”, que tentava exhibir distinção nos serviços “profusos” e nos salões iluminados e decorados com elegância, um momento que essa elite procurava uma proximidade com o modelo de civilidade europeu.

Santa-Anna Nery fazia parte dessa elite amazônica, sua família tinha bastante prestígio social, político e econômico tanto em Belém quanto em Manaus e devido à sua condição econômica o autor pôde dedicar-se inteiramente aos estudos sobre o Brasil procurando defender os interesses nacionais no exterior, envolvendo-se em projetos a respeito da

modernização do Amazonas e do estado do Pará. Uma das propostas principais dos governos desses estados era que a modernização se daria a partir do povoamento da região amazônica por imigrantes estrangeiros e nacionais, devido à idéia recorrente de que a região amazônica como um todo apresentava um vazio demográfico.

Essas idéias eram compartilhadas plenamente pelo autor e por outros intelectuais que consideravam essa proposta interessante esse ideal de civilidade era comum nas elites amazônicas. A respeito da cultura comum em meios intelectuais, Raymond Williams¹⁴ observa que esta (a cultura comum) não é a extensão geral de um meio minoritário e sim a criação de uma condição, um padrão dominante ligado à educação no qual as pessoas de um determinado grupo participam da articulação de significados e valores, e dentro desse contexto formam uma comunidade de cultura. Nesse sentido, pode-se dizer que o autor compartilhava várias idéias e valores com grupos ligados aos governos do Amazonas e do Pará, participando ativamente (por meio da propaganda) de um projeto modernizador para a Amazônia ligado à imigração.

Em 1885 também foi o ano da publicação da primeira edição de *Le pays des Amazones l' El-Dorado – Les terres a caotchouc*, do discurso que originou *Folk-lore Brésilien* e da idéia que Nery teve de se criar uma sociedade de imigração no Pará. A Sociedade Paraense de Imigração se organizou efetivamente em novembro do mesmo ano sob patrocínio do presidente da província Tristão de Alencar Araripe.

Durante o ano de 1886 foi representante na Europa da Sociedade Paraense de Imigração, contratado para tornar conhecida a Província do Grão-Pará gerenciando a agência central em Paris, na qual haveria uma permanente exposição de produtos regionais. Segundo Salles,¹⁵ neste ano o Nery desenvolveu o trabalho de seleção de imigrantes para o núcleo de Benevides, que foi considerado muito importante e proveitoso.

Em 1887, Santa-Anna Nery firmou contrato com a província do Pará para a introdução de imigrantes, contrato depois desaprovado pela Assembléia Legislativa provincial. Em sua proposta para a vinda de imigrantes para a província, discordava de alguns projetos modernizadores indicando outras soluções possíveis para tornar palpável a idéia de civilização nos trópicos. Em vez de priorizar somente a agricultura, acreditava que a utilização racional

¹⁴ WILLIAMS, Raymond. *The Idea of a Common Culture* (1968). In: *Resources of Hope: Culture. Democracy, Socialism*. New York: Verso, 1989.

¹⁵ SALLES, Vicente. *Diálogos de Folclore: Santa-Anna Nery*, Publicação independente, 2000.

dos recursos da floresta em indústrias específicas de medicamentos e alimentação era o caminho para o progresso da região amazônica.

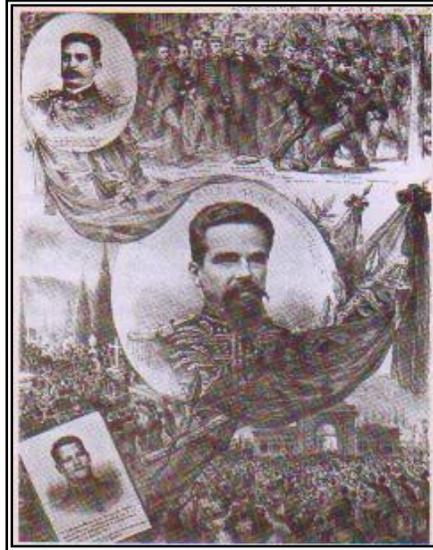
Publicou em 1889 o *Guide de l'émigrant du Brésil* e *Le Brésil en 1889* sob os auspícios do sindicato do Comitê Franco-Brasileiro para a Exposição Universal de Paris, e auxiliou a comissão representante do Pará no evento, doando peças de sua coleção etnográfica. Foi também o ano do lançamento da primeira edição de *Folk-lore Bresilien – Poesie – Populaire – Contes et legendes – Fables et Mythes – Poesie, Musique, Dances et croyances des indiens. Accompagné de douze morceaux de musique*. No ano de 1892 foi publicada a obra *L'émigration et immigration pendant les dernières années*.

Outro envolvimento de Santa-Anna Nery com a política de imigração do Pará foi sua contribuição com a obra coletiva *O Pará em 1900*, mandada editar pelo governador Paes de Carvalho pela comemoração do 4º Centenário do descobrimento do Brasil, neste ano viajou ao Pará e ao Amazonas.

Novamente, o conceito de intelectual polígrafo se aplica bem à postura política ambígua do autor, era certo que era monarquista e católico, mas podia se “ambientar” muito bem com políticos ligados à república como Paes de Carvalho¹⁶ desde que se tratasse dos interesses regionais. O autor tinha também motivos pessoais para divulgar a Amazônia, estes eram inerentes à afirmação de sua própria identidade e faziam parte da “missão” que escolheu para si de tornar a Amazônia conhecida na Europa.

É interessante mencionar que nem sempre a relação com o governo foi tão flexível, afinal, Santa-Anna Nery foi acusado de ter participação no atentado de 05 de novembro de 1897 contra o presidente Prudente de Moraes, no qual morreu o ministro de guerra Carlos Machado Bittencourt. Ocorreu que o presidente estava no Arsenal esperando recepcionar o general Silva Barbosa e dois batalhões da coluna que lutara em Canudos que chegariam ao Rio de Janeiro a bordo do navio *Espírito Santo*, quando um grupo começou a instigar a população a provocar o presidente, nesse momento o soldado Marcelino Bispo disparou contra Prudente de Moraes que desviou; o marechal de guerra procurando defendê-lo derrubou o agressor que acabou esfaqueando Bittencourt. O atentado acabou servindo para beneficiar o presidente que recuperou a popularidade e recebeu apoio de parte da imprensa e de parlamentares, a litografia abaixo ilustra na parte superior a cena do atentado e abaixo o cortejo fúnebre do ministro da guerra.

¹⁶ Médico, governador do Pará, presidente do Clube Republicano e senador em 1890



Fonte: Litografia de Ângelo Agostini.
Acervo do Museu Republicano de Itu,
(MP – USP).

O inquérito aberto pelo delegado auxiliar Vicente Neiva arrolou entre os suspeitos de envolvimento militantes oposicionistas que criticavam o presidente através dos jornais entre eles Alcindo Guanabara, Barbosa Lima, Tomás Cavalcanti, Albuquerque Maranhão e Santa-Anna Nery. Esses jornalistas foram presos e desterrados para a ilha de Fernando de Noronha em 1898, e com a defesa de Rui Barbosa foram libertados. Assim que saiu da prisão Nery viajou para a França onde lançou o livro *Aux États Unis du Brésil* onde organizou os trabalhos do missionário francês M.T Durand, depois para Lisboa publicando o livro *De paris a Fernando de Noronha* que narra sua participação no movimento político de 1897. De acordo com Borges¹⁷, o autor teria ficado muito deprimido, se achando injustiçado com a prisão e o desterro, apesar de ter recebido apoio de amigos e admiradores.

¹⁷ BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. p. 164-165.

No início de 1901 o autor retornava a Paris, local onde faleceu no dia 03 de junho, seu corpo foi transportado para Manaus e enterrado no cemitério de S. João Batista. Silvério Nery, na época era o governador do Amazonas e a obra *O país das Amazonas* no *Álbum do Amazonas* foi erguida uma estátua em sua homenagem.



Fonte: Biblioteca Virtual do Amazonas. Disponível em www.bibliotecavirtualdoamazonas.org.br.
Acessado em 11 dez. 2006.

Santa-Anna Nery viveu a maior parte da sua vida na Europa, mas sempre esteve ligado ao Brasil sentia-se ao mesmo tempo paraense e amazonense. Enquanto esteve no exterior procurou expor uma imagem positiva de sua região, principalmente, a partir de 1881, quando começava a circular o periódico *Le Brésil*, que era dirigido por ele.

Apesar de não se importar muito com a posteridade de sua imagem pessoal e sim com sua “missão”, outros membros da família Nery, atuantes na política do Amazonas, procuraram perpetuar a memória de seus familiares ilustres, nas ruas e em alguns monumentos de Manaus, e assim ocorreu com Santa-Anna Nery.

Para entender as motivações desse autor é necessário conhecer os “mundos” em que ele vivia, ou seja, entender a percepção do autor dos espaços em que transitava buscando o processo de criação e de cumprimento dessa “missão” que interagiu com todo um modelo de

sociedade desejado pelas elites amazônicas. Este capítulo procura analisar a atuação política de Santa-Anna Nery e sua busca em estabelecer vínculos entre a Amazônia e Europa.

1.1 Os mundos de Santa-Anna Nery

1.1.1.A Amazônia, um lugar de lembranças.

Santa-Anna Nery estava em Paris quando escreveu suas principais obras a respeito da Amazônia, portanto várias de suas referências estavam em seu próprio passado, em suas lembranças e nos objetos indígenas que ele guardava em sua coleção particular de “fetiches”. A sua vivência em meio às tribos indígenas quando acompanhava os projetos de catequese adquiria um outro valor, uma importância como objeto de pesquisa, que após ser estudado deveria ser eliminado. O passado provoca no autor duas reações uma de identificação e a outra de distanciamento.

A identificação com a cultura local se dava quando o autor descrevia memórias de sua infância, principalmente em *Folclore Brasileiro*, como as canções de origem portuguesa que ouvia de sua “babá”, e que lhe adormeciam:

Na Amazônia, encontrei uma cantiga de ninar de origem portuguesa que tinha sofrido profundas modificações. Reproduzo aqui as palavras e a música, tal como ficou gravada na minha memória desde minha infância: Tana, tana, tana, prepara-me a cama. / com quê que vou fazer?! Com pedaço de pau/ Cadê o pau?! O fogo queimou/ cadê o fogo a água apagou. /(...)

E assim sucessivamente: a lenga-lenga é verdadeiramente soporífera. Se apesar disso, a criança continua acordada, não consegue dormir, a solicitude maternal não deixa se abater; ela canta outra “dormeuse”, também de origem portuguesa: encontrei Nossa Senhora/ Na beira do rio/ lavando os paninhos/ Do seu bendito filho (...).¹⁸

Além de reproduzir canções de acalanto, relatava também seus medos de infância, baseados em crenças indígenas, que ocorriam mesmo vivendo em uma “grande cidade como Belém”, estas crenças só permaneciam porque o caráter supersticioso indígena “contaminava” a todos os que o cercavam, mas estavam prestes a desaparecer talvez pelo fato do “cidadino ser menos crédulo”:

¹⁸ NERY, F.S. *Folclore Brasileiro*. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992.p.51-52.

Quantas vezes não fui assustado pelo horrível matinta-pereira!

Durante a noite ouviam-se os gritos lúgubres e irregulares de um pequeno pássaro noturno, o matinta-pereira. As mães brasileiras, para assustar as crianças, contam-lhe que esse é o grito de uma feiticeira negra ou índia. Os mendigos, segundo a crença geral, não faziam nenhum escrúpulo de aproveitar-se do terror das crianças e da cumplicidade das mães.¹⁹

O autor rememorava sua participação em festas populares em *O país das Amazonas* como a “festa dos pais e dos amigos” celebradas no dia de seu santo patronímico e também nas festas juninas ambas de origem européia:

Em nossa infância, celebrava-se ainda a festa dos pais e dos amigos de modo bastante original. Na véspera do dia em que um brasileiro festejava seu santo patronímico, ele era seguido pelos amigos e membros da família, que se esforçavam em atar-lhe um laço de fita no braço. Em contrapartida, o festejado, objeto dessa atenção, devia-lhe corresponder com um bom jantar, ou pelo menos comum pequeno presente, a aqueles que o tivessem atado com a fita.

Algumas festas locais dão lugar a regozijos semelhantes aos de certas festas do mesmo gênero em algumas regiões da França.

Há novenas, á noite, na igreja da paróquia e nas praças, as pequenas barracas de feira fazem sucesso. O sacro se mistura como profano com uma ingenuidade encantadora. O brasileiro dessas plagas não acredita que Deus deva ser excluído dos divertimentos.

As festas de Santo Antônio, a 13 de junho, de são João, a 24 de junho, de são Pedro, a 29 de junho, ocasionam ainda fogueiras e recreações noturnas. A origem latina, a descendência ariana se revelam. O culto de Agni, o fogo criador, é associado ao culto dos santos venerados no solstício de verão.²⁰

Nestas memórias a respeito de sua participação nas manifestações culturais amazônicas, como canções, crenças e festas, o autor buscava transparecer aos leitores estrangeiros que ele e os outros amazônicos, igualmente civilizados, partilhavam de uma cultura semelhante à européia, eram latinos como eles, pois em sua infância, ouvia canções de origem portuguesa, participava de festas análogas às existentes na França e ainda comparava as festas juninas como exemplos da descendência latina e ariana, na cultura popular brasileira, associando-as ao culto do fogo criador. Ter medo da matinta-pereira era perdoável, porque além conviver à proximidade indígena, que contaminava a todos com o seu espírito “supersticioso”, a história tomava ares de contos infantis, devido à cumplicidade materna em manter essas historinhas de amedrontar crianças.

¹⁹ NERY. *Idem*. p.71-72.

²⁰ NERY, Frederico de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981. p.112-113.

O autor muitas vezes se identificava com os temas, demonstrando dessa forma a tensão que ocorre entre autores que possuem um passado comum com seu objeto de estudo, que acabam se descobrindo no discurso cultural da comunidade que se dispôs a interpretar²¹ mesmo tentando manter um distanciamento.

Santa-Anna Nery definia-se como amazônico quando se referia à população dos estados sempre se incluía utilizando expressões como “nós, os paraenses” e “nós, os amazonenses”, mas negava a todo custo uma identificação indígena. Ocorria que a região amazônica era percebida durante este período como um território selvagem, indígena e despovoado.

Na obra *O Pará em 1900*,²² Santa-Anna Nery mostrava-se muito incomodado com essa visão preconceituosa a respeito da Amazônia e de seus habitantes, segundo o autor a imagem negativa da população amazônica era elaborada principalmente pelos próprios brasileiros do sul e sudeste, para os quais os amazônicos eram:

Para o nosso patricio do sul, nós, os paraenses, somos ainda, por mais estrondosos que tenham sido os nossos recentes progressos, os ‘cidadãos do arco e flecha’, ludibriados por um estadista galhofeiro do tempo do império – os seringueiros <matutos> e endinheirados, de quem a opereta está prestes a fazer troça – os caboclos anêmicos e um tanto beribéricos que vivem, ou melhor, vegetam em estufa vegetal²³

O autor se incluía nessa imagem negativa dos paraenses vistos como os “caboclos beribéricos”. A descendência indígena unida a uma tentativa de civilidade provocava uma imagem caricaturesca dos “cidadãos do arco e flecha” e “seringueiros matutos” vivendo na selva, ou melhor, “estufa vegetal”. De certa forma, falar sobre Amazônia e sobre os índios era mencionar características de sua própria identidade como nativo; certamente, esse era um assunto muito delicado para o autor e possivelmente para outros intelectuais. Seu grande interesse era que sua região e seus habitantes se desvinculassem dessa imagem de atraso e passassem a ser notados pelos seus “recentes progressos”.

²¹ BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. SP: Martins Fontes, 1986.p.159.

²² A obra *O Pará em 1900* foi organizada sob ordem do governador José Paes de Carvalho e contém vários artigos da intelectualidade do final do século XIX sobre o Estado em relação à política, saneamento, imprensa, medicina, formação étnica da população, geografia e climatologia e visava à comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, aproveitando a ocasião para fazer propaganda do estado do Pará, visando atrair imigrantes estrangeiros.

²³ PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil. p.5.

Nos Oitocentos, enquanto a França figurava para o Brasil como um modelo de civilidade e modernidade, o imaginário francês sobre o Brasil estava ligado intrinsecamente à floresta, aos seus habitantes, a sua distancia e ao enriquecimento fácil. Apesar dos viajantes estrangeiros escreverem obras baseadas em pesquisas científicas, a imagem fantástica do Brasil como uma terra oposta à civilização era muito marcante, portanto tornava-se o cenário perfeito tanto para a subliteratura de pequenos romances e operetas como também exercia influência sobre os grandes literatos da época que de fato não estiveram aqui, mas, escreveram baseados nesse imaginário como: Balzac (na obra *A comédia humana* uma das personagens pensa em vir para o Brasil buscar fortuna); Julio Verne (que escreve o romance *A Jangada* cuja ambientação é na Amazônia); Guy de Maupassant (no conto *O Horla* um misterioso personagem invisível que adoece a todos teria vindo em um barco procedente do Rio de Janeiro); e Gustave Flaubert (em um de seus contos ocorre uma experiência formadora de um ser híbrido de macaco e ser humano, que era filho de uma negra brasileira).²⁴

Essa imagem exótica e fabulosa do Brasil é ainda presente na atualidade, um exemplo disso é a grande aceitabilidade de obras sobre as regiões amazônica e nordestina nos salões do livro em 2004, em Paris. De acordo com o brasilianista Pierre Rivas, no artigo *Leituras Brasileiras na França*, a “geografia mítica do Brasil francês é circunscrita ao Nordeste e a Amazônia”²⁵, pois para este autor os leitores franceses continuam seduzidos pela alteridade brasileira.

A esse respeito, Nery recordava o grande o aborrecimento causado por perguntas “ingênuas” feitas a ele em colégios e universidades européias, quando lhe perguntavam se as roupas dos amazônicos eram feitas de penas azuis...

Quantas vezes nos foi perguntado, durante nossa longa estada na Europa, em colégios e universidades que freqüentamos, se dormíamos ao ar livre, se tirávamos água da fonte em crânios mortos, e se nossas roupas eram feitas com plumas de pássaros azuis! Infelizmente, tivemos que responder a essas ingênuas perguntas, que tínhamos deixado contagiar pela prosaica civilização européia; que trocamos o arco secular pela carabina Miner; que introduzimos o conforto em nosso meio selvagem, e que as cidades, as aldeias e os simples povoados do nosso Amazonas substituíram vantajosamente as cabanas de folhas ou de terra batida que os europeus gostam de se representar em seus sonhos de Robinsons suíços.²⁶

²⁴ CORRÊA, Mônica. Escritores Pseudoviajantes. *Historia Viva – Grandes Temas- A Herança Francesa*, São Paulo, v1, n 9,2005. p.57.

²⁵ RIVAS, Pierre. Leituras Brasileiras na França. *Ibidem*. p.96.

²⁶ NERY, Frederico de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981.p.110.

A grande motivação pessoal do autor em se tornar um divulgador da Amazônia do “porvir” era justamente se libertar da imagem de selvagem, que o acompanhou durante seus primeiros anos na Europa. Trabalhando por um projeto civilizatório na região para provar que realmente se tinha introduzido o conforto no meio selvagem, e que contagiados pela “prosaica civilização européia” os amazônicos teriam “trocado o arco pela carabina Miner”. Desse modo, Nery enfatizou a elegância dos amazonenses fazendo questão de criticar sua excessiva busca em seguir a moda européia, um “absurdo” em um clima quente:

O habitantes do alto Amazonas se acredita obrigado a se submeter aos cortes das vestimentas européias (...).

Se os habitantes do alto Amazonas obedecessem menos aos preconceitos da moda e seguissem um pouco mais as simples indicações da higiene, só se vestiriam de flanela ou tecidos de seda, e usariam o capacete usado pelos ingleses.²⁷

As roupas dos amazonenses, a despeito do clima, seguia um padrão europeu com tecidos de seda, algodão e musselina. Para os homens traje a rigor em cores escura e chapéu de seda, as mulheres vestiam tecidos mais leves, mas que conservavam um “certo toque parisiense”. Escrevendo sobre suas memórias o autor defrontava-se com uma imagem que os europeus tinham de sua região, imagens que ele interpretava como sendo negativas e com as quais ele mesmo conviveu, essa imagética atribuía a sua região de origem ser um território natural e marcadamente indígena, no qual seria comum vestir-se com penas de aves e dormir ao ar livre. Sua posição é por um lado afirmar as possibilidades de progresso e de civilização quando descreve que os habitantes do vale do Amazonas usavam roupas elegantes e ao mesmo tempo valorizar as diferenças e as especificidades da região quando criticava a imitação da moda européia, sugerindo tecidos mais finos e proteção para o sol.

Um trecho interessante das memórias do autor foi quando ele e um amigo assistiram a um “tira o coco” (recitação de versos por um solista, respondido pelo coro e com o acompanhamento de um pandeiro) em uma festa de Pentecostes. Em uma noite de maio de 1887, Santa-Anna Nery e o escritor Domingos Olímpio Braga Cavalcant²⁸ iam de canoa para uma casa de campo nas imediações de Manaus, como estava escuro, a canoa se perdeu em um igarapé, quando os dois ouviram sons de tambor e resolveram atracar, em uma casa rústica um grupo de tapuios e mestiços comemoravam Pentecostes, cantando num “tom gritado”; para o

²⁷ PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil.p.111

²⁸ Redator do Diário do Grão-Pará e autor do famoso romance Luzia-homem.

autor, ficou claro uma coisa: “os indígenas catequizados conservavam em suas festas os vestígios manifestos do fetichismo primitivo”²⁹.

Esta pequena narrativa aponta para uma persistência das manifestações tradicionais populares, ao contrário do que o autor procurava afirmar, próximo da “civilidade” de Manaus a religiosidade popular vigorava com o seu temido “fetichismo primitivo”, sendo um incômodo e ao mesmo tempo uma valiosa “fonte de estudo” para os dois intelectuais.

Nessa busca de sua própria identidade, Santa-Anna Nery criou uma “missão” de divulgador de sua terra na Europa, procurando a todo tempo combater tudo que de negativo se dissesse da Amazônia, e participou ativamente do processo de construção de uma identidade regional e nacional que foi uma característica marcante no final do século XIX e início do XX, aliava esse empenho nacionalista a motivações subjetivas, pois como lembrava Geneviève Bollème, apesar da ligação dos intelectuais tradicionais com o povo ser sempre próxima, na maioria das vezes eles davam mais contribuições a suas contradições pessoais do que ao povo :

O intelectual tradicional sempre foi um homem que refletia sobre sua condição e tinha por ela um interesse constante, pois dela dependia, afinal, sua palavra seus escritos, sua função. É um homem, como dizia Sartre em seu *Plaidoyer por les intellectuels* que fala do povo que vem até do povo e por ele se interessa, com as contradições que lhe são inerentes, e que, no final das contas, dá mais às suas contradições do que ao povo.

³⁰

Santa-Anna Nery se adaptava perfeitamente a esse contexto de proximidade e distanciamento do intelectual tradicional, ele se originava da região, se interessava por sua cultura e dependia dela, mas era motivado por contradições pessoais em relação a sua própria alteridade. Ele se assumia como amazônico, mas via-se como um nativo quase português, um brasileiro branco e civilizado, e procurava ainda uma identificação maior dos países sul-americanos com a Europa, uma origem latina.

Para ele a Amazônia selvagem, inculta e atrasada, não existia ou não deveria existir, ele a identificava com o passado, com as lembranças, a cultura da região servia apenas como objeto de estudo. Santa-Anna Nery lembrava de Paris uma Amazônia morta ou em processo de morte, pois, “o ‘popular’ só agrada àqueles que o mantêm à distancia na medida que não é mais perigoso”³¹. A Amazônia de Santa-Anna Nery era a terra das possibilidades, das

²⁹ NERY, F.S. Folclore Brasileiro. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992. p.76.

³⁰ BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. SP: Martins Fontes, 1986. p.58.

³¹ Ver o prefácio de Jacques Le Goff in *O povo por escrito*. SP: Martins Fontes, 1986.p.19.

riquezas ocultas ele divulgava na Europa a imagem do Eldorado, do paraíso, do futuro; nela não caberia mais a primitiva e supersticiosa cultura de origem indígena.

A missão de lutar contra a imagem de “cidadãos do arco e flecha” que “vegetavam numa estufa vegetal”, teve em Nery um dos seus mais ativos defensores, ele era considerado na Amazônia uma unanimidade em patriotismo e propaganda no exterior. A análise dessa “missão” do propagandista na Europa observará momentos importantíssimos do envolvimento do autor em projetos que visavam o desenvolvimento do Brasil e também da Amazônia: a *Revue du monde Latin* e a Exposição Universal de Paris em 1889.

1.1.2. A Europa, onde nascia uma missão.

1.1.2.1. A *Revue du Monde Latin*

A *Revue du Monde Latin* teve origem de um movimento literário do início do século XIX denominado *Félibrige*, esse movimento foi fundado pelos poetas provençais e estudiosos da cultura popular Frederic Mistral (1830-1914) e Roumanille (1818-1889). Era uma associação literária que reunia escritores provençais que buscavam restituir a pureza e a qualidade dessa língua, a *Félibrige* fez sucesso no círculo cultural da época especialmente entre os Catalães. Essa união catalão-provençal cederia espaço paulatinamente à idéia de fraternidade cultural entre os países latinos; em 1870 essa idéia ganharia mais força com a proposta do panlatinismo, ou seja, uma vontade maior de reunir os povos latinos culturalmente³².

O termo América latina foi criado pelo diplomata paraguaio Carlos Calvo numa compilação de documentos diplomáticos dedicados a Napoleão III em 1862. Essa denominação se constituía no desejo de reunir sob tutela francesa os países americanos que não partilhassem da herança anglo-saxônica, negando os elementos índios e negros e ressaltando a união pela cultura de origem latina e pela religião católica, à França caberia o papel de defensora da latinidade.

Partindo dessa idéia, Charles de Tourtolon que era membro ativo do movimento *Félibrige* e amigo de Frederic Mistral, fundou a revista em 1883. Esta publicava artigos sobre

³² SANTOS, Marie dos. *Revue du Monde Latin et le Brésil*. Paris : Cahier du Brésil Contemporaine, 1994. p.1.

literatura, história, política, economia e ciências, e contava com jornalistas de diversos países europeus e latino-americanos, com a missão de representar e defender os interesses dos povos latinos. É relevante mencionar que em 1895, a revista realizou uma pesquisa a respeito da formação das famílias nobres da França, esse recenseamento foi encomendado pela *Société Heráldique et Genealógica de France*.

O Brasil tinha uma participação significativa, pois contava com dois intelectuais na direção da revista: o Conde de Barral³³, e é claro Santa-Anna Nery que participou do comitê fundador em 1883 e do financiamento da revista, tornando-se redator chefe em 1885. Em 1888 o Conde de Barral assumia a direção da revista e os artigos brasileiros tomavam a defesa do regime monárquico no país, e mesmo antes da direção de Barral, a revista tinha inclinação a favor desse sistema de governo, contando com o apoio de Nery. Após a proclamação da república, continuou a circulação de artigos elogiosos a D. Pedro II que o tratavam como um “homem de ação”.

Em relação ao Brasil, a revista procurava divulgar a imagem de um país que estava em pleno progresso, era aberto aos investimentos estrangeiros e a imigração, que possuía uma população pacífica sendo justo e livre:

l (le Brésil) ne lui suffit pas de posséder l'une des plus libérales constitutions du monde moderne et un souverain à la hauteur de ses aspirations, il s'efforce sans relâche de perfectionner les institutions politiques qu'il s'est données, en les mettant au niveau des nécessités nouvelles de son évolution sociale. Il ne se contente pas d'être l'un des pays les plus riches du globe en productions naturelles. Il assure sa prospérité intérieure en multipliant les voies de communication, et en reliant les provinces les plus lointaines aux principaux marchés de son vaste littoral... Les capitaux sont sûrs d'y trouver une sécurité proverbiale et une rémunération inconnue dans le vieux monde... L'immigration allemande, suisse, portugaise et italienne a trouvé dans cet Empire l'aisance et le bien-être³⁴.

³³ O conde era francês, porém, tinha grande ligação com o governo imperial defendendo sempre os interesses brasileiros, sua esposa a Condessa de Barral era uma amiga próxima de D. Pedro II e preceptora das princesas Isabel e Leopoldina.

³⁴ NERY, Frederico de Santa-Anna. Les aborigènes du Brésil, à propos de l'exposition d'anthropologie brésilienne de Rio de Janeiro. *Revue du Monde Latin*. Paris, v1, t.1, set, 1883, p. 96. “Ele (o Brasil) não se satisfaz de possuir uma das mais liberais constituições do mundo moderno e um soberano a altura de suas aspirações, ele se esforça, sem tornar-se menos cuidadoso, estando determinado com o aperfeiçoamento das instituições políticas, e também ao nível das novas necessidades de sua evolução social. Ele não se contenta nem em ser um dos países mais ricos do globo em produção natural. Ele assegura sua prosperidade interna multiplicando os meios de comunicação em relação às províncias as mais longínquas de seu vasto litoral... Os capitais, neste local, estão acima do que se imagina, uma seguridade proverbial ignorada no velho mundo... A imigração alemã, suíça, portuguesa e italiana encontraram neste império a passe-livre e bem-estar”.

O discurso propagava um Brasil que aparentemente era europeu em prosperidade, comunicação, e por possuir instituições sólidas, com o diferencial de possuir uma excelente produtividade natural e um território bastante superior. O Brasil de Nery era idealizado, ele divulgava apenas as melhores características para que estas pudessem atrair imigrantes. Escreveu também vários artigos a respeito da cultura popular amazônica, especialmente a respeito das crenças e rituais indígenas, divulgava também os trabalhos de escritores brasileiros e pesquisas de importantes instituições brasileiras como o IHGB.

A *Revue du Monde Latin* era um veículo perfeito para a propaganda, pois dava liberdade aos intelectuais para que escrevessem a respeito de vários aspectos de seus países de origem; era principalmente uma revista que procurava uma unidade entre a Europa e a América sob o signo da latinidade: “L'Amérique latine doit être la grande source des nations latines de l'Europe, leur nouvelle patrie d'émigration, le vaste débouché de leurs produits”³⁵. E claro que sempre que fosse possível ele convidava os leitores da revista a conhecerem o Pará e o Amazonas.

Apesar do cunho nacionalista, os artigos de Nery expressavam uma aproximação ao modelo de desenvolvimento francês próprio das elites brasileiras da época, ele próprio simbolizava a união cultural entre esses dois países. Essa tendência do autor em se tornar um “elo vivo” de comunicação entre os dois países se fortaleceu em 1887, com a fundação da Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros³⁶ que fazia propaganda do Brasil, por meio de exposições de diversos produtos brasileiros, Nery patrocinou sua fundação. Esta instituição, além de reunir intelectuais interessados no estudo de assuntos brasileiros, possuía uma grande biblioteca aberta ao público e ofertava cursos gratuitos de língua portuguesa.

A *Revue du Monde Latin* foi um importante veículo de divulgação e propaganda, Santa-Anna Nery se envolveu na maior parte dos projetos que tinham esse objetivo, principalmente exposições internacionais; a mais famosa, foi a Exposição Universal de Paris em 1889.

³⁵ NERY, Frederico de Santa-Anna. L'Empire du Brésil. *Revue du Monde Latin*. Paris, v1, t.2, jan, 1887, p. 96. “A América Latina ainda é a grande saída para as nações latinas da Europa, é deles a nova pátria da imigração, ao vasto desembarque de seus produtos”.

³⁶ BARRAL, Conde de. La Société Internationale d'Etudes Brésiliennes. *Revue du MondeLatin.*, v1, t.2, nov, 1887.

1.1.2.2. A atuação de Santa-Anna Nery na Exposição Universal de Paris em 1889.

As exposições internacionais e os congressos científicos estavam ligados intimamente à defesa dos interesses nacionais, pois a participação nesses eventos aumentava o prestígio dos países e indicava o grau de desenvolvimento científico destes; eram momentos também de confraternização, discursos e mundanidades. O aproveitamento do espaço de representação para esses objetivos políticos, pela comissão dos estados, ficou mais destacado a partir da Exposição Universal de Paris em 1889³⁷.

A política de propaganda brasileira no exterior, durante o período imperial, foi bastante intensa; o país participou de praticamente todas as reuniões internacionais desde a Exposição Internacional do Palácio de Cristal, em 1851, em Londres e até o Primeiro Congresso internacional de Ciência, Geografia, Cosmografia e Comércio que foi realizado na Antuérpia em 1871.

Na Exposição Universal de Paris, entre os propagandistas mais destacados na representação do país, estavam os senhores Amedée Prince, Santa-Anna Nery e Eduardo Prado que atuaram na França para a Exposição Brasileira, recebendo apoio da comissão Central do Rio de Janeiro e patrocínio do ex-imperador D. Pedro II. A respeito da importância em participar dessa exposição, o presidente da comissão paraense, Barão de Marajó afirmava: “Trabalhamos no intuito de conseguir que o Pará fosse dignamente apresentado na grande festa do progresso e civilização do mundo, a Exposição Universal de Paris”³⁸.

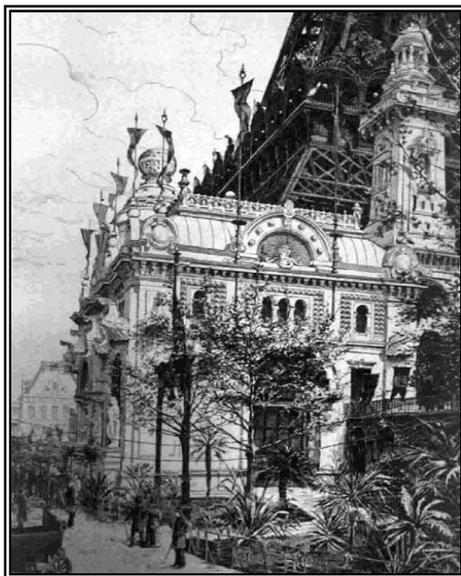
A exposição era vista como a festa do progresso e civilização no mundo, portanto, os estados deveriam procurar se sobressair. Os estados amazônicos enfrentaram problemas logo de início, porque não receberam um pavilhão próprio e teriam que dividir o espaço com o

³⁷ SUSPO, Hugo R. Ciência e relações internacionais – O congresso de 1905. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1. 2003. p.13.

³⁸ PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Internacional de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.1.

destinado aos objetos incas, o pavilhão amazônico foi montado um pouco antes do início da exposição; outro problema foi que os “vinhos” amazônicos foram considerados de baixa qualidade diante dos outros estados do país, além disso, um quadro feito com folhas levado pela comissão do Pará não teria sido bem recebido, é bom frisar que os comentários teriam sido feitos pelos delegados de outros estados brasileiros. As exposições mostravam-se um palco perfeito para intrigas e competições entre os estados e entre países, nesse sentido, a elite intelectual amazônica nesses momentos se unia, compartilhando dos mesmos valores e querendo fazer uma boa apresentação em Paris.

Foto 3: Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Paris em 1889.



Fonte: Relics and selves. Disponível em www.bbk.ac.uk/. Acessado em 11 dez. 2006.

Dessa forma, o Barão de Marajó³⁹ relatava que diante dessas pequenas dificuldades a presença de Santa-Anna Nery teria sido fundamental, por apoiar incondicionalmente os estados amazônicos e em especial ao Pará nas questões do quadro e do vinho, sendo o único da comissão brasileira em Paris a assumir esse papel. O apoio recebido pelo propagandista, fez com que o barão de Marajó exagerasse nos elogios, possivelmente, ele deve ter se impressionado com o gasto de Nery com a *Revue du Monde Latin* e com sua atuação realmente incansável de defender os “interesses da Amazônia”:

³⁹ Filósofo e matemático formado em Coimbra, era ligado a política ocupou vários cargos públicos importantes.

Pede a justiça que entre os membros do commissariado distinga um pelos seus serviços prestados ao Brazil, e especialmente ao Pará e Amazonas; refiro-me ao sr. Sant'Anna Nery, que pelo seu trabalho incessante já na imprensa, publicando o seu jornal América, para o que não poucos sacrificios se impõe, já por diversas publicações como o “Guia do Emigrante”, escrito em totalidade por ele, e o bello livro “ O Brasil em 1889” no qual além de diversos artigos escriptos, tomou a si a coordenação e a revisão, finalmente por repetidos artigos, notícias e retificações em diferentes jornaes, pelo papel que desempenhou em numerosos congressos, se torna mais útil para o Brasil na Europa do que a maior parte dos nossos diplomatas. É um acto de justiça o exprimir-me assim em relação a esse nosso compatriota, e esses serviços que ainda não foram galardoados pelo Brasil já o foram pelo governo francês que lhe conferio a distinção de official da Legião de Honra.⁴⁰

É certo que Santa-Anna Nery ajudou a montar o Pavilhão Amazônico; por meio de seus contatos, ajudou a delegação a conseguir um espaço exclusivo. A exposição intitulada: “Monumentos históricos da habitação humana” (que estava sob a responsabilidade do expositor Ladisllau Netto) continha objetos da coleção etnográfica particular de Nery, e do barão de Marajó, sendo que o último destaca várias vezes no texto que era o proprietário da peça mais chamativa da coleção: uma cabeça de índio mumificada. Esta exposição foi o principal destaque da delegação paraense com seus ídolos, vestuários, utensílios e cerâmicas de origem indígena.

Percebo no objeto mais apreciado da exposição, uma crítica ao imaginário indígena relacionado à Amazônia, os paraenses mostravam aos participantes da “grande festa do progresso e da civilização do mundo” que não eram índios e que estes estavam em um passado distante que se pretendia “morto e mumificado”, para estudo e contemplação do passado comum da humanidade, a cabeça era o grande símbolo da morte do atraso e da cultura primitiva. Havia uma “euro-amazônia” sonhada e vivida pelas elites regionais que deveria ser um espaço de civilidade em meio á selva, nesse sentido, destaco dois projetos voltados para a modernização do espaço amazônico que tiveram a participação de Santa-Anna Nery: a catequese indígena como um projeto de modernidade e um projeto frustrado para a vinda de imigrantes italianos para o Pará.

⁴⁰ PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Internacional de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.29-30.

1.1.3. A “Euro-amazônia”

1.1.3.1. O apoio aos “velhos católicos”.

Santa-Anna Nery foi praticamente criado em um seminário, em 1862 fez parte da comitiva do bispo do Pará, d. Antônio de Macedo Costa, na primeira visita pastoral deste ao Amazonas.

Em 1862 eu passava por Serpa, vindo de Manaus. Esta vila do alto Amazonas, situada na margem esquerda do grande rio, foi fundada nos meados do século XVIII. A época em que ali estive, ela guardava ainda o nome português de Serpa; atualmente, readquiriu seu nome indígena: Itacoatiara, isto é, pedra pintada. (...) Em 1862, pequeno vaso de guerra ali tinha me conduzido o venerável e sábio bispo do Pará, d. Antônio de Macedo Costa, o apóstolo querido destas regiões, que procura hoje dotá-la de uma basílica flutuante, da qual toda a imprensa européia se ocupou há algum tempo. Eu fazia parte da comitiva do ilustre prelado.⁴¹

Esse relato foi publicado em 1889, percebe-se nele uma grande consideração do autor para com o bispo denominado elogiosamente de “sábio”, “venerável”, “apóstolo querido” e “ilustre”. Toda essa consideração era natural, pois, o bispo o apoiou sua viagem a Paris e o recomendou ao seminário de Saint Sulpice. Apesar de não ter se tornado padre, ele esteve ligado ao vaticano desde 1868 quando seguiu para Roma, para cursar doutorado em direito; sendo redator da revista católica *La esperanza*. Não podemos esquecer que seu título de barão foi concedido pelo papa por defender os interesses do Vaticano, e que somente em 1872 ele deixou a redação da revista declarando que se separava dos “velhos católicos”, mudando-se em 1874 para a França.

Inclusive Nery apoiou um singular projeto de catequese indígena elaborado por d. Macedo Costa. O bispo expôs seu projeto em 1883, na Assembléia Provincial do Amazonas, o plano consistia na construção de um navio apostólico para a ação pastoral e missionária fluvial da região amazônica denominado de "Christophoro"⁴²:

⁴¹ NERY, F.S. *Folclore Brasileiro*. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992. p. 151.

⁴² Significa “o portador do Cristo”.

Este navio-missionário medirá 120 pés de comprimento, e de largura 30, tendo o menos possível, a fim de poder livremente viajar não só no Amazonas, senão também nos seus afluentes, na cheia, como na baixa das águas.

Em fim nada se poupará para que esta primeira basílica fluctuante especialmente consagrada ao santíssimo sacramento, seja em tudo digna de seu divino objeto, e torne-se por sua elegância e esplendor um motivo de justo orgulho e glória para o Amazonas, e edificação do mundo inteiro(...).⁴³

Tal será a missão do CRISTOPHORO, - é o nome do nosso vapor, que quer dizer portador do christo; - facilitar a difusão do fecundo germe da civilização christã até pelas mais incultas e remotas paragens da Amazônia.

Esse navio seria um templo flutuante construído artisticamente por especialistas europeus que percorreria o Amazonas com um grupo de sacerdotes de sólida formação para a pastoral das populações ribeirinhas e para a catequese indígena a metodologia para o ensino seria a utilização da música sacra. Para as celebrações, o navio-igreja possuiria um órgão, instrumento pouco encontrado nas igrejas e capelas da região, representando uma singular atração para os habitantes de povoações menores e para os índios. Em uma nota do *Diário de Notícias* consta que o governo do Amazonas teria doado a esse projeto apenas 1000 libras sterlinas o que deixou um jornalista indignado com a “esmola”:

O Navio Igreja

Por uma carta, que nos foi confiada soubemos que o sr.D. Antônio obtivera da Companhia do Amazonas, em Londres, a esmola de 1,000 libras sterlinas para ocorrer as despesas do *Christophoro*.

E’ destinado o navio igreja ao desenvolvimento social da região Amazônica; e não se negando, antes, de boa vontade, para isso contribuindo para a dita directoria, provou com seu procedimento, de parte a idéia religiosa, o interesse que tem pelo progresso da Amazônia, ao qual se acham vinculados os seus próprios interesses.⁴⁴

O navio não se destinava apenas à ação religiosa, mas ao progresso da Amazônia, assim como o jornalista mencionado, ao apoiar o projeto do Christophoro, Santa-Anna Nery demonstrava que a catequese indígena e a imigração estrangeira faziam parte de seu projeto para o futuro da região. Um exemplo desse apoio do autor à catequese indígena é o elogio que ele fez ao Instituto Agrícola de Artes e Ofícios do Rio Tefé fundado pelos padres da Congregação do Santo Espírito em 1897:

⁴³ COSTA, D. Antônio de Macedo. *A Amazônia – Meio de desenvolver sua civilização*. Pará: Typ do livro do Commercio, 1883.

⁴⁴ _____. O Navio Igreja. *Diário de Notícias*, Belém, 18 mar. 1885.

Embora muito recente, o estabelecimento se encontra em plena prosperidade, e é preciso esperar que a ajuda do estado não lhe falte, já que a obra é daquelas que se recomendam por si mesmas. Em vez de tentar atrair para a civilização índios adultos, tarefa que lhes parece ainda mais efêmera em seus resultados que difícil na aplicação, os padres do santo espírito parecem decididos a empreender uma obra mais racional; criam escolas de ensino prático e moderno para formar o coração e o espírito dos jovens índios, que mais tarde, torna-se-ão os propagadores desses métodos sadios em seu próprio meio. O projeto é ousado e bem digno da inteligência do grande prelado que o inspirou, o monsenhor Roy, superior geral da Congregação do Santo Espírito, com residência em Paris.⁴⁵

Esses projetos de catequese e educação indígena que Santa-Anna Nery apoiava faziam parte de um vasto programa de reformas denominadas “Romanização”, que foi imposta pela igreja católica no final do século XIX. Esse programa representava no Brasil a reação de uma ala conservadora da hierarquia católica contra o regime do padroado imperial, ou seja, buscava aproximar o catolicismo vivido pelos brasileiros dos ditames da Santa Sé, em Roma. Dessa forma, as práticas da religiosidade popular foram pensadas como algo arcaico, obscuro e selvagem e que, portanto, deveriam ser extintas para o bem do catolicismo.

E d. Macedo Costa, o “apostolo querido” de Santa-Anna Nery colocou-se ativamente contra todos os tipos de manifestações, rituais e formas populares de devoção, procurando cumprir as diretrizes do vaticano. De acordo com Figueiredo,⁴⁶ a romanização e diversas ideologias uniam-se contra as tradições populares, vistas como superstições arcaicas, em favor da civilização nos trópicos:

Intendente, bispo, delegado, propagadores de ideologias diversas — da “ciência positiva” ao “discurso moralizador e romanizado” — todos como que deixavam suas divergências de lado, para que, quando no trato com as tradições religiosas populares, estivessem unidos bradando em favor da civilização nos trópicos, da racionalização dos hábitos do povo, vistos como impregnados de superstições, crenças arcaicas e práticas sociais que beiravam à selvageria. Por outro lado, eu tinha consciência que esse grande número de fontes documentais mostravam a persistência de tradições religiosas populares como um *locus* dinâmico de conflitos e alianças com setores dominantes da sociedade local.

Santa-Anna Nery era um dos que “bradavam pela civilização”, ele via na religião “romanizada” uma oportunidade de desenvolvimento para a Amazônia, no entanto, o contato com os “velhos católicos” e o apoio a essas idéias não foram tão constantes a partir de 1874,

⁴⁵ NERY, Santa-Anna. *Idem*. p.115.

⁴⁶ FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo (1887-1950)*, Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1990. p.10-11.

quando a atuação do autor em conjunto com os governos tornava-se mais próxima, principalmente em 1881 quando iniciou a publicação do periódico *Le Brésil*, veremos no sub-capítulo seguinte mais detalhes a respeito de uma proposta feita pelo autor de representar oficialmente o Pará na Europa.

1.1.3.2. Um plano para a imigração

Na região Amazônica, a mão-de-obra imigrante era percebida como uma forma de solucionar o problema da falta de trabalhadores, principalmente na agricultura diversificando uma economia dependente da atividade extrativa, porém não a excluindo. O conselheiro Francisco José Cardoso Junior, que foi vice-governador da Província do Pará no final da década de 1880, período próximo ao final do Império; expõe esse interesse econômico de forma bem clara:

Compreendo que se procure melhorar a lavoura para qual o Pará oferece excellentes terras, não só largando a sua esphera como aperfeiçoando os seus processos; mas não me parece de bom aviso que o estado faça propaganda contra a industria extractiva, procurando impor á província a agricultura. Si a borracha offerece nos mercados estrangeiros um preço remunerador, si este gênero existe na Amazônia em quantidade e qualidade superior á de outra região, si ella é absolutamente indispensável para os innumerables misteres da industria, não sei que necessidade tem a província de fazer guerra á uma industria que tem como resultado attrahir os capitaes de que tanto carecemos, e que tanto affluiram em tão grande quantidade si outras fossem as nossas fontes de riquezas.⁴⁷

O conselheiro da província via a necessidade de diversificar a economia investindo na agricultura, já que considerava as terras paraenses excelentes para a lavoura, mas achava precipitada a política de imposição da agricultura em detrimento das atividades extrativas. Para ele a indústria extrativa da borracha era lucrativa e oferecia uma grande quantidade de capitais, além disso, a borracha era um produto indispensável para o funcionamento das indústrias modernas. Não era somente o interesse econômico, a imigração fazia parte de um projeto maior de civilização na Amazônia relacionado a um “vazio demográfico”, sendo necessário um impulso povoador que gerasse uma sociedade agrícola e sedentária⁴⁸.

⁴⁷ Fala com que o Exc.Sr Francisco José Cardoso Junior, vice presidente da província. 20 de outubro de 1887. Pará. Tipographia do Diário de Notícias, 1887. P.12

⁴⁸ OLIVEIRA, João Pacheco de. O Caboclo e o Brabo. (org) SILVEIRA, Ênio et al. *Encontros com a Civilização Brasileira, V.11*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.106.

De acordo com Bertonha⁴⁹ o que de fato provocou uma explosão de imigrantes no país foi o problema da falta de mão-de-obra, necessária para manter as lavouras de açúcar, mate, fumo e acima de tudo o café; esta necessidade foi intensificada com o fim do tráfico negro, pois, a possibilidade de comprar escravos africanos não existia mais, e os fazendeiros começaram a se preocupar, efetivamente, com a atração de novos trabalhadores para a produção das fazendas no início da década de 1880. No caso do Pará, o debate acerca das relações de trabalho foi intensificado na segunda metade do XIX; nesse sentido, foram apresentados vários projetos que indicavam diversos caminhos para o trabalho assalariado ou não-escravo, entre estes, uma das principais propostas era a substituição do trabalho compulsório pelo livre executado por imigrantes.

Em um dos relatórios do governo da Província paraense, o Conselheiro Francisco José Cardoso Junior fez a seguinte afirmação:

E' com todo o fundamento que tem este assumpto occupado o estudo dos que estão entre nós á testa dos negócios públicos. Como todos os países da América latina e mais do que qualquer um d'elles, necessita o Brazil de uma corrente bem dirigida de immigração, que venha explorar nossas riquezas naturaes, dando-lhes valor perante os grandes mercados do mundo pela transformação que n'ella opera um trabalho inteligente e uma industria de acordo com os progressos scientificos. Insistir na necessidade de immigração é tarefa ociosa, pois impõe com toda a evidencia áqueles que se interessam pelas cousas pátrias. Toda a questão versa sobre os meios práticos de realizar a idéa, não só quanto ao systema a seguir para attrahir immigrants e lhe dar o conveniente destino, como ao local que de preferênciadeve ser escolhido⁵⁰.

Nesta fala, a utilização da mão-de-obra do imigrante europeu é citada como um símbolo do trabalho inteligente que provocaria a formação de uma indústria de acordo com os “progressos científicos”, servindo também para estimular uma efetiva exploração dos recursos naturais da floresta; surge uma associação entre o trabalhador livre e imigrante com a modernidade que se esperava, da mesma forma o trabalho escravo era percebido como uma característica do “atraso” em relação aos países da Europa.

Na região sudeste o trabalhador imigrante era considerado como uma alternativa à manutenção da lavoura cafeeira, uma opção mais lucrativa, do que contratar os ex-escravos para continuarem o trabalho agrícola. Apesar dessas ideologias, alguns fazendeiros continuaram usando a força de trabalho de seus antigos escravos. Havia também a questão de que se acreditava que os imigrantes ajudariam no “embranquecimento” da população

⁴⁹ BERTONHA, João Fábio. *A Imigração Italiana no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2004.

⁵⁰ Fala com que o Exc.Sr Francisco José Cardoso Junior, vice presidente da província. 20 de outubro de 1887. Pará. Tipographia do Diário de Notícias, 1887. P.10

brasileira, sendo que seria uma importante medida para a formação de uma sociedade civilizada seguindo os padrões europeus.

Segundo Schawarcz⁵¹, (em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país) as teorias raciais se apresentavam como um modelo teórico viável na justificação de um complicado jogo de interesses que misturavam problemas relativos às questões econômicas e trabalhistas, conservação de hierarquias sociais e formação de um projeto nacional.

No documento que notifica a criação da Sociedade Paraense de Imigração⁵² a imigração estrangeira era vista como um “poderoso elemento”, de que se necessitava para a prosperidade da região Amazônica, juntamente com o aumento das comunicações do estado do Pará com outros estados e países; através de meios de transporte terrestre e fluvial. Segundo o documento, a comunicação do estado por meio de vias fluviais era considerada um ponto iniciado e com elementos de vitalidade, faltando apenas um aumento dos meios de transporte terrestre.

Dessa forma, faltava para o efetivo desenvolvimento dos recursos naturais amazônicos o aumento da população, pois, no estado do Pará acreditava-se que esta não ultrapassava 500 mil almas. A principal proposta da Sociedade Paraense de Imigração era promover a colonização das terras paraenses por trabalhadores estrangeiros considerados “braços laboriosos e úteis”, combatendo as idéias prejudiciais ao norte do império baseadas no pressuposto de que o colono europeu não poderia fixar-se na região em razão do clima ardente das terras equatoriais.

De acordo com Ventura⁵³ era comum nos textos do século XIX a incorporação da ideologia civilizatória e de teorias climáticas e raciais que levavam a uma relação eurocêntrica com seu local de origem levando a idealizações de padrões metropolitanos de civilização. Também por este motivo, os projetos de atração de imigrantes tiveram uma considerável importância durante esse período. Restava ao governo, saber como atrair imigrantes estrangeiros para uma região que era considerada inóspita por sua temperatura elevada e pelas frequentes epidemias.

Dessa forma, a propaganda era considerada uma medida essencial para a construção de uma imagem positiva da região amazônica. De acordo com Fontes⁵⁴: “foi uma questão central na virada do século XIX, e colocou governos, jornalistas, intelectuais, seringalistas,

⁵¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras:1993

⁵² Relatório do Governo da Província, Falla 1885. P.82-86

⁵³ VENTURA, 1991. *Ibidem*.

⁵⁴ Edilza Fontes, *Ibidem*. P.27

comerciantes e agricultores expressando suas opiniões sobre a região e suas necessidades”. Em São Paulo os agentes de propaganda recrutados pelo governo percorriam as cidades do norte da Itália e outras regiões da Europa,

em plena crise naquele momento dizendo maravilhas do Brasil e prometendo enriquecimento rápido e terra para os que quisessem emigrar. Além disso, esses agentes ofereciam aos imigrantes a passagem de navio, paga pelos governos paulista e brasileiro, o que estimulava a emigração daqueles que não podiam pagar uma passagem para a América por conta própria.⁵⁵

No debate ocorrido na reunião de 17 de novembro 1885 (data em que foi criada a Sociedade Paraense de Imigração), vários integrantes dessa sociedade apoiavam a idéia da importância da propaganda para atrair os imigrantes europeus. Os senhores Costa Aguiar, Jorge Sobrinho, Samuel Mac - Dowell, Souza Cabral, Ignácio de Moura, Cardoso de Andrade, Antonio Pinheiro e Alencar Araripe percebiam a importância do trabalho da imprensa, nas exposições e nos agentes uma das bases para a imigração estrangeira, e consideravam as seguintes diretrizes⁵⁶:

- 1º Criação de uma sociedade de Imigração na capital do Pará;
- 2º Tornar conhecido na Europa tudo quanto possa despertar a imigração para o Pará;
- 3º Agente na Europa;
- 4º Favores que na Europa se deve proporcionar ao imigrante;
- 5º Recepção de Imigrantes;
- 6º Natureza dos favores na província e tempo de duração dos mesmos;
- 7º Distribuição de terras, seu pagamento, e concessão de título definitivo;
- 8º Pontos de localização;
- 9º Meios para ocorrer as despesas com esse serviço;

Considerando as diretrizes 2ª e 3ª seria imprescindível tornar conhecido o Pará na Europa e possuir lá um agente para tratar dos interesses da província. Partindo dessas considerações, o Barão foi citado por Inácio de Moura (um dos integrantes da Sociedade Paraense de Imigração) como um hábil propagandista que deveria participar do processo de tornar a Amazônia conhecida:

O Sr.dr. Ignácio de Moura abraça a opinião do dr. Samuel Mac – Dowell e que se deve incumbir ao dr. Frederico de Santa Anna Nery, como hábil propagandista que até

⁵⁵ BERTONHA, João Fábio, 2004. *Ibidem*. P.19

⁵⁶ Relatório do Governo da província, Falla 1885. P.89

agora tem sido, de tornar a Amazônia conhecida na Europa, por meio do trabalho da imprensa e exposições.⁵⁷

O conselheiro da província, Francisco José Cardoso Junior considerava o trabalho de Nery como uma das mais sólidas garantias da boa execução dos serviços de propaganda para incentivo da imigração por seu patriotismo e sinceridade:

Trata-se de um paraense illustre, que tem ocupado toda a sua vida na Europa na mais ativa propaganda sobre o Brasil e especialmente sobre a região amazônica, sendo unânime a opinião dos brasileiros sobre o seu patriotismo e sinceridade.⁵⁸

Santa-Anna Nery era considerado pelo representante do governo um profissional propagandista competente e ativo, bem conceituado no exterior, ou seja, “ilustre” e movido principalmente por seu patriotismo. A imagem pessoal do barão o qualificava para representar o serviço de imigração brasileira na Europa; iniciando desta forma, um trabalho de propaganda oficial no Pará.

Em 1887, apresentou um requerimento ao sr. Francisco Cardoso Junior no qual se propôs a facilitar a organização do serviço da imigração representando a província do Pará na Europa. Este serviço seria organizado da seguinte forma: a propaganda na Europa se estabeleceria pela imprensa por meio de estudos nas revistas, de artigos nos jornais, brochuras espalhadas nos centros agrícolas e industriais do estrangeiro; essas brochuras de “conselhos aos imigrantes” seriam redigidas de forma despretensiosa e linguagem chã, com opúsculos acompanhados de uma carta da província e de dados econômicos recentes da região. Além disso, seriam feitas conferências em diversas cidades, comissões e memoriais enviados a sociedades científicas no intuito de arrecadar capitais necessários à província:

Algumas conferências feitas em diversas cidades, e freqüentes comissões e memórias enviadas às sociedades científicas, completariam esse utilíssimo meio de vulgarização, que abrangeria gradualmente todos os países neo-latinos, e seria destinado a procurar-nos não só braços, como os capitais de que carecem muitas empresas da província.⁵⁹

Santa-Anna Nery planejava seus artigos de acordo com o público que pretendia atingir. A linguagem e as informações positivas da Amazônia eram repassadas de acordo com

⁵⁷ Relatório do Governo da província, Falla 1885. P.88

⁵⁸ Fala com que o Exc.Sr Francisco José Cardoso Junior, vice presidente da província. 20 de outubro de 1887. Pará. Tipographia do Diário de Notícias, 1887. P.19

⁵⁹ Fala com que o Exc.Sr Francisco José Cardoso Junior, vice presidente da província. 20 de outubro de 1887. Pará. Tipographia do Diário de Notícias, 1887. P.14

o nível intelectual de seus leitores. Nas obras *O País das Amazonas e Folclore Brasileiro* o autor atraía seus leitores com uma revisão das antigas imagens exóticas pertencentes ao imaginário europeu e presente na literatura dos viajantes desde o século XVI. Esses livros foram destinados a um público letrado estrangeiro por isso, publicados em francês, inglês e italiano, esse mesmo público das comunidades científicas seria alvo da propaganda utilizada para o apoio a imigração; acreditava que o conhecimento das características amazônicas era imprescindível para a atração de capitais por isso procurava cativar possíveis investidores e também intelectuais. Já as brochuras eram destinadas aos operários e camponeses europeus em linguagem simples reforçando dados sobre economia e apontando possibilidades de enriquecimento caso resolvessem viajar rumo à Amazônia.

Seriam estabelecidas duas agências: a primeira seria localizada na Europa e ficaria sob a responsabilidade de Nery; a segunda estaria localizada em Belém gerenciada pela administração provincial. O contato com o representante da agência de imigração na Europa se daria apenas em relação aos serviços executados fora do Império.

A agência funcionaria da seguinte forma: a do Pará anunciaria a toda a extensão da província que se achava em condições de fornecer trabalhadores e empregados a quem necessitasse. Os pedidos de trabalhadores seriam enviados à Europa especificando-se o nome, a qualidade e a moradia do requerente, assim como o número e a profissão das pessoas que se podia empregar e o salário a ser pago ao imigrante. A agência da Europa daria larga publicidade a esses pedidos que ficariam à disposição dos interessados na agência e em todos os Consulados e Delegações. Nenhum imigrante assinaria contrato, para que fosse mantido o princípio da imigração livre e espontânea, porém, o agente na Europa exigiria dos pretensos imigrantes documentos que comprovassem uma boa conduta moral como o *livret casier judiciaire*⁶⁰.

As noções teóricas seriam comentadas e ilustradas por meio da *Exposição Permanente* dos produtos naturais que já eram exploradas e, as suscetíveis a um aproveitamento imediato seriam organizadas de maneira que suas amostras pudessem ser transportadas para qualquer ponto da Europa sem grandes despesas. As amostras naturais teriam de ser renovadas constantemente por serem consideradas indispensáveis para as explicações sobre a região. Santa-Anna Nery considerava a natureza amazônica como o diferencial atrativo para a imigração, dessa forma, a exposição das matérias primas regionais ocupa destacado espaço em suas propostas para o serviço de imigração na Europa.

⁶⁰ Este documento era semelhante a um atestado negativo de antecedentes criminais

De acordo com Fontes,⁶¹ nos discursos das elites paraenses do fim do século XIX as atividades que necessitavam de mão de obra eram a agricultura e o extrativismo. Nesse sentido, a agricultura era comumente associada à consolidação de uma sociedade civilizada e a mão-de-obra desejada era a estrangeira, já o setor extrativo muitas vezes era percebido como uma atividade econômica passageira os trabalhadores comumente utilizados nesse setor eram os imigrantes nordestinos.

Nery apontava em seu requerimento a falta de trabalhadores em atividades urbanas, insistindo para a colocação de imigrantes estrangeiros nesse setor. Para o autor, a província não necessitava somente de lavradores, pois, a lavoura sedentária não possuía incremento normal em nossa região, uma vez que a economia amazônica sobrevivia quase exclusivamente da exploração dos produtos florestais.

Para o autor, a Província do Pará realmente necessitava de mão-de-obra para as indústrias rudimentares e outros trabalhadores urbanos ligados ao “bem estar doméstico” da população:

É preciso introduzir aqui numerosas levas de trabalhadores mechanicos, de pedreiros, oleiros, carpinteiros, marceneiros, calceteiros, calafates, tintureiros, serralheiros, codoeiros, machinistas, funileiros, ferreiros, caiadores, fiadores, sapateiros, alfaiates, pelleteiros, jardineiros, horticultores, etc.
Se com elles fosse possível introduzir outro pessoal não menos útil composto de mestres, aias, creados e até cosinheiros, é de crer que melhorasse, com o preço, a situação de nossa vida doméstica.⁶²

As atividades urbanas e industriais seriam as mais indicadas, por lembrarem mais a civilidade européia. Em 12 de junho de 1887, é firmado um contrato entre o governo da província e Santa-Anna Nery para o serviço de imigração, no qual se estabeleceria uma agencia central em Paris (que poderia ter filiais em outras cidades da Europa) e que ficaria sob a responsabilidade de Nery. Seria feita a propaganda do estado por meio de publicações, conferências e da exposição permanente dos produtos paraenses.

Na agência haveria o registro das pessoas que se apresentassem como imigrantes e o estado se encarregaria do pagamento das passagens tendo o contratante que sacar o valor das despesas na delegacia do tesouro nacional em Londres. Para efetuar os serviços da agência de imigração Nery receberia a quantia de vinte e seis contos de réis, da qual descontaria seis

⁶¹ FONTES, Edilza, 2002. *Ibidem*.P.18-19

⁶² Fala com que o Exc.Sr Francisco José Cardoso Junior,vice presidente da província. 20 de outubro de 1887. Pará. Tipographia do Diário de Notícias, 1887.P.13

contos de reis como indenização dos seus serviços, tendo que enviar para a província os documentos comprobatórios das despesas e relatórios mensais detalhados do trabalho de propaganda que houver feito. Dessa forma, o governo esperava introduzir quinhentos imigrantes de diversas nacionalidades.

Antes de firmar contrato com Nery o conselheiro vice-presidente da Província havia recebido uma proposta do comendador João Rodrigues Martins, cônsul geral do Brasil na Itália para introdução de colonos do norte da Itália destinados a trabalhar na agricultura mediante o pagamento de passagens e a promessa de um estabelecimento na colônia Benevides.

O conselheiro negou esta proposta por dois motivos: primeiro, por se tratar exclusivamente da colonização agrícola, e segundo por considerar arriscado um cônsul brasileiro na Itália promover a imigração para o Brasil, até porque o governo italiano vinha se manifestando contra a imigração de italianos para o território brasileiro chegando a expedir uma circular na qual recomendava as autoridades que a impedissem. Mesmo negando a proposta de Martins, o conselheiro observava que nas disposições do referido contrato poderiam vir para a Província os referidos imigrantes italianos desde que Martins se entendesse com o agente em Paris (Santa-Anna Nery).

Nery,⁶³ em carta endereçada ao presidente da Província comunicava a divulgação do contrato feito com a Província do Grão-Pará e o aluguel de um estabelecimento para a *Agência de Imigração* em um dos bairros mais concorridos de Paris. Tendo preparado uma comunicação intitulada “Notícia sobre o Pará” a qual resumia os dados contidos no relatório da Associação Comercial do Pará sobre o comércio da província ressaltando a viabilidade econômica da região.

O contrato feito com Santa-Anna Nery acabou não dando certo por dois motivos: em primeiro lugar, o governo provincial não recebeu os recursos necessários do Império brasileiro, em segundo, a Assembléia Legislativa não aprovou o referido contrato para a alocação de imigrantes. Mas isso não impedia o autor de mencionar e defender os interesses e projetos da elite e também do governo paraense, sempre que possível nos jornais e revistas, como a *Revue du monde Latin*, ou ajudando nas exposições, conforme vimos anteriormente. Nesse sentido, analiso a obra *O Pará em 1900* que expunha a imagem que se desejava do Pará.

⁶³ Carta de Santa-Anna Nery para o presidente da província. 12.de outubro de 1887

1.1.3.3. As impressões e os juízos dos principais exploradores

O Pará em 1900 é uma obra coletiva publicada em comemoração ao 4º centenário do descobrimento do Brasil, além dos textos de vários intelectuais, a obra contém fotografias que mostram principalmente a urbanização de Belém que, segundo Sarges (1999), desde 1897 com a administração do intendente Antônio Lemos, sofreu uma renovação estética e higienista para atender ao:

novo gosto da elite endinheirada do látex, também era imprescindível para demonstrar aos investidores estrangeiros que visitavam a cidade e aqui estabeleciam a base de seus negócios, que Belém era segura em termos de salubridade e saneamento⁶⁴.

Na obra *O Pará em 1900*, Santa-Anna Nery contribuiu, escrevendo o estudo introdutório intitulado *Bibliografia Científica sobre o Amazonas – Impressões e juízos dos principais exploradores*, nesta obra o autor mencionava o sentido do livro:

Feliz a idéia a do Pará que se aproveita de uma data celebrada por todos os estados da União Brasileira, pra dos brasileiros se tornar conhecido, patenteando-lhes, descriptos em vernáculo, o seu passado, o seu presente e seu valioso porvir.⁶⁵

A comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil encobria o sentido real do livro que era tornar o Pará conhecido ressaltando sua história e principalmente as possibilidades futuras, o “valioso porvir”. O artigo de Santa-Anna Nery procurava fazer uma ligação entre passado e o futuro da Amazônia, nessa narrativa o rio Amazonas é o elo entre essa distância temporal. A Amazônia era percebida através do olhar estrangeiro sobre o rio,

⁶⁴ SARGES, Maria de Nazaré . Um outro olhar sobre a Paris dos trópicos. (org) SOLER, Maria Angélica.; MATOS, Maria Izilda. *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'água, 1999. p.51.

⁶⁵ PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil. p.1.

ou seja, os “principaes exploradores” viajantes do passado que eram os conquistadores, os do “presente” os viajantes naturalistas, e os europeus que imigrariam para Amazônia ajudando a forjar seu glorioso porvir.

Iniciava o artigo com a chegada dos navegantes espanhóis da esquadra de Vicente Yañes Pizon, narrando a descoberta e o deslumbramento dos colonizadores espanhóis diante da natureza amazônica. O navegador espanhol surge no texto como um verdadeiro herói “meio sábio e meio aventureiro”, Santa-Anna Nery narrava com entusiasmo a viagem de Pizon ao Marajó, o vislumbramento deste ante o fenômeno da Pororoca e o primeiro nome do rio Amazonas dado pelos espanhóis: Santa Maria de la Mar Dulce. Chamava a atenção dos leitores para a grandiosidade do rio e a pureza de suas águas próprias para consumo: “A esse imenso mediterrâneo de água potável deu Pizon o nome de Rio Grande de Santa Maria de la Mar Dulce”. Para o autor o rio Amazonas era comparado a um mar, porém, diferente dos mares europeus o “mar” amazônico era composto de água doce e pura, águas tão doces, tão puras e tão grandiosas como a própria Santa Maria. Dessa forma, o nome dado ao rio Amazonas era perfeitamente compatível com sua natureza.

Outro destaque do texto *Bibliografia Científica* foi à relação conflituosa entre ameríndios e espanhóis, narrada de forma extremamente natural (sem emotividade). Primeiramente os espanhóis teriam sido vencidos ao se defrontarem com um grupo de habitantes da região amazônica: “mais belicosos que os habitantes de Vera Cruz descriptos, dahi a poucos meses por Caminha”⁶⁶. Depois o conquistador se “vingava” ao trucidar alguns indígenas e levando 36 como cativos. No texto de Nery o conflito entre pessoas de culturas muito diferentes não é ressaltado, tanto porque o enfoque era a natureza, como pela falta de adequação deste tema para um texto de propaganda, debater essa questão não era apropriado, porém, o autor não deixava de citá-la. Considerava escassas as fontes que abordavam a chegada dos espanhóis na Amazônia. Apesar disso, o autor mencionava que era possível pesquisar esse tema em obras escritas por autores religiosos (jesuítas) como Frei Lauriano dos Santos Cruz, Padre Pendorf, Crhistovão de Acumã e Inácio Bittencurt.

Ao destacar o contato inicial dos europeus com a região amazônica, na introdução de uma obra como *O Pará em 1900*, Santa-Anna Nery dialogava com as percepções européias primordiais sobre o espaço amazônico originadas com as viagens comandadas por Vicente Pizon e Diego de Lepe⁶⁷. De acordo com Auxiliomar Ugarte⁶⁸ nessas visões originárias das

⁶⁶ PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil. p.6.

⁶⁷ Respectivamente a primeira e a segunda expedição européia na desembocadura do rio Amazonas

primeiras viagens são observadas duas vertentes: o encanto pelo imediatamente visível e positivo (águas doces e a aparente fertilidade da terra); e a expectativa positiva de que diversas riquezas existissem na Amazônia. Para este autor a Amazônia no processo de conquista colonial tornou-se uma “margem” do novo mundo e o desconhecimento desta região a tornavam um alimento para a imaginação coletiva dos europeus:

À medida que a conquista européia prosseguia, o empirismo do devassamento era comandado por expectativas e projeções oriundas de um universo mental de longa duração e outros simbolismos, que foram de/ao encontro de elementos advindos do contato com a nova realidade. Esses elementos contribuíram para reestruturar o próprio imaginário europeu, em que os fatores econômicos e políticos estavam inseridos decerto, porém matizados por outros, cujas características eram expressas por elementos mítico-lendários, que compunham a mentalidade dos conquistadores.

69

Ao escrever sobre a Amazônia para leitores estrangeiros utiliza largamente as concepções dos escritores viajantes do século XVI ao XIX, algo que fica evidente pelo subtítulo do artigo introdutório de *O Pará em 1900* que era *Impressões e juízos dos principaes exploradores*, de modo a confirmar o imaginário de exotismo e possibilidades que a floresta poderia oferecer, mostrando que os estrangeiros que estiveram aqui “decantavam” e “exaltavam” os recursos naturais encontrados na floresta amazônica. O passado rememorado não era o da colonização portuguesa e sim o dos viajantes espanhóis, porque este remetia a um passado mítico ligado aos sonhos, ao imaginário europeu sobre lugares distantes paradisíacos nos quais era possível encontrar riquezas e condições naturais que propiciavam uma vida longa e saudável.

O presente, para o autor, era o período onde as potencialidades naturais amazônicas se afirmavam cientificamente, não sendo apenas fruto de relatos dos antigos viajantes em busca de enriquecimento. Assim, procurava confirmar uma imagem positiva para a Amazônia e sua estratégia nesse momento do artigo, no qual se refere ao século XIX, era ressaltar a opinião de estrangeiros “ilustres” que tinham conhecido a região e reproduzido suas opiniões em livros, dessa maneira, como Alfred Wallace, Louis Agassiz, Johann Spix e Carl Martius e La Condamine.

Outra estratégia era exibir a grande extensão dos estados para impressionar seus leitores, como se pode notar no fragmento sobre a extensão do Estado do Amazonas onde o

⁶⁸ UGARTE, Auxiliomar. *Margens Míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI*. (org) DEL PRIORY, Mary.; GOMES, Flavio. *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

⁶⁹ UGARTE, Auxiliomar. *Idem*. 2003. P.4.

autor comparava propositalmente o tamanho do referido estado a vários países europeus reunidos, instigando os leitores à imaginação das possibilidades que teria um imigrante em uma região com essas proporções:

Melhor se haverá idéia de tão extraordinárias proporções dizendo-se que é mais vasto, elle só, do que a Inglaterra e Irlanda, a França, a Alemanha, a Itália, a Bélgica (...) reunidos.⁷⁰

Sobre o Pará chamado de “misterioso paiz da borracha” e “El-dorado brazilico” o autor fala da necessidade de se acabar com os preconceitos vestutos de sulistas a respeito do estado já que os estrangeiros conheciam o potencial da região graças à propaganda prática e eficaz que atrairia imigrantes e por isso lançavam “longos olhares de inveja para as minas de ouro vegetal, mas essa “inveja” poderia estar fazendo referência aos cientistas exploradores que “iniciaram a biopirataria” na Amazônia do século XIX levando amostras da vegetação para países estrangeiros como o botânico inglês que em 1876 conseguiu contrabandear sementes de seringueira para a Inglaterra. Para ele, os nordestinos também tinham grande interesse na região que segundo ele era a alternativa de fuga da “seca que os açoitava”.

Porém o governo do Amazonas mantinha seu contrato com o propagandista, e contribuía financeiramente com as edições de suas obras publicadas originalmente em francês, a principal destas *Le Pays des Amazones* (1889) refletia as concepções de Santa-Anna Nery sobre imigração e modernidade.

⁷⁰ AMAZONAS, Governo do Estado do. *Álbum do Amazonas (1901-1902)*. p.2.

II Capítulo

Folclore Brasileiro e O país das Amazonas – a divulgação da Amazônia na Europa

Originaires lui-même des régions qu'il décrit, chargé par l'Assemblée provinciale de l'Amazone de faire connaître cette province à notre vieille Europe, M. de Santa-Anna Nery s'en est acquitté avec succès. Parisien par ses études et par son long séjour, il manie notre langue avec élégance, et son livre, de 872 pages grand in-8°, sera lu avec plaisir, même par ceux qui n'ont pas un intérêt direct au pays de l'Amazone.⁷¹

(Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Paris)

Neste livro, escrito por um brasileiro eminente em nosso país, encontramos mais de uma lembrança, tocante ou curiosa, vestígios que nos ligam ao Brasil, depois que nossos avós tentaram instalar ali, ao norte, a França Equinocial, e, ao sul, a França Antártica.

(Roland Bonaparte)

Os comentários acima foram feitos por intelectuais franceses e se referiam respectivamente às obras *O país das Amazonas* e *Folclore Brasileiro* de Santa-Anna Nery. Segundo o comentário de Louis Guiton (um representante da Sociedade de Geografia Commerciale de Paris) *O país das Amazonas* fazia parte de um projeto da Assembléia Provincial

⁷¹ Originário ele mesmo das regiões que descreve, encarregado pela Assembléia Provincial do Amazonas de tornar conhecida esta província em nossa velha Europa, o senhor Santa-Anna Nery está atuando com sucesso. Parisiense por seus estudos e pela demorada estadia, ele tem mania por nossa língua escrevendo com elegância, e seu livro de 372 páginas será lido com prazer, mesmo por aqueles que não possuem um interesse direto pelo país das Amazonas.

do Amazonas que encarregava Nery de tornar conhecida esta província na Europa, sendo uma obra escrita fluentemente em língua francesa e que descrevia de forma elegante características positivas do Amazonas. O segundo comentário pertence ao prefácio da obra *Folclore Brasileiro* escrito pelo etnólogo Roland Bonaparte, para ele o livro buscava mostrar as ligações entre o Brasil e a Europa, procurando demonstrar a universalidade do pensamento e a originalidade dos mitos, lendas e contos brasileiros.

Essas obras tinham um forte cunho regionalista, e procuram expor uma boa imagem da região amazônica na Europa. Segundo Câmara Cascudo⁷², Santa-Anna Nery escreveu sobre temas que poucos falariam, se estivessem na sua condição de brasileiro e morando em Paris, esses temas relacionavam-se à Amazônia em sua dimensão cultural e da natureza.

Em *O país das Amazonas* o autor apresentava diversas possibilidades para o desenvolvimento da região defendendo principalmente a imigração estrangeira como um dos fatores impulsionadores desse processo. Já em *Folclore Brasileiro* as culturas dos estados do Pará e Amazonas receberam grande destaque, o autor justificava esse espaço à cultura amazônica (em uma obra que deveria representar o Brasil de forma mais geral) devido à quantidade de fontes coletadas tendo que se limitar, segundo ele, “aos assuntos que mais conheço”.

O século XIX foi um período de grandes debates sobre o futuro do Brasil que envolvia homens de ciência e homens de letras. Temas como identidade nacional, miscigenação e modernização, eram muitos comuns na criação de propostas para o futuro e na construção de imagens sobre a nação. Nesse processo de formação de uma identidade nacional, os intelectuais criavam conceitos para explicar o Brasil, fundamentados em características inerentes às regiões em que viviam, um exemplo dessa característica está nas obras de José Veríssimo, na de Nina Rodrigues e de Silvio Romero que ao escreverem sobre o país acabaram, por ressaltar características de suas regiões de origem.

A maioria dos intelectuais amazônicos no final do XIX procurava de certa forma ressaltar o Brasil discutindo especificidades das regiões, e alguns chegaram a receber patrocínio dos governos estaduais e municipais como o gramático Paulino de Brito que obteve apoio para a publicação de *Contos Amazônicos* (1900), o literato Humberto de Campos que participou ativamente da política sendo inclusive secretário da Intendência durante o governo de Antonio Lemos; o intelectual Arthur Viana que recebeu patrocínio do Conselho Municipal para publicar a obra *História do Pará – 1616-1816*. Outro intelectual que recebeu apoio do

⁷² CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. São Paulo: Martins, 1983.

governo foi Teodoro Braga que após minucioso estudo pintou o quadro intitulado *A Fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará* com uma forte inspiração regionalista⁷³.

Algumas vezes, os intelectuais participavam sem nenhuma remuneração escrevendo artigos que valorizavam a Amazônia em livros destinados à propaganda, como a obra *O Pará em 1900* que possui artigos de escritores como José Veríssimo, Arthur Vianna e Paulino de Brito (Santa-Anna Nery escreveu a introdução deste livro). José Veríssimo colaborou com o artigo *Ethnografia* que aborda a formação étnica do povo paraense pelas três raças, destacando o elemento indígena, para Veríssimo o governo deveria se empenhar com a política de imigração porque os sucessivos cruzamentos levariam ao branqueamento da população combatendo a mestiçagem e fornecendo condições para o progresso e a civilização. Arthur Vianna escreveu o artigo *Notícias Históricas*, nele explica a formação do povo paraense a partir da chegada dos europeus ressaltando as relações entre jesuítas e indígenas; para este autor os conflitos da adesão do Pará e da Cabanagem foram contornados de forma duradoura e eficaz; existindo desde então no Pará uma tranquilidade política, sendo que as divergências existentes na época seriam ideológicas e resolvidas nesse campo. Paulino de Brito participou da coletânea escrevendo o artigo *A imprensa no Pará* no qual apresenta uma imprensa livre de interferências do governo.

A participação desses intelectuais na construção de uma imagem positiva da Amazônia em obras como *O Pará em 1900*, pode ser percebida como um incentivo à imigração. Porém, esses artigos não possuíam o cunho específico da obra de Santa-Anna Nery que além da publicação de livros chegou a organizar com recursos próprios seis exposições de produtos amazônicos exibidas nas Exposições de Antuérpia, de Beauvais, de Bourges, de Paris e do Museu Comercial de Paris. Em *O país das Amazonas* no qual o autor afirma sentir necessidade de cumprir sua “missão” motivada segundo ele por “um grande amor à pátria”. Em *Folclore Brasileiro* declarava que a obra não teria pretensão documentária ou propósito científico, sendo destinada apenas em “vulgarizar assuntos pitorescos”.

Observamos que estas duas obras representavam um determinado modelo de modernização para a região amazônica nos moldes europeus de alguns grupos pertencentes às elites e, além disso, são obras que tiveram grande repercussão em países como França, Itália e Inglaterra, (especialmente na França) sendo essenciais para entender a representação da Amazônia no exterior e nos ajudar a pensar as relações culturais entre Brasil e Europa. Portanto, neste capítulo analisarei essas duas obras buscando os significados que tiveram em

⁷³ Para verificar a participação do Intendente Antônio Lemos em patrocinar intelectuais ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002.

seu tempo e as intenções e objetivos do autor em expor uma determinada imagem da Amazônia.

2.1. *O País das Amazonas*

O livro *O País das Amazonas*, financiado pela Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas, foi pensado especialmente para os leitores europeus. Santa-Anna Nery publicou a primeira versão de *Le pays des Amazones* em 1883 como parte integrante da *Revue Sud-Américain*. No ano de 1885, foi publicada em Paris a primeira edição em formato de livro pela editora L. Finzine et Cie, a segunda edição ocorreu em 1890 pela Libr. Guillamin & Cie e a terceira em 1899. Esta obra foi lançada na Itália no ano de 1900 e no ano de 1901 em Londres. Em 1901 os textos do livro foram adaptados para o *Álbum do Estado do Amazonas*. A tradução para a língua portuguesa do texto integral ocorreu apenas em 1979, feita por Ana Manzur Spira. Em 1885 o autor viajou para a Amazônia e a divulgou a obra nos jornais, em anúncios como este no *Diário de Notícias*:

**Le pays des Amazons
L'El – Dorado – Les Terres a
Caoutchouc
Por
F. J. de Santa-Anna Nery**

Um esplendido volume gr.in – 8 de 450 páginas, ornado de um retrato (água forte) do autor, e 102 ilustrações, acompanhado de dois mapas, e de um frontespício ilustrado.

Preço, brochado, (título em duas cores, capa dobrada): 10\$000 réis.

Vende-se esta importantíssima obra no escritório desse diário.

Roga-se ás pessoas que fizeram encomendas deste livro o obséquo de se dirigirem ao - Hotel Central – ao sr. Pedro do Rego.

Sendo limitado o número dos volumes, serão cedidos á outras pessoas, no praso de 3 dias, os exemplares que existem no Pará e que não forem procurados.⁷⁴

Observando esse caminho de divulgação,⁷⁵ lembro que os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida, este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor e chega ao leitor. Sendo que durante esse percurso as mensagens são transmitidas conforme passam do pensamento para o texto e da letra impressa para o pensamento.

Nesse sentido, a biografia de um livro é um processo bastante complexo, e aborda todas as fases da produção e transmissão da obra. Analisar esse processo em *O país das Amazonas* não é algo que eu possa me atrever a desenvolver nesse momento. Mesmo porque parte da “vida” dos livros de Santa-Anna Nery encontram-se na Europa e segundo o próprio Darton “os livros não respeitam limites, sejam lingüísticos ou nacionais”⁷⁶. Porém, esse capítulo destina-se apenas à análise da obra dentro do contexto das possíveis intenções do autor e do Estado do Amazonas que era o patrocinador do livro, procurando ressaltar a representação da Amazônia que o autor buscava divulgar na Europa.

O país das Amazonas representa uma longa parceria política do autor com o estado do Amazonas, tornando-se representante dos interesses da província no exterior. Com a morte do autor em 1901, o texto desta obra foi adaptado fazendo parte do *Álbum do Estado do Amazonas (1901-1902)* como forma de homenageá-lo, é interessante notar que o governador durante esse período era seu irmão Silvério Nery.

No Relatório do governo de Manaus⁷⁷ de 1887 a administração ressaltava que o desenvolvimento das riquezas nacionais dependia da imigração, um exemplo desses efeitos “prodigiosos” seriam os resultados alcançados pelos Estados Unidos onde “desertos foram convertidos em searas; ergueram-se cidades onde não havia vestígio de população”. Entretanto, tratava-se de uma questão complexa que dependia de circunstancias como o clima, economia, instituições públicas religião, vida doméstica e social.

Seria necessário que o governo oferecesse vantagens aos imigrantes como a venda de terras a baixos preços e longos prazos aos estrangeiros, preparação de alojamentos para recebê-los e doação de ferramentas e utensílios. O projeto civilizador se embasava na

⁷⁴ Le pays des Amazones. *Diário de Notícias*, Belém, 15 abr. 1885.

⁷⁵ DARTON, Robert. *O beijo de Lamourett – Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 112.

⁷⁶ *Idem*. p.130

⁷⁷ Relatório do governo de Manaus. Exposição 1887. p.22-23

agricultura e no trabalhador imigrante “A colonização necessária ao Amazonas é a européia; nem creio que se possa cogitar outra, pesadas todas as considerações, que devem determinar a escolha”⁷⁸.

O governo do estado do Amazonas mostrava-se muito interessado nesse projeto de desenvolvimento da região. De acordo com Ventura⁷⁹ era comum nos textos do século XIX a incorporação da ideologia civilizatória e de teorias climáticas e raciais que levavam a uma relação eurocêntrica com seu local de origem levando a idealizações de padrões metropolitanos de civilização. Também por este motivo, os projetos de atração de imigrantes tiveram uma considerável importância durante esse período, conforme se pode observar nos relatórios de governo.

A falta de condições do Amazonas, para arcar com as despesas oriundas desses projetos para a introdução de imigrantes fez com que muitos destes fossem recusados, no entanto o contrato de Santa-Anna Nery para fazer propaganda do Amazonas no exterior foi mantido devido à qualidade dos serviços de propaganda:

Dispostas as coisas por esta forma, e mantida a propaganda confiada aos cuidados do distinto brasileiro Sant’Anna Nery, que tão relevantes serviços está prestando á província, pode-se acreditar no êxito da imigração para o Amazonas.⁸⁰

Para o governo do Amazonas uma propaganda bem feita era essencial para atrair os imigrantes, e dessa forma, tornar as relações de trabalho compatíveis com o modelo europeu. Nesse contexto, o nome do propagandista Santa-Anna Nery estava bem cotado entre as elites devido as suas ligações com a imprensa internacional e nacional além de inúmeras associações importantes. Por isso era considerado pelos representantes do governo um profissional propagandista competente e ativo, bem conceituado no exterior, ou seja “um distinto brasileiro” movido principalmente por seu patriotismo prestando “relevantes serviços á província”. A imagem pessoal do barão o qualificava para representar o serviço de imigração brasileira na Europa.

O país das Amazonas foi um livro encomendado pelo governo, mas essa obra envolvia outras importantes relações entre o autor e seus informantes e do autor com seus leitores; veremos que no decorrer da narrativa o autor se dirige especialmente ao público letrado

⁷⁸ *Idem*, p.23

⁷⁹ VENTURA, 1991.

⁸⁰ *Idem*. P.23.

amazônico, aos intelectuais estrangeiros e aos possíveis investidores. Esse livro foi pensado numa tentativa de estabelecer um “elo” entre uma elite amazônica e uma elite européia.

Como em qualquer boa obra de propaganda, o autor procurava atentar para os “interesses imediatos” de seus leitores. Essa é uma prática constante em textos de mídia, a esse respeito Peter Burke⁸¹ menciona que as intenções imediatas, estratégicas e táticas dos comunicadores precisam estar sempre relacionadas ao contexto no qual operam, assim como as mensagens que transmitem. *O país das Amazonas* segue essas diretrizes, é um livro em que o autor tenta agradar e convencer os leitores de que o Amazonas é a terra do futuro, um manancial de possibilidades econômicas e de uma cultura original. Vamos ao livro.

2.1.1. “Vulgarizando” a Amazônia

De acordo com Santa-Anna Nery, para descrever convenientemente o “país encantado” das Amazonas era necessário tê-lo visto muito e ter se afastado depois de algum tempo, ou seja, era preciso fazer parte daquele contexto e depois se distanciar no tempo e no espaço. A vivência do autor na Amazônia encontrava-se no passado e o presente era a Europa; ele mesmo representava a ligação entre esses dois mundos; mesmo morando em Paris desde 1874 nunca perdeu contato com a região, por isso o autor considerava a si mesmo, o escritor perfeito para expor o Amazonas.

A narrativa da obra muitas vezes ocorre em tom sério, fundamentada na natureza da região e procurando convencer os leitores da possibilidade da imigração européia para o Amazonas, em outras, o autor critica e dá sugestões aos seus leitores que pertenciam às elites regionais a respeito de ações voltadas para a modernização da região.

Para o autor existiam dois obstáculos principais para o desenvolvimento deste estado: em primeiro lugar, o pequeno número de habitantes da região, em segundo o comodismo dos habitantes do estado devido à facilidade de obter objetos de consumo apenas com a venda da borracha.

A idéia de que o território amazônico seria um vazio demográfico era muito corrente nesse período. Segundo Pacheco de Oliveira⁸² principalmente após as obras de Bates e Agassiz, todos os males da região tendiam a ser vistos como uma expressão de um domínio

⁸¹ BURKE, Peter.; BRIGGS, Asa. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

⁸² OLIVEIRA, João Pacheco de. O Caboclo e o Brabo. (org) SILVEIRA, Ênio et al. *Encontros com a Civilização Brasileira, V.11*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.115.

insuficiente do homem sobre a natureza, acreditava-se que fixada a população ao solo pela atividade agrícola, o Amazonas de um imenso deserto se transformaria no celeiro do mundo.

Santa-Anna Nery compartilhava com essas idéias, para ele ocorria uma desproporção entre o pequeno número de habitantes e o tamanho do território, esta ocorria por motivos administrativos e econômicos:

Por um lado, até 1852, essa região era uma simples dependência do Pará, esquecida pelo poder central, que só abriu o rio Amazonas às bandeiras estrangeiras em 1867, e que só entrou em relações diretas com Manaus, por meio de barcos a vapor provenientes do Rio de Janeiro em 1883.

Por outro lado, o próprio gênero da produção do Amazonas, a indústria florestal, necessita dessa dispersão dos povos: o homem do Amazonas está condenado a se espalhar por todos os rios à procura dos produtos florestais, e só vem acidentalmente às aldeias e as cidades.

Dessa maneira, o autor justificava a fraca densidade populacional do Amazonas; observando que esta não podia ser atribuída à superioridade do número de mortes ao número de nascimentos, logo a região não possuía obstáculos naturais ou climáticos que impedissem o crescimento populacional. Para a resolução desse problema Nery compartilhava da mesma estratégia exposta pelo governo do Amazonas, isto é, a vinda de imigrantes, preferivelmente, europeus.

Nesse sentido, a propaganda da região seria uma medida importantíssima. O autor acreditava que a maioria dos europeus ignorava os recursos da região, pois grande parte dos trabalhos sobre o vale do Amazonas ficaram restritos ao meio científico não chegando a um público leitor mais expressivo:

O Amazonas ainda não foi vulgarizado. A imprensa cotidiana, a única que produz efeitos sobre as massas, ainda não lhe fez uma publicidade à altura. (...) Uma única voz é bem fraca, e não estamos para os tempos onde uma única voz bastava para arrastar povos para santas aventuras. (...) A maioria dos homens só é sensível às solicitações de seus interesses imediatos é nesse sentido que nossos esforços se dirigem. As lições objetivas estão na moda. Elas induzem a convicção pelos olhos, sempre prontos a se deixar seduzir.⁸³

O autor se referia à necessidade de que os intelectuais ligados à imprensa cotidiana (jornais, revistas periódicas, brochuras e publicações de gêneros diversos) fizessem também uma publicidade da região amazônica para estímulo da imigração, e confessava se sentir como uma “única voz bem fraca” a trabalhar nesse sentido. Para o escritor, a propaganda deveria ir ao encontro dos desejos e necessidades das pessoas que se pretendia atrair usando

⁸³ NERY, Frederico de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981. p.247

forte apelo visual “convicção pelos olhos” e uma grande objetividade, pois “a maioria dos homens só é sensível às solicitações de seus desejos imediatos”.

Segundo Nery a propaganda feita por ele mesmo produzia efeito, mesmo que esses fossem ainda modestos, ele afirmava ter recebido milhares de pedidos de informações, sendo que alguns imigrantes teriam partido para o Amazonas após a leitura de seus textos. O autor acreditava que com o esforço de outros intelectuais, empenhados na divulgação ou “vulgarização” do Amazonas de forma objetiva, o povoamento do estado se daria de forma mais rápida.

Nesse sentido, o autor fazia uma proposta ao governo do Amazonas, a de organizar uma exposição permanente de produtos e indústrias daquele estado, visando atrair negociantes europeus para importar produtos do estado e também negociar preços mais atraentes para os produtos exportados pelo Amazonas. O Museu Amazonense compreenderia duas seções, na primeira figurariam as matérias-primas já exploradas com seu preço de custo e cifras de produção, na segunda figurariam (estariam classificados) os produtos de proveniência estrangeira, consumidos pelos amazonenses. Esse “museu” seria:

para os apreciadores de novidades uma atração sem precedentes; para os cientistas, um assunto de estudo interessante e fácil; para os letrados e artistas, um festival do pitoresco, para os industriais e negociantes uma emulação e um documento, para os economistas um ponto de comparação e apoio; para todos um estímulo à imigração fecunda.⁸⁴

De acordo com o fragmento acima os produtos amazônicos suscitavam interesses diferentes no público. É interessante notar que para o autor os literatos e artistas consideravam os produtos e por extensão a própria Amazônia, como “um festival do pitoresco” e os cientistas viam na região “um assunto de estudo interessante e fácil”.

Sua proposta de propaganda para incentivo da imigração na obra *O país das Amazonas* possuía três enfoques: o primeiro era ressaltar as riquezas naturais da Amazônia como uma possibilidade de conseguir riquezas (por isso Santa-Anna Nery trabalhava em suas obras com o imaginário europeu sobre as riquezas e exotismo da floresta); o segundo, era procurar demover as idéias negativas sobre a região em relação ao clima e às doenças tropicais; e o terceiro, era expor o espaço modernizado das cidades e as possibilidades econômicas que poderiam encontrar na região. A propaganda de Santa-Anna Nery, no

⁸⁴ NERY, Frederico de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981. p.247.

decorrer do texto, criava imagens sobre a Amazônia como um espaço de grandes possibilidades futuras, e a natureza era o principal mote de sua escrita.

2.1.2. Um olhar sobre a natureza

Da mesma forma que na obra *O Pará em 1900 em O país das Amazonas*, Santa-Anna Nery para confirmar uma imagem positiva para a Amazônia ressaltava a opinião de viajantes estrangeiros como: Alfred Wallace, na obra *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*; Louis Agassiz em *Conversações Científicas sobre o Amazonas*; Johann Spix e Carl Martius em *Viagem pelo Brasil* e La Condamine em *Viagem pelo Amazonas*. Ele fazia apenas citações dos comentários que estivessem relacionados às características naturais (principalmente, os que destacassem as águas da Amazônia), os quais descrevo, resumidamente, nos parágrafos seguintes.

O botânico Johann Baptist Von Spix e o zoólogo Carl Philip Von Martius fizeram uma expedição às províncias brasileiras no período de 1817-1820 com a intenção de reunir coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas para serem enviadas ao Museu de Viena; descrevem a imensidão do rio Amazonas e suas possíveis riquezas escondidas como petróleo e pedras preciosas:

O rio, saindo dos Andes peruanos, atravessa a América Meridional de oeste a leste, numa extensão de perto de 6.000 km, dos quais cerca de 4.000 em território brasileiro, banhando os estados do Amazonas e do Pará. Engrossando ao longo de seu percurso por seus afluentes e subafluentes, divididos em furos, em Paranamirins, em igarapés, reúne-se, enfim, ao Tocantins, que, segundo Órton, corre sobre um leito de diamantes, de rubis, de safiras, de Topázios, de opalas e de petróleo, e, perto da cidade de Belém, acima do Equador, lança-se, enfim, ao Atlântico.⁸⁵

⁸⁵ SPIX, Johann.; MARTIUS, Carl Philip Von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. SP:Edusp/Itatiaia, , p.145

Os autores Spix e Martius destacaram a extensão do rio Amazonas, fazendo uma referência à possível existência de uma grande quantidade de riquezas nos afluentes do rio, nas proximidades de Belém: diamantes, rubis, safiras, topázios, opalas e petróleo. Esse trecho da obra de Spix e Martius exemplifica a razão da escolha de Santa-Anna Nery em apontá-los como uma referência “verdadeira” sobre a natureza amazônica; esses autores em alguns momentos colaboram com as antigas imagens sobre a Amazônia reforçando a idéia da existência de riquezas minerais à espera de uma futura exploração desses recursos.

O naturalista suíço-americano Louis Agassiz (1807-1873), em seu livro *Conversações Científicas sobre o Amazonas*, derrama elogios à paisagem amazônica, comparando a beleza da região a uma obra artística só passível de descrição (ainda assim incompleta) por alguém que reunisse em si os dons da poesia e da pintura. Essa característica elogiosa pode ser notada nesse trecho no qual descreve o rio Amazonas: “É um oceano lançado sobre uma superfície lisa, num oceano de água doce que pende para o oceano salgado” ou nessa descrição dos igarapés amazônicos:

O encanto é muito maior nos igarapés, canaes menores mais estreitos, verdadeiras veredas aquáticas que penetram na floresta, com ambas as margens alcatifadas de verdura, engrinaldadas de cipós e folhagens.⁸⁶

A natureza era exposta de forma poética por Louis Agassiz que se refere aos igarapés como “verdadeiras veredas aquáticas” encantadoras. Ao mencionar o rio Amazonas ele utiliza uma expressão forte e exagerada “oceano de água doce” para sugerir a grandeza e pureza do rio. Santa-Anna Nery utilizou tanto a expressão “oceano de água doce” quanto “mediterrâneo de água doce” para se referir ao rio; usando a linguagem para valorizar a natureza atraindo, dessa forma, seus leitores para conhecer a Amazônia.

Alfred Russel Wallace, um naturalista viajante que recolhia exemplares da fauna e flora de regiões exóticas e as enviava para museus na Europa, esteve no Brasil de 1848 a 1852, e escreveu sobre os peixes da Amazônia em *Peixes do Rio Negro* e *Viagens pelo rio Amazonas e rio Negro*, impressiona-se com um fenômeno tipicamente amazônico:

A pororoca veio, cortada, subitamente, irrompendo em forma de uma onda, correndo rapidamente rio acima e quebrando-se em espumas ao lado de todas as praias e baixios do rio.⁸⁷

Charles-Marie de la Condamine, astrônomo da Academia de Ciências da França, juntamente com Louis Godin e Pierre Bouger, foram encarregados de uma expedição cujo

⁸⁶ AGASSIZ, Louis. *Conversações Científicas sobre o Amazonas*. 1866. p.28

⁸⁷ WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo rio Amazonas e rio Negro*. 1889.p.7.

objetivo era realizar a medição de um arco do equador. Após um desentendimento com seus companheiros de pesquisa La Condamine decidiu retornar à França descendo o Amazonas, fazendo diversas observações sobre a natureza e as populações ribeirinhas que foram descritas na obra *Viagem pelo Amazonas*.

Santa-Anna Nery procura, tal como os viajantes estrangeiros brevemente citados, impressionar seus leitores com a exuberância natural das águas amazônicas. Essa extensão não seria apenas para ser admirada, mas sim utilizada para consumo pelo fato de ser doce e potável e, é claro, deveria ser usada para a navegação, apresentando as potencialidades naturais da região destacando as águas do vale do Amazonas:

Constitui-se o Amazonas, ou Rio-mar, a mais vasta das bacias fluviais, não só da América como do mundo inteiro (...)
Verdadeiro oceano de água doce, acha-se o rio-mar semeado de ilhotas fluctuantes e de ilhas imensas taes como a do Marajó, em sua foz (Estado do Pará), com 5.328 kilometros quadrados de sua superfície.⁸⁸

O vale do Amazonas contém a mais vasta bacia fluvial do mundo inteiro... Segundo o Dr. Alois Bludau, a bacia do Amazonas, juntamente com o Tocantins, porém excluindo-se o Aruni, o Esequibo, o Corentine, o Marconi e o Oiapoque, tem uma superfície de 2722.000 milhas quadradas... A bacia do Amazonas é, por si só, sensivelmente igual à do Mississipi, do Prata e do Orenoco reunidas.⁸⁹

A comparação era um recurso muito usado pelo autor, por exemplo, a bacia do rio Amazonas era a mais vasta do “mundo inteiro”; as imagens relacionadas à exuberância e à imensidão eram sempre presentes quando o autor se referia à natureza. Além das águas, a vegetação e os animais estavam presentes no texto de Nery. Outro ponto importante era a alimentação; novamente as hipérboles e comparações eram constantes afirmando a idéia dos recursos ilimitados da região. A Amazônia surge na narrativa de Nery cheia de possibilidades tanto extrativas quanto agrícolas, por considerar o solo como tendo uma riquíssima constituição geológica o que daria uma grande fertilidade para a região considerando-a “bela e fecunda”:

Sem nenhuma espécie de cultivo, as suas florestas se desentranham em produtos preciosos como a goma ellástica, por excellencia, os inúmeros extractos e os óleos com applicações medicinais e outros, o tabaco, a variedade de fructos silvestres, em fim, de que se alimentam em parte, os indígenas, e a copiosa fauna.⁹⁰

⁸⁸ *Ibidem*, p.7.

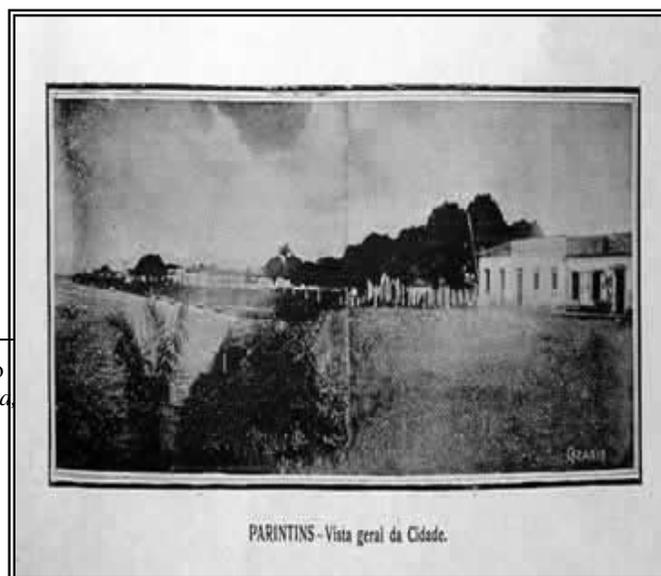
⁸⁹ NERY, Frederico de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981. p.47

⁹⁰ *Ibidem*, p.16

Segundo Pacheco de Oliveira⁹¹ esse ideal de uma Amazônia agrícola como opção econômica, conforme sugeria o autor, nunca foi conduzido como uma alternativa real à indústria gomífera. Vigorosas críticas (como as de Santa-Anna Nery, apesar de sua própria família ter se beneficiado muito com a economia do látex) ao desenvolvimento exclusivo da extração da borracha, não deram origem a plano algum de colonização da região como um todo, elaborando no máximo mecanismo para corrigir tensões causadas pela expansão seringalista, ou seja, o objetivo das colônias agrícolas era obter apenas uma produção agrícola mínima que aliviasse as pressões elitistas no preço dos gêneros alimentícios nas capitais.

A possibilidade de progresso das cidades parecia estar atrelada à potencialidade de seus produtos naturais, um exemplo disso são os dois municípios do estado do Amazonas destacados por Nery: Itacoatiara e Parintins. Para o autor, Parintins era “uma pequena e elegante cidade, cheia de promessas em relação ao futuro, graças, sobretudo a sua excelente situação geográfica” e também por possuir goma elástica, cacau, tabaco, guaraná, óleo de copaíba e pirarucu. Itacoatiara não ficava atrás em recursos da natureza: borracha, pirarucu, pele de veado, salsaparrilha, canela, castanha, plantas medicinais, essências e matérias colorantes; fora isso, existia o cultivo de: algodão, anil, mandioca e açúcar. É interessante observar que a cidade de Itacoatiara foi fundada em 1850 com o objetivo de abastecer a cidade de Manaus e depois se transformou em núcleo urbano dedicado a atividades manufactureiras. Para o autor, a utilização dos recursos naturais e a formação de uma sociedade urbana industrial eram possibilidades futuras para o Amazonas. Vejamos uma fotografia da cidade de Parintins do final do século XIX:

Foto 4: Cidade de Parintins.



⁹¹ OLIVEIRA, João
Civilização Brasileira

et al. *Encontros com a*

Fonte: Biblioteca Virtual do Amazonas. Disponível em

www.bibliotecavirtualdoamazonas.org.br. Acessado em 11 dez. 2006.

Destacava ainda o caráter utilitário da floresta para construir casas e móveis citando madeiras de construção como bacuri, sucupira, ipê, maçaranduba, sapucaia, cuariuba, umiry, acapu e outras, e a “preciosa e variada coleção” das madeiras de marcenaria como indira mixi, cajuazeiro, jenipapo, jacarandá e muiraticoara.

Os alimentos exóticos também são valorizados e alguns serviriam como substitutos para alimentos utilizados comumente como as três espécies de cacauero cujos derivados substituiriam o chá-mate, o ipadu (erythroxilon coca) que serviria para substituir o chá de coca e o guaraná, cuja ação estimulante era semelhante à cafeína: “Com os grãos ou sementes da qual se fabrica uma bebida estimulante e de provada eficácia contra a disenteria. Possui uma ação estimulante idêntica a cafeína”⁹². O autor compara a ação do guaraná à do café e cita que de acordo com as pesquisas da época o guaraná possuía 5,07% de teína enquanto o café torrado continha apenas 1,0%, porém o café era uma das bebidas de maior preferência entre a população do Amazonas.

De acordo com Nicolau Sevcenko⁹³ o consumo do café se popularizou na segunda metade do século XIX, mediante seu nexó histórico com a revolução científico-tecnológica, ao redor de 1870, e sua associação é intrínseca, em virtude de suas propriedades estimulantes, com os novos ritmos do trabalho e da experiência urbana. Provavelmente a presença de alimentos estimulantes na região era ressaltada por Santa-Anna Nery devido a essas novas necessidades sociais.

As frutas, raízes e especiarias também são citadas por Nery mostrando a variedade de alimentos na região: bananas, pupunhas, cupuaçus, ananases, mamões, ingás, mangabas, caju

⁹² *Ibidem*, p.20.

⁹³ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. (org) SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil; 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

e sorva; entre as féculas: batata-doce, inhame, cará, macaxeira e mandioca amarga; e as especiarias: cravo, malagueta, pimenta de caiena, noz-moscada, canela, cumarú e baunilha.

O autor fazia referência a substâncias oleaginosas como o tucum (fruto comestível), bacaba da qual se utiliza o óleo para condimentos e do fruto prepara-se uma bebida, a Jussara ou açai, a seringueira, o cacaueiro (a manteiga de cacau), a andiroba e a castanha-do-pará. Além de corantes como barbatimão, mangueira vermelha, macacú e acarú. Os bálsamos também são destacados como o benjoim, a birila, o tamaquaré e o pau marfim, considerados por Nery “Preciosidades naturais que abundam na região do Araza – verdadeiro manancial de quanto à natureza produz”.

É possível encontrar semelhanças na propaganda produzida ainda hoje com a feita por Santa-Anna Nery, uma delas é a valorização dos alimentos regionais como frutas, bebidas (caxiri, cachaça e vinho de caju), carnes, peixes e outras iguarias, o que se chama hoje em dia de “turismo gastronômico” (atrair visitantes interessados em provar a culinária local) com o apoio dos governos. Nesse sentido, o autor dedicava à alimentação passagens interessantes no livro, como o trecho no qual descrevia um momento em que o viajante Louis Agassiz teria ficado impressionado com a quantidade de frutas tropicais oferecidas em um banquete na residência de uma família abastada, acrescentando em seguida que “os romanos teriam pago com uma província as sobremesas excêntricas de que fala o grande naturalista. Na Amazônia basta sacudir as árvores para obtê-las”⁹⁴.

Agassiz teria criticado apenas a ausência do gelo e do champanhe, a esse respeito, o autor comentava que se o naturalista ressuscitasse ficaria surpreso com em ver duas fábricas de gelo em Manaus e champanhe de todas as marcas como presença constante em qualquer banquete, além de vinhos portugueses, franceses e italianos, segundo Nery, os seringueiros quando não estavam em atividade trocavam “o suco leitoso que recolhem pela bebida que ‘faz o espírito’ do bom habitante da Champagne”.

Desse modo, o autor afirmava o Amazonas como espaço em processo de modernização onde podem ser encontrados produtos importados e finos como o champanhe e outros alimentos importados. Os hábitos e costumes europeus eram adotados pelas elites e até por grupos sociais menos privilegiados, mesmo que em raras ocasiões.

O “trivial das classes médias” seria menos complicado, porém a comida era sã e abundante baseada em carnes especialmente as de peixe e tartaruga, além da farinha de

⁹⁴ *Ibidem.* p.111.

mandioca. Para atizar a curiosidade e o apetite de seus leitores Santa-Anna Nery descreveu o modo de preparo de dois pratos em especial: a poqueca e o moquém.

Segundo o autor, a poqueca seria um prato especial preparado pelos indígenas, cujo cuidado com sua confecção era superior ao preparo do pudim de natal pelos ingleses; o peixe ou caça era condimentado amarrado cuidadosamente em uma folha e assado em brasa servia-se acompanhado de xibé (farinha embebida em água fresca). O moquém era feito de carne defumada misturada ao molho de tucupi (líquido tirado da mandioca), para o autor o moquém era um prato muito útil devido ao processo rápido com o qual era feito e o tucupi um molho excelente para peixes e outras iguarias.

Santa-Anna Nery exagerava um pouco na exposição das comidas, usando duas estranhas expressões para se referir à abundância de alimentos no vale do Amazonas comparando-o a “um imenso guarda-comidas” e referindo-se à proximidade do estado do Amazonas com a Ilha de Marajó (estado do Pará), nomeava a ilha de “paraíso dos bois”. Depois revelava seu gosto pelo piracuí (peixe que depois de grelhado é esmagado e seco, formando uma farinha de peixe) e pelo pirarucu salgado.

As substâncias medicinais encontradas na floresta amazônica, tão em voga ultimamente nas pesquisas da farmacologia, como uma possibilidade de cura para as doenças, tem algumas de suas espécies e utilizações mostradas em duas das obras do intelectual paraense como *O País das Amazonas* e *Álbum do Amazonas* e que podemos conferir algumas abaixo:

1. Quadro: substâncias farmacológicas naturais da floresta amazônica

Ipecacunha	Expectorante e diaforético
Ratânia	Adstringente
Salsaparrilha	Depurativa do sangue
Geneuma	Com o mesmo efeito do agrião- do- pará
Agrião-do-pará	Febrífugo e anti-scobríptico
Urary	Veneno
Sigélia	Vermífugo
Jaratacacá	Contra a mordedura de serpentes
Begônia copaia	Casca emética e purgativa e o fruto é anti-sifilítico
Priprioca	Afrodisíaco
Salsaparrilha	Diurético e sudorífico
Copaíba	Balsamo medicinal
Cinchona	Febrífugo
Mururé	Depurativo e anti-sifilítico
Mamoeiro	O fruto é vermífugo

Timbó	Narcótico
Tingui	Narcótico
Turari	Narcótico
Cruapé-vermelho	Narcótico
Cumarú	Perfume
Puxari	Uso farmacêutico

Fonte: NERY, Frederico de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981. p.113, 120 e 128.

Para Santa-Anna Nery, a floresta amazônica era a “farmácia central do mundo inteiro” de onde se retiravam elementos para produzir remédios contra todas as doenças. A utilização desses recursos em uma indústria de medicamentos era visto como uma oportunidade para a economia da região, o autor considerava que o processo de industrialização aliada ao beneficiamento e “cultura racional” dos produtos da floresta, juntamente com o desenvolvimento agrícola seriam responsáveis pela “revolução econômica” que surpreenderia o mundo com suas gigantescas realizações.

É interessante notar que o autor nessa pequena listagem sobre medicamentos cita quatro ervas consideradas narcóticas: o timbó (*Serjania cuspidata*), tingui (*Phaeocarpus*), o turari (*Paullinia grandiflora*) e o cruapé-vermelho (*Paullinia pinnata*). Essa preocupação do autor pode ser explicada pelo avanço das pesquisas médicas durante o século XIX, no sentido da busca de novas técnicas e medicamentos para diminuir as dores especialmente nas intervenções cirúrgicas ou mesmo para atrair o interesse do círculo intelectual europeu que mostrava crescente interesse no uso de drogas para uso terapêutico, social ou espiritualista.

Segundo Eugen Weber,⁹⁵ a partir da década de 1870, ocorreu um aumento do uso de drogas na medida em que estas se tornavam mais acessíveis; muitos médicos interessados em delírios e alucinações haviam experimentado drogas alucinógenas e seus relatos atraíram o interesse de intelectuais e artistas à espreita de novas sensações como Sigmund Freud (cocaína), Guy de Mupassant (éter) e Marcel Proust (cânfora).

Santa-Anna Nery fazia observações sobre as várias espécies existentes na Amazônia como: quadrúmanos, carnívoros, roedores, paquidermes, aves, cetáceos, desdentados e répteis. Procurando descrever a variedade e as características das espécies dessas classes num caráter bem informativo, estilo enciclopédia.

Os que receberam mais destaque foram os animais que teriam alguma utilização econômica para o crescimento da região. Nesse sentido ele valorizava principalmente dois: o

⁹⁵ WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

peixe-boi e o pirarucu. Do peixe-boi utilizar-se-ia sua carne e gordura da qual “se fabrica um excelente óleo para a alimentação”, qualidades que proporcionariam lucro em sua comercialização; segundo o autor, se exportava a carne desse animal em conservas denominadas “mixira”, porém sua exportação baixava cada vez mais devido à dificuldade de se pescar a “vaca fluvial”; para Nery, esta dificuldade era devida ao ouvido muito aguçado da presa. Provavelmente essa pesca predatória intensiva tenha diminuído a população do peixe-boi que atualmente figura nas listas de animais ameaçados de extinção.

Considerava que o pirarucu “é para o amazonense, o que o bacalhau é para uma para uma importante parte dos povos da Europa”, vendo grandes possibilidades de exportação do pirarucu seco para outros estados e para outros países. Algumas cidades já praticavam esse comércio como Parintins, Itacoatiara e Maués, mas os números ainda eram inexpressivos.

Achava um grande absurdo a falta de peixes no mercado de Manaus, quando se tinha na Europa lucros fabulosos com a pesca marítima ou fluvial, como o que teve a indústria de pesca na França que rendeu 87 milhões de francos. Segundo Nery, uma quantidade enorme de peixes (como o tambaqui e o pirarucu) aliava-se a várias campanhas de incentivo à pesca coordenadas pelo governo central, no entanto, nenhuma companhia de pesca teria sido organizada no estado; para o autor essa falta de atitude era deplorável.

É possível observar que os animais eram vistos exclusivamente como um recurso de sobrevivência e comercialização. Essa representação dos animais, descritos de forma utilitária, era comum durante o século XIX. Isso pode ser percebido em artigos presentes na obra *O Pará em 1900*, como no texto “*Reinos da Natureza, encarados do ponto de vista prático*”, do Dr. Emílio Goeldi, que aborda a diversidade da fauna; esta deveria ser utilizada para alimentação e para o comércio de peles. Entre os insetos, as abelhas indígenas são destacadas por fornecerem mel aromático e cera abundante. Sobre o reino vegetal, o autor destacava sua importância para a indústria extrativa, na produção de móveis, na utilização de frutos da floresta como alimentos e no uso de plantas medicinais.

Assim como a modernização da Amazônia fazia parte de um porvir, Santa-Anna Nery destacava que os minerais preciosos ainda seriam achados na Amazônia, pois, ele contava com “fontes precisas da existência de um verdadeiro tesouro subterrâneo”. As fontes deviam ser precisas realmente, pois hoje, a mineração é uma das fontes de renda para a região, sendo usada também na confecção de jóias com características que as identificam como procedentes da Amazônia. Na época de Nery, os minerais encontrados aqui eram pedra - pomes, cristal de rocha e sal gema.

O autor deixa aos leitores a impressão de que é possível enriquecer também com os minerais, apesar de sempre ressaltar que as possibilidades comerciais da Amazônia provinham da utilização dos recursos da floresta de uma forma “racional” em indústrias da própria região e da agricultura. Considerava que para a efetivação dessas propostas seria necessária a vinda de imigrantes para se aliarem ao trabalho da população nativa.

O estado do Amazonas era apresentado como uma localidade próspera, com alguns elementos de civilização e contendo uma natureza privilegiada pelo solo e vegetação, tudo à disposição do trabalho e capitais estrangeiros:

Talvez agradasse ao leitor que resumíssemos aqui, em uma exposição rápida, todos os fatos, testemunhas da prosperidade crescente desse estado. Poderá assim apreciar o valor dos elementos de civilização de que dispõe e que pode ser colocado a serviço da imigração européia. Terá assim o leitor a exata das garantias de toda a natureza que essa região do Brasil, até agora deixada de lado, pode oferecer ao trabalho e aos capitais estrangeiros.⁹⁶

De acordo com o autor, três das principais ações do governo para efetivação do progresso amazônico foram: o fim do trabalho escravo em 1884, a transformação da capital e a criação de um fundo especial para apressar seu povoamento; assim, ninguém duvidaria dos “admiráveis destinos” que aguardavam a região, devido ao crescimento econômico. O Amazonas exemplifica o desenvolvimento que o trabalho junto a um solo de “riquezas inesgotáveis” poderia trazer para uma região, mesmo sem a ajuda de imigrantes estrangeiros.

Segundo Schwarz⁹⁷, era algo comum entre os brasileiros da elite, no final do século XIX, considerar a escravidão como algo de que se deve envergonhar, por ser uma prática considerada contrária às idéias liberais; estas idéias eram adotadas de forma ornamental e orgulhosa, entre essas camadas privilegiadas que exigiam: viver em ambientes com características urbanas e européias, o afastamento de escravos e utilização de produtos importados. Um exemplo da forma como essas idéias eram adotadas no Brasil pode ser notada nos capítulos iniciais do romance *Quincas Borba* de Machado de Assis, onde o herdeiro Rubião é constrangido a trocar o seu escravo crioulo por trabalhadores imigrantes (um cozinheiro francês e um criado espanhol), perto dos quais, não fica à vontade.

Nesse sentido, o Amazonas era descrito por Santa-Anna Nery, como um espaço onde a escravidão era inexistente; essa imagem colaborava para a atração de imigrantes, pois apresentava o estado como um espaço moderno. Em um artigo a respeito da *Revue du Monde*

⁹⁶ NERY, Santa-Anna. *O País das Amazonas*. SP: Edusp, 1981.P. 233

⁹⁷ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades, 2000.P.23-26

Latin, a autora Marie dos Santos⁹⁸ observa que o regime escravocrata e a manutenção do regime monárquico eram fatores que depreciavam o Brasil perante os países europeus e principalmente, a França.

Essa visão do estado do Amazonas como um estado que possuía uma concepção moderna das relações de trabalho devido à ausência da escravidão, unia-se perfeitamente às imagens de natureza abundante e paradisíaca que o autor se esforçava em divulgar e com a sua descrição da cidade de Manaus, exposta como um espaço “com grandes possibilidades de crescer e se modernizar” conforme veremos mais detalhadamente no subcapítulo seguinte.

2.1.3. Manaus: a cidade plena de futuro

O autor expôs o estado do Amazonas como extremamente próspero, ressaltando a progressão da receita que seguiu marcha crescente e ininterrupta desde 1852, quando sua receita anual ainda era de 18 contos, tomando grande impulso a partir de 1889, chegando a 1.814 contos; esse lucro era majoritariamente provindo de taxas sobre a exportação da borracha.

De acordo com Edinea Mascarenhas Dias,⁹⁹ a cidade de Manaus, durante o auge da economia gomífera, sofre uma reestruturação no seu espaço central; as políticas públicas agiam para a torná-lo um espaço moderno, preservando algumas áreas verdes para garantir a salubridade, investindo na iluminação pública e no calçamento de ruas. Ocorreu também uma grande preocupação com o saneamento, dessa maneira, foram iniciadas atividades como a coleta de lixo, o controle de doenças e a distribuição de água canalizada.

Para Santa-Anna Nery, os maiores investimentos dessa prosperidade econômica foram feitos na reforma urbana, sendo que uma das melhorias ocorridas no Amazonas foi em relação ao ensino, sendo construídos alguns prédios escolares para o ensino elementar, um Centro de Estatística, o Museu e o Arquivo Público, ressaltando a importância do Instituto de Artes e Ofícios, do Instituto Benjamin Constant e da Biblioteca. A ênfase em expor imagens de uma cidade que valorizava a cultura, fornecia pressupostos para a construção de um espaço plenamente civilizado num futuro breve.

Nesse sentido, o Museu tinha grande importância na narrativa de Santa-Anna Nery, pois de acordo com Schwarcz¹⁰⁰, a criação dos museus estava atrelada a uma lógica que vinha de fora, visto que esse espaço era considerado um avanço das pesquisas nacionais e nesse

⁹⁸ SANTOS, Marie dos. *Revue du Monde Latin et le Brésil*. Paris : Cahier du Brésil Contemporaine. 1994. p.2.

⁹⁹ DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*. Manaus: Valer,1999.

¹⁰⁰ SCHWARCZ, 1993. *Ibidem*.

caso, o Brasil um lugar privilegiado para criá-los, pela facilidade de se obter matéria-prima para as coleções etnográficas.

O Museu do estado do Amazonas compreendia duas seções, a primeira era aplicada à geologia, zoologia e mineralogia, a segunda era dedicada à botânica, paleontologia vegetal, etnografia, arqueologia e antropologia, possuindo livros, instrumentos especiais para pesquisa e coleções etnográficas.

Na obra *O país das Amazonas*, o autor ressaltava a preocupação do governo de Manaus com a higiene e a saúde. Manaus contava com um posto de higiene coordenado pelo dr. M.C. de Gouveia Filho, um hospital, um lazareto para portadores de varíola (instalado em um local denominado Umirizal) e um hospício. Essas instituições faziam parte da Santa Casa de Misericórdia e contavam com o atendimento das irmãs de Sant'Ana (congregação religiosa italiana). O autor citou também um hospital português que atendia tanto pacientes nacionais quanto estrangeiros.

Em relação à higiene e limpeza pública o autor se referia à futura construção de um forno crematório para a incineração do lixo e detritos, assim como o mercado de ferro e o abatedouro. Assegurava também que a canalização de água já teria sido feita e estaria sendo completada em maior escala, pois estava assegurando o fornecimento de apenas 27.000 litros em 24 horas o que representava 60 litros por dia e por habitante, sendo insuficiente para uma população de 45.000 habitantes.

Santa-Anna Nery procurava expor aos estrangeiros a imagem de uma cidade que contava com um mínimo de condições de higiene para recebê-los, tranquilizando-os, ao comentar que estariam vindo a um lugar que contava com abastecimento de água, com um projeto de limpeza urbana e a construção do forno crematório; além de atendimento médico caso necessitassem de remédios e consultas, argumentava ainda:

A instituição também fornece remédios e proporciona consultas gratuitas aos doentes pobres. Os costumes da terra impedem qualquer habitante da Amazônia de morrer de fome e de miséria.¹⁰¹

O autor comentava que graças aos esforços do dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, que esteve à frente do governo do estado do Amazonas durante quase seis anos, Manaus se tornou uma bela cidade de 45 mil habitantes e com grandes possibilidades de crescer e se embelezar. Uma cidade com grandes avenidas, largas e arborizadas, que com o tempo se transformaram em “esplêndidos boulevards”, horto florestal, jardins pitorescos com fontes decorativas, belas

¹⁰¹ Santa Anna Nery. *Idem*. P.115

pontes de ferro que substituíram as pobres passarelas as quais se referiram escritores viajantes, e as ruas estavam paulatinamente sendo calçadas.

A cidade substituiu a iluminação a óleo pela iluminação elétrica, possuindo cerca de 600 postes que funcionavam durante 11 horas. O serviço telefônico estaria instalado contando com 300 assinantes; Manaus também possuía dois bancos, uma caixa econômica e uma companhia de seguros. Ocorreu também a criação de uma linha de bondes a vapor que estariam em vias de substituição pela tração elétrica.

O autor considerava o Teatro Amazonas uma das principais obras da cidade, um espaço suntuoso decorado pelo pintor italiano De Angelis onde foram apresentadas: óperas, operetas e dramas. Sendo que o estado, além de emprestar o teatro a essas companhias, fornecia iluminação excessivos e citava com Sarges¹⁰², que de lazer da elite identificação com gastos com as com



Fonte: Biblioteca Virtual do Amazonas. Disponível em www.bibliotecavirtualdoamazonas.org.br.

Acessado em 11 dez. 2006.

¹⁰² SARGES, Maria de Nazaré. Um outro olhar sobre a Paris dos Trópicos. (org) SOLER, Maria Angélica.; MATOS, Maria Izilda. *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

O autor descreveu também as casas, os móveis e as roupas dos habitantes de Manaus e de algumas cidades do Amazonas para contrapor o hábito da “ignorância” e “generalização” que os europeus tinham a respeito da população amazônica, denominando a toda a população de “primitivos”, “naturais” e “indígenas”. Essas concepções irritavam muito Santa-Anna Nery que se considerava civilizado e que nesta obra procurava divulgar e “provar” que o Amazonas era um espaço em processo de modernização e que mesmo as populações indígenas, apesar dos estudos feitos a esse respeito, não eram realmente conhecidas pelos europeus.

As habitações amazonenses surgem na narrativa como espaços vastos, sólidos, simples, acolhedoras e em plena sintonia com o ambiente natural; descritos com linguagem poética, comparava o Amazonas a Paris e tentava ao mesmo tempo, superar a metrópole e encantar os leitores:

Nossos centros de população, embora muito espalhados ao longo dos rios, fazem bela figura na orla das florestas virgens, entre o azul intenso do céu e as águas douradas dos rios, no meio de ilhas resplandcentes de verdura e de luz, e redundantes de fertilidade.

As pequenas cidades amazonenses são como ninhos sob as grandes árvores, ninhos espaçosos, onde tudo cabe com facilidade.

Lá, nessa bela região, as casas são vastas. Podem conter numerosas crianças, que as encham com algazarra. As casas são vastas porque a terra é grande e a hospitalidade larga. As casas são vastas porque o amazonense gosta de se mover em liberdade. Ele não compreende essas colméias humanas de Paris onde zumbimos nossa existência, emurados, empilhados uns sobre os outros como um mausoléu de família (...)

Sua casa é relativamente espaçosa; é formada apenas de alguns compartimentos, onde caberiam apartamentos de Paris.¹⁰³

Os centros urbanos de Paris foram comparados a “colméias humanas”, sugerindo aglomeração, desconforto e a perda da individualidade; os apartamentos denominados “mausoléu de família” davam idéia de abrigarem “zumbis”, morto-vivos empilhados aprisionados. A descrição das povoações do Amazonas remete a uma harmonia entre o homem e uma natureza idílica, fazendo uma “bela figura na orla das florestas virgens”, ou comparadas a “ninhos sob as grandes árvores”; as casas vastas sugeriam espaço e liberdade. Com essas comparações o autor remetia aos leitores a imagem de que o Amazonas seria o local perfeito para escapar da agitação e sufocamento dos grandes centros urbanos.

Acrescentava que a maioria das casas era baixa, com um só andar, porém espaçosas. Outros cômodos importantes eram o jardim, o quintal e a varanda “verdadeiros oásis” para se

¹⁰³ Santa Anna Nery. *Idem*. P.110

conversar durante as tardes quentes. Em Manaus seria um pouco diferente, pois era possível encontrar casas bem construídas, chalés pitorescos e edifícios de vários andares, construções semelhantes às européias. O mobiliário da maior parte das casas era simples com cadeiras de palhinha, rede com franjas, canapés e cadeiras de balanço.

Em *O País das Amazonas*, Santa-Anna Nery divulgava a imagem de uma Manaus com grande possibilidade de ser transformada em um espaço moderno, nos moldes da Paris Haussmaniana, (a capital européia do século XIX, como a definiu Walter Benjamin). Para ele as autoridades do estado juntamente com a atividade e a inteligência de seus cidadãos resultariam em uma “cidade plena de futuro”. Os *boulevards*, as ruas pavimentadas e os jardins eram os elementos de identificação com a metrópole, mostrando as possibilidades de modernização para a Amazônia.

Na propaganda produzida por Santa-Anna Nery, a cidade de Manaus oferecia um conforto básico para os imigrantes estrangeiros, mas essencialmente, era a floresta com seus produtos que forneceria todas as condições propícias para que investidores e imigrantes lucrassem ao máximo. A cidade tinha uma importância maior para a elite local, pois demonstrava o que já tinha sido feito e o que seria preciso para alcançar o modelo da metrópole, por isso o espaço urbano não recebeu um enfoque maior do propagandista.

Devido à importância do livro *O país das Amazonas* na divulgação deste estado, a obra sofreu algumas alterações. Na edição de 1899, o autor decidiu acrescentar um capítulo sobre lendas de animais, segundo ele, para “amenizar nossa descrição árida”, inseriu também algumas anotações sobre cultos e rituais indígenas. Em 1901, ano da morte do autor, o livro foi transformado no *O Álbum do Amazonas* que além do texto de Nery (adaptado para servir como homenagem do governo do Amazonas em memória do autor), continha muitas fotos¹⁰⁴, principalmente da cidade de Manaus. Santa-Anna Nery foi citado pelos editores de forma elogiosa, conforme percebemos no trecho abaixo do *Álbum do Estado do Amazonas*¹⁰⁵:

Le Pays des Amazones é bem a monografia completa desta região encantada que o seu auctor escreveu com coração de filho amantíssimo, com fogos de enamorado enthusiata, em rasgos em fim de verdadeiro artista.

¹⁰⁴ As fotos são de F.A. Findanza.

¹⁰⁵ AMAZONAS, Governo do Estado do. *Álbum do Amazonas (1901-1902)*. p.1.

2.1.4. A população, a migração e o aclimatação.

As condições climáticas eram consideradas, desde o período medieval, um dos principais fatores responsáveis pelas epidemias; para evitá-las, havia regras que definiam comportamentos que ajudariam na prevenção de doenças para cada mês do ano¹⁰⁶. Outra hipótese a respeito da proliferação de epidemias era a crença de que odores desagradáveis provenientes de locais como pântanos, águas estagnadas e cemitérios provocassem alterações na atmosfera, causando alterações conhecidas como miasmas.

Essas teorias permaneceram em vigor até o século XIX, momento no qual surgiram hipóteses nas quais os organismos vivos seriam os responsáveis pelas doenças infecciosas, porém a teoria das doenças causadas por miasmas ainda era presente. Muitos intelectuais desse período acreditavam que as condições climáticas de determinadas regiões poderiam ser saudáveis, ou provocar doenças; o próprio Santa-Anna Nery comentava que se utilizava muito na região amazônica a queima de tabaco para evitar os miasmas.

Na região amazônica, durante esse período, era corrente a crença a respeito de doenças provocadas por fatores climáticos. Com essas opiniões de autoridades da época, influenciadas pelo determinismo geográfico, uma corrente influenciada pela tese de Ratzel publicada em 1882, na qual a natureza determinava as condições de uma nação se desenvolver ou não, o clima quente e úmido da Amazônia podia ser considerado um empecilho para a fixação de imigrantes estrangeiros, elementos necessários ao progresso da região.

¹⁰⁶ De acordo com Ortrun Riha (professor da Universidade de Leipzig e diretor do Instituto Karl Sudhoff de História da Medicina e Ciências da Natureza), esse modelo que se baseava no equilíbrio entre a natureza e o corpo humano, que se acreditava ser composto por quatro tipos de humores: sangue, bile negra, bile amarela e fleuma. Cada estação relacionava-se com o equilíbrio ou desequilíbrio dessas substâncias presentes no corpo o sangue com primavera, a bile amarela com o verão, a bile negra com o inverno e a fleuma com o outono.

Santa-Anna Nery tentava contrapor justamente às idéias de que o clima seria insalubre, procurando combater as opiniões negativas a esse respeito, o que para ele significavam ignorância, má vontade e injustiça:

A ignorância por parte de muitas pessoas, a má vontade por parte de outras, e ainda, a falta exacta de observação no que se refere aquelas que, apreciando em bloco os factos, descuidam ou desdenham entrar no exame das causas ou dos agentes d'elles, são responsáveis por injustiças, como esta flagrante¹⁰⁷

Para demonstrar que o clima amazônico era agradável e de forma alguma constituía um problema, o autor na obra *O Álbum do Amazonas* recorreu à opinião de variados intelectuais ligados à ciência como o geógrafo Th. Lavallé autor da obra *Harmonie des Continents et des mer*. Assim, Lavallé defende a tese de que as correntes aéreas que os continentes recebiam harmonizavam o clima, pois as áreas quentes receberiam ventos frios vindos do mar e as áreas frias receberiam ventos quentes. Nesse sistema equilibrado, o Estado do Amazonas teria um dos climas mais agradáveis do mundo.

Outro cientista que serviu de inspiração para o trabalho de Nery foi o astrônomo do observatório de Paris Emmanuell Liais, que considera o “inverno” amazônico parecido com o verão francês, sendo a temperatura do verão distinta de outras regiões pela presença dos grandes calores, contudo era uma quentura fácil de suportar.

Além desses autores, o Barão de Santa-Anna Nery utilizou as opiniões dos naturalistas como Herdon que na obra *“Exploration of the Valley of the Amazon”* destacava a salubridade da região; Wallace no livro *“Viagens pelo rio Amazonas e rio Negro”* considerava o clima amazônico como sendo delicioso, e Agassiz na obra *Conversações Científicas sobre o Amazonas* fazia as seguintes observações sobre o clima amazônico considerando-o regular e perfeitamente salubre:

A uniformidade da temperatura do Valle amazônico, a pouca intensidade das variações thermométricas influem também sobre o carácter de seus habitantes. Todavia o clima, uniforme e húmido, e mui salubre, muito mais do que se podesse suppor, incomparavelmente mais do que algumas pessoas o têm descripto.¹⁰⁸

Após citar as opiniões desses estrangeiros, Nery acreditava que não seria necessário fazer mais observações, porque considerava esses depoimentos sobre o clima e temperatura

¹⁰⁷ AMAZONAS, Governo do Estado do. *Álbum do Amazonas (1901-1902)*. p.13.

¹⁰⁸ *Idem*. p.71.

“acertadíssimos”, pois o clima da Amazônia seria uniforme, úmido e muito salubre. Os únicos cuidados necessários a respeito do clima seriam com relação específica à higiene das pessoas: “É intuitivo que exijam os climas quentes uma outra hygiene que não requerem os frios até os temperados”¹⁰⁹.

Santa-Anna Nery se esforçava para expor aos seus leitores uma imagem de uma região com um clima bastante agradável, apesar de quente. Essa temperatura não seria responsável pelas doenças e epidemias que atingiam a Amazônia, ao contrário era um clima salubre que exigia apenas cuidados com a higiene que fossem adequados.

Para o autor, a verdadeira causa das doenças eram os micróbios e não os agentes meteorológicos que poderiam formar obstáculos para o povoamento das regiões quentes. Na obra *O país das Amazonas*, o autor cita o médico francês dr. Patrick Monson que considerava “que as doenças dos homens, bem como dos animais e das plantas são devidas a organismos vivos”. Isso comprovava para Nery que era possível o povoamento das zonas quentes pelos europeus, sem que o clima constituísse uma impossibilidade.

Textos semelhantes aos de Nery a respeito do clima amazônico eram comuns em obras utilizadas para fazer propaganda das regiões brasileiras como *O Pará em 1900*. Nesta obra o Barão de Marajó¹¹⁰ escreveu um artigo intitulado *Geografia Physica do Pará* no qual o autor também procurava afirmar a regularidade do clima amazônico procurando corroborar suas idéias com o depoimento de viajantes estrangeiros como Bates, Wallace e Agassiz.

Era um fator importantíssimo para Santa-Anna Nery “combater” quaisquer idéias negativas sobre o clima, de modo que impedisse os possíveis receios que (os leitores) tivessem sobre a Amazônia em relação à salubridade. Dúvidas a esse respeito poderiam minar a imigração e diminuir as possibilidades de investimento comercial estrangeiro. Daí a necessidade do autor se empenhar em convencer o público leitor de que o clima Amazônico seria agradável. Havia uma crença de que os europeus não poderiam trabalhar nos trópicos devido ao clima e às doenças, como a malária. Para convencer os europeus do contrário, ele buscava pressupostos nas teorias do dr. L.W. Sabon, conferencista da Sociedade Real de Geografia de Londres.

De acordo com o geógrafo Sabon, as experiências bem sucedidas de trabalhadores brancos nas plantações de café na América Central e do Sul, nas Antilhas e nas Índias demonstram iniciativas bem sucedidas de trabalho em regiões tropicais. Em relação à malária esta doença era considerada uma doença comum que se relacionava com a drenagem dos

¹⁰⁹ *Idem.* p.71.

¹¹⁰ Filósofo e matemático formado em Coimbra, era ligado a política ocupou vários cargos públicos importantes.

pântanos e que ainda dizimava lavradores italianos sendo comum até mesmo na França. Também contestava informações de que o sangue branco não poderia subsistir nos trópicos por mais de quatro gerações, pois em um relatório apresentado ao sétimo Congresso Internacional de Higiene e Demografia foi demonstrado que famílias de sangue europeu ficaram estabelecidas nos trópicos durante várias gerações, e que em cada caso os representantes vivos dessas famílias demonstraram estar no mesmo nível físico e moral de seus ancestrais.

A maior prova da possibilidade de aclimação européia nos trópicos seriam as contínuas mudanças que a superfície do planeta sofreu no decorrer das eras. Sendo que, a vida orgânica foi submetida a deslocamentos e modificações que se operaram pela influência humana. O autor dava o exemplo das perturbações ocorridas na flora nativa da Nova Zelândia, devido à imigração estrangeira; neste local, várias plantas foram aclimatadas quase substituindo plantas indígenas. Outro exemplo citado pelo autor, seria o café que sem ser uma planta originária do Brasil, se aclimatou tão bem, que sua produção superava a dos demais países. Continuava, dando o exemplo da aclimação de vários animais, sendo que estes se naturalizaram tão bem em outros climas, que se tornaram verdadeiras pragas como o coelho (introduzido na Austrália e Nova Zelândia).

A partir desses pressupostos, o autor discordava da teoria de que a espécie humana era formada por grupos étnicos inteiramente distintos criados independentemente uns dos outros (poligenia), a qual era defendida por antropólogos como Cuvier e Bory de Saint Vicent. Para o autor, a espécie humana era única e as diferenças surgiram de migrações e aclimações que ocorreram desde os tempos mais remotos.

Santa-Anna Nery utilizava argumentos fundamentados na opinião de homens de ciência, influentes na época, para justificar a total possibilidade de aclimação dos imigrantes estrangeiros na região Amazônica. Mas o autor ressaltava que se deveria dar preferência a europeus do sul como italianos, portugueses, espanhóis, saboianos, bascos, suíços do Tessim e tirolezes.

Essa preferência não era excludente, o autor se referia à tentativa do estado do Amazonas para a introdução de japoneses (que falhou porque os imigrantes não vieram e o contrato caducou) e aos projetos do Amazonas de criação de colônias agrícolas, datados de 25 de junho de 1898, para a imigração de cearenses. Neste contrato, imigrantes com famílias eram bem recebidos, especialmente os trabalhadores que desejassem se dedicar à agricultura e à criação de animais. Imigrantes interessados no trabalho extrativo receberiam apenas a passagem gratuita até Manaus; já os interessados em viver nas colônias seriam transportados

até o local, onde seria concedido um lote de 20 hectares juntamente com uma casa, além de sementes e instrumentos agrícolas. O autor apoiava a vinda de imigrantes nacionais e inclusive observava preconceitos relacionados aos trabalhadores nordestinos, considerando a expressão “cearense” pejorativa, devendo ser substituída pela expressão “brasileiro”. O autor compõe uma verdadeira tese para o convencimento de imigrantes confirmando a inexistência degradante do trabalho forçado na região Amazônica, procurando ressaltar a convivência pacífica com os índios e a possibilidade de aclimatação.

Para Santa-Anna Nery, o povoamento da região Amazônica era fundamental para se construir uma sociedade civilizada, as preferências dadas aos imigrantes europeus não excluíam o trabalho indígena e nem imigrantes vindos de outros estados; mesmo porque considerava que os portugueses já teriam viabilizado a implantação da modernidade no Brasil devido a sua origem latina.

Para Santa-Anna Nery, os países da Europa latina não teriam motivos para se inferiorizar diante da ascensão econômica dos países anglo-saxões, porque apenas um pouco do “sangue latino” deixado por portugueses no século XVI lançaram os germes de uma grande nação:

A Europa latina, muito freqüentemente, indiferente aos destinos das jovens nações irmãs que crescem além do oceano, os olhos voltados para ela, com o hábito inveterado de reservar toda sua admiração para os milagres da ascensão anglo-saxão. É bom que saiba, também, de quando em quando, para criar confiança em si mesma, o que vale o sangue latino difundido nas veias de alguns povos longínquos, o que podem alguns descendentes daqueles portugueses, que, no século XVI, lançaram no meio de tribos bárbaras os germes de uma grande nação.¹¹¹

O apego à latinidade elevaria a auto-estima dos europeus e também dos seus descendentes diretos, os latino-americanos. Segundo Hugo Suspo¹¹², nas primeiras décadas do século XX, observava-se no plano cultural, especialmente na América Hispânica, uma reação à expansão da cultura anglo-saxônica, representada pelo imperialismo norte-americano. Essa reação (de caráter nacionalista e conservador) questionava inclusive o próprio legado cultural europeu. A expressão América Latina foi então rapidamente adotada, por permitir às jovens nações uma tutela ibérica, o que proporcionaria um status para que estas pudessem se comparar à sociedade internacional.

¹¹¹ NERY, Santa-Anna. *O País das Amazonas*. SP: Edusp, 1981.P. 233-234

¹¹² SUSPO, Hugo R. Ciência e relações internacionais – O congresso de 1905. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1. 2003. p.13.

O autor empenhava-se em narrar um passado para o Brasil que tivesse uma ligação com as grandes civilizações européias, daí a afirmação da descendência latina, pois os brasileiros seriam descendentes dos portugueses e os portugueses, por sua vez, descendiam dos romanos. Restaurava-se, dessa forma, um elo do Brasil com as civilizações clássicas.

Apesar dessa busca de identificação do Brasil com a latinidade, Santa-Anna Nery definia o Brasil como um país de população mestiça. Dessa forma, o autor se aproximava muito das concepções de Silvio Romero, que considerava a miscigenação do povo brasileiro como a vitória do sangue branco diante das misturas no país. Segundo Schwarcz,¹¹³ a teoria de Silvio Romero se aproximava de um “arianismo de conveniência” no qual se sustentava o modelo da seleção natural e da eleição de uma raça mais forte sem que, no entanto, se denunciasse o caráter letal e degenerado do cruzamento de raças distintas, valorizando assim, o caldeamento das três raças formadoras do Brasil.

Em um determinado momento, Santa-Anna Nery chegou a citar Silvio Romero quando na obra *O país das Amazonas*, teceu comentários a respeito da população do estado do Amazonas, que segundo ele, era composta de brasileiros de diversas descendências, índios catequizados e estrangeiros de diversas proveniências:

O que se entende pela denominação de brasileiro? Pensemos, juntamente com Silvio Romero, que o brasileiro não é nem o descendente de pura raça portuguesa, nem o descendente sem mistura dos índios autóctones, nem o produto cruzado do africano importado. O verdadeiro brasileiro não pode ser reivindicado exclusivamente nem pela raça branca, nem pela raça acobreada nem pela negra. O brasileiro é um mestiço, no sentido etimológico da palavra, isto é, é o produto da união dessas três raças, e resultante de seu cruzamento íntimo e perpetuado. Cada uma dessas raças contribuiu mais ou menos para a fixação do tipo atual; entretanto, é certo que no Amazonas o sangue africano só contribuiu para um fraco contingente.¹¹⁴

Segundo Nery, esses três elementos deram origem a múltiplas combinações resultantes do branco com o negro, do negro com o índio e do branco com o índio. O autor reproduz as teorias de Agassiz sobre esses mestiços; nelas, o mulato seria confiante, porém indolente; o cafuzo híbrido do índio e do negro seria bem humorado e rústico, e o caboclo, mistura de brancos e índios, seria pálido, efeminado, fraco, preguiçoso e obstinado.

No caso de Santa-Anna Nery e também de outros intelectuais brasileiros, escrever sobre a mestiçagem a partir de um contexto evolucionista é um momento muito delicado, porque se trata da formação étnica de seu país e, por conseguinte da sua própria alteridade. Dessa forma, vários intelectuais brasileiros procuravam mecanismos com que pudessem

¹¹³ SCWARCZ, Lilia Morit, 1993. *Ibidem*. P.154

¹¹⁴ NERY, Santa-Anna. *O País das Amazonas*. SP: Edusp, 1981.P. 107

conciliar nos seus textos as teorias evolucionistas, as possibilidades de futuro para o Brasil e uma postura distanciada em relação ao seu objeto de estudo.

Outro tema relacionado intrinsecamente à identidade brasileira e amazônica é a figura do indígena, escolhido pelo movimento romântico como um símbolo de nacionalidade. Santa-Anna Nery tinha uma posição peculiar a respeito dos povos indígenas, que envolvia uma postura ligada ao romantismo, a sua formação religiosa e ao folclore. O interesse do autor pela temática indígena iniciou em 1875 com a antologia *Un Poète du XIX siècle: Gonçalves Dias* (um poeta famoso por seus poemas indianistas como *I-Juca-pirama*).

Em *O País das Amazonas* Nery fez uma relação de 373 tribos existentes no Amazonas descrevendo suas principais características. O autor expunha nesta obra uma representação indígena idealizada, relacionada à ingenuidade e defendia que, os futuros imigrantes não deveriam temer os índios selvagens, porque embora sendo numerosos conseguiam conviver pacificamente com os estrangeiros, negociantes e seringueiros; ao contrário do que os “preconceitos ultrapassados” proclamavam. Os índios mundurucus se distinguiam de outras tribos pelo amor ao trabalho e o pendor agrícola:

Os índios são ainda muito numerosos nas florestas do Amazonas, onde vivem em pequenas tribos. Algumas entre elas foram domesticadas por negociantes do interior, pelos seringueiros e pelos mercadores que percorrem os rios e com os quais esses nômades estabelecem relações. Entre eles os índios, Mundurucus se distinguem por seu amor ao trabalho e por seus pendores agrícolas.

Quanto aos estrangeiros estabelecidos no Amazonas, vivem a mesma vida que os naturais da região, sem que preconceitos ultrapassados procurem agir contra eles.¹¹⁵

Segundo o autor, os índios não eram uma ameaça ao progresso, mas poderiam viver e trabalhar em conjunto com os imigrantes e de forma produtiva. Santa-Anna Nery caracterizava o índio como ingênuo e domesticável, a maioria deles não seria capaz de ameaçar ninguém. Geneviève Bolleme¹¹⁶ lembrava que a cultura popular quase sempre era qualificada de ingênua, numa certa “apreciação da ingenuidade” pelo intelectual. Essa “valorização” da ingenuidade popular cristalizaria ao mesmo tempo uma imagem que garantiria autenticidade cultural, e uma rejeição da inocência e da ignorância que lhe eram atribuídas.

A “apreciação da ingenuidade” era uma característica muito comum em Nery, por isso ele classificava a cultura indígena como um reflexo do passado primitivo da humanidade que em pouco tempo deixaria de existir:

¹¹⁵ *Passim*. p.108

¹¹⁶ BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. SP: Martins Fontes, 1986.p.186..

Mas, repetimos que a civilização igualitária nivela todos os usos; e logo de todas as tradições dos ancestrais, não restará nenhum traço.

Se desejarmos encontrar ainda o pitoresco e o imprevisto na terra amazonense, é no meio do povo, da raça que descende dos índios, que devemos procurar.

Esta classe de habitantes permaneceu mais ligada às lembranças de seu berço, e conservou à parte que a distingue dos brasileiros puros (...). Seus alimentos, seus excitantes costumes e hábitos guardam alguma marca da raça primitiva.¹¹⁷

Para o autor um dos impulsionadores do progresso, e claro, da “morte” da cultura indígena seria o “grande pensamento do cristianismo”. Santa-Anna Nery, mesmo afastado dos “velhos católicos” sempre apoiou projetos de catequese; na época do Concílio Vaticano I permaneceu em contacto com missionários que atuavam no Brasil, chegando a prefaciá-lo, em 1882, o relato de viagens intitulado *Le Pays du café* do pe. T. Durand (um missionário francês que trabalhou na Amazônia).

Esse futuro que esperava o autor era justamente o fim da cultura primitiva, que valia apenas como objeto de pesquisa. Em 1885, suas pesquisas a respeito da cultura do povo se tornaram mais sérias, e ele participou de inúmeras sociedades dedicadas especificamente ao estudo dessas tradições e em 1889 publicava *Folk-lore Brèsilien* .

¹¹⁷ NERY, Santa-Anna *Idem*. p.113.

2.2. *Folclore Brasileiro*: sucesso, polêmica e esquecimento.

Apesar de ter alcançado prestígio e sucesso no final do século XIX, a partir das primeiras décadas do século XX, as obras de Santa-Anna Nery não tiveram influência marcante nos círculos literários brasileiros, sendo lembrado principalmente como folclorista por ter escrito o primeiro livro sobre o folclore brasileiro o *Folk-lore Bresilien*, 1889, publicado no exterior no mesmo período em que, segundo Renato Ortiz¹¹⁸, a França começava a publicar seus primeiros estudos sobre poesias populares.

A idéia de escrever um livro sobre folclore surgiu após uma conferência de Santa-Anna Nery no Instituto Rudy (1885) a respeito da poesia popular no Brasil, esse instituto era formado por intelectuais de diversas nacionalidades dedicados ao estudo das tradições populares, o sucesso da palestra entre os intelectuais do instituto motivou o autor a escrever este livro, os principais motivadores foram Frederic Mistral e Frederic Passy¹¹⁹ sendo inclusive convidado a para participar da Sociedade de Tradições Populares, cujo presidente era Vitor Hugo.

Expor uma boa imagem do Brasil no exterior era uma de suas principais preocupações, contudo ao falar sobre o seu país o autor destacava a região onde nasceu. No prefácio de *Folk-lore Brésilien* (1889)¹²⁰ o príncipe Roland Bonaparte¹²¹ comentava o destaque dado por Nery

¹¹⁸ ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas*. SãoPaulo: Olho d'água, 1992.

¹¹⁹ Frédéric Mistral (1830-1914) folclorista e literato especialista em pesquisar tradições populares da região da Provença era conhecido como “Homero provençal”, e Frédéric Passy (1822-1912) intelectual dedicado a análise de textos literários que também fazia parte da redação da *Revue du Monde Latin*.

¹²⁰ NERY, Frederico de Santa-Anna. *Folk-lore Brésilien – Poésie populaire- Contes et Legendes- Fables et Mythos- Poesie, Musique, Danses et Croyances des indies*. *Accompagné de douze morceaux de musique*. Paris: Perrin et cie Libraires, 1889.

à cultura indígena, revelando que primeiramente sua posição seria reprovar o largo espaço dado no livro a essas tradições, mas entendeu que esse enfoque era devido à valorização dada pelo meio intelectual da época aos estudos sobre “culturas primitivas” (como era considerada a indígena), por isso resolveu não criticá-lo.

Para desenvolver a obra *Folk-lore Bresilien*, Santa-Anna Nery fez três viagens às regiões da Bacia Amazônica nos anos de 1882 a 1887, entrando em contato com os moradores da região, inclusive indígenas, que se tornaram informantes. As intenções do autor em suas obras estão claramente expressas nesse trecho:

Ceux que se donerrost la peine de le lire auront, du mons, l’ocasion de cónnaitre une nouvelle face de ce beau pays du Bresil, dont je me suis constitué em Europe le propagandiers volontaire¹²².

Apesar do trabalho cuidadoso de pesquisa o autor não se considerava um folclorista, mas um propagandista voluntário do Brasil, sua intenção em *Folk-lore Bresilien* era tornar o Brasil conhecido discutindo características culturais e não propriamente fazer um estudo “científico” sobre folclore, apesar disso o livro foi um sucesso entre o meio intelectual europeu, por ser, de acordo com o príncipe Roland Bonaparte um reforço aos “laços de simpatia” entre brasileiros e franceses por apontar lembranças e vestígios que ligavam os dois países.

As concepções e comentários de Santa-Anna Nery a respeito de folclore (assunto o qual passou a se interessar de forma mais metódica somente a partir 1882) tiveram uma repercussão negativa no Brasil, após a polêmica entre o autor e Silvio Romero. Esse entrevero influenciou muito para o esquecimento da obra, devido a forte acusação de plágio feita por Romero.

Os estudos de Silvio Romero tiveram muita influência nos livros de Santa-Anna Nery que fez várias citações de suas obras em *O país das Amazonas*. Mas, em *Folclore Brasileiro* o autor fez uma relação dos nomes de estudiosos precursores do folclore no Brasil, porém não incluiu Romero entre os folcloristas:

O folclore brasileiro começou a ser conhecido e esclarecido somente há alguns anos atrás. Espíritos sagazes e curiosos deram-se ao trabalho de reunir os materiais antes

¹²¹ Etnólogo e Antropólogo era amigo pessoal de Santa-Anna Nery e como ele possuía uma grande coleção de artefatos.

¹²² NERY, F.S. *op.cit.* p.1. Aqueles que se derem ao trabalho de o ler terão, pelo menos uma nova face deste belo país que é o Brasil do qual me constituo na Europa como um propagandista voluntário.

que a civilização invasora no-los dispersassem definitivamente. José de Alencar, Celso de Magalhães, J. Antônio de Freitas, Ch.- Fred. Hartt, Silva Coutinho, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Ladislau Neto, Couto de Magalhães, Araripe Jr., Batista Caetano, A. J. de Macedo Soares, Henrique de Beurepaire-Rohan, J.J. Paranhos da Silva, Antônio Pádua de carvalho, e muitos outros, cujos nomes são citados nesta obra se dispuseram ao trabalho.¹²³

Como se pode notar ele citava a maior parte dos folcloristas brasileiros do século XIX, chegando a colocar entre esses nomes o do jornalista Pádua Carvalho conhecido apenas no meio jornalístico de Belém. Silvio Romero foi destacado por seu trabalho como crítico, embora tendo colaborado com textos de sua própria coletânea em *Cantos Populares do Brasil*:

Silvio Romero, aproveitando as pesquisas de seus antecessores com extrema sagacidade, submeteu-as a uma crítica esclarecedora e, a ela ajuntando pacientemente seus próprios trabalhos, produziu uma coletânea tão rica quanto interessante.¹²⁴

Possivelmente, Romero não deve ter gostado da associação feita por Santa-Anna Nery, que ligava seu nome ao do escritor português Theophilo Braga, descrevendo um desentendimento ocorrido entre os dois. O texto de *Cantos populares do Brasil* foi publicado inicialmente na *Revista Brasileira*, Theophilo Braga resolveu reunir em dois volumes esses textos, acrescentando apenas um prefácio e algumas notas, o que foi suficiente para Romero “queixar-se amargamente”, vendo uma falsificação de seu trabalho original. Para Aldrin Figueiredo¹²⁵ a “gota d’água” desta polêmica ocorreu quando Santa-Anna Nery em uma comparação erudita e sarcástica utilizou uma expressão latina *si parva licet componere magnis*¹²⁶ (citando as Georgícas; IV de Virgílio na qual compara o trabalho dos ciclopes com o das abelhas) para demonstrar o quanto era desnecessário o mau-humor de Romero.

Silvio Romero quando tomou conhecimento do livro de Nery lhe fez várias acusações, sendo a mais grave a de plágio de idéias. Para ele, Nery não teria citado suas fontes e copiado as idéias a respeito das tradições formadoras do folclore brasileiro, as quais foram expostas em *Cantos populares do Brasil*. Nas obras posteriores Romero não fez nenhuma referência ao nome do barão. Na segunda edição de “Cantos” faz o seguinte comentário:

¹²³ *Idem*, p.33.

¹²⁴ *Passim*. p.34.

¹²⁵ FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo (1887-1950)*, Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1990

¹²⁶ Se é que se pode comparar as coisas grandes às pequenas.

Não esquecer que esta introdução foi publicada em 1873 na revista Brasileira e plagiada mais tarde pelo Sr. Santa-Anna Nery, um singular barão que vive em Paris, em seu livro *Folk-lore Brésilien*¹²⁷.

De acordo com Salles,¹²⁸ Romero com seu prestígio de crítico, contribuiu para formar opiniões desairosas a respeito do “singular barão” que foi reabilitado por Luis da Câmara Cascudo. Devo acrescentar que a tradução feita por Vicente Salles, publicada em 1992, contribuiu para essa reabilitação. Na verdade o próprio Silvio Romero reconhecia que seu intuito inicial em estudar folclore era combater a idealização da literatura popular e criticar o livro *Nosso Cancioneiro* de José de Alencar. É necessário acrescentar também que Nery fez minuciosas pesquisas de campo, acrescentando materiais novos especialmente sobre lendas de animais, e em relação às referências citou as fontes e os autores, dessa forma acredito que a acusação de plágio foi exagerada.

2.2.1. O passado e o futuro

O livro *Folclore Brasileiro* divide-se em quatro partes: a poesia popular no Brasil, contos e lendas, poesia, música e danças indígenas. Possui um anexo com partituras de canções populares (o autor era também músico), sendo que a maioria dos capítulos trata de elementos da cultura indígena, especialmente a segunda e a terceira parte. Para o autor, os folcloristas eram aqueles que se dedicam às pesquisas do saber popular e

Suas coleções não constituem somente um passatempo agradável e cheio de encantos. Elas têm valor intrínseco às vezes considerável; elas servem muitas vezes para esclarecer com luz totalmente nova, as origens e a evolução de um povo.

Segundo Ortiz,¹²⁹ é somente na segunda metade do XIX, que os estudiosos da cultura popular vão se denominar folcloristas, um dos marcos dessa nova sensibilidade é a fundação da *Folk-lore Society* na Inglaterra, em 1878. Ocorrendo a partir desse momento, a busca de uma diferenciação entre os novos folcloristas, que baseavam seus estudos em um ideal científico ou científicizante e os românticos, que buscavam expressões autênticas de sua alma nacional. A criação do folclore se realizou sob a égide do positivismo onde as idéias de

¹²⁷ ROMERO, Sylvio. *Cantos populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987 [1883]. P.5.

¹²⁸ SALLES, Vicente. *Diálogos de Folclore: Santa-Anna Nery*, Publicação independente, 2000.

¹²⁹ ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas*. São Paulo: Olho d'água, 1992

progresso, evolução e ciência eram dominantes e praticamente sinônimas. Uma das obras mais influentes nesse período foi a *Cultura Primitiva* de Eduard Tylor, que propunha o estudo da humanidade conectando os acontecimentos à totalidade evolutiva que preside a existência individual. Assim, Tylor dedicava-se a compreender a permanência de características primitivas no mundo industrial e introduzia a noção de permanência como substituta para a noção de superstição ao estudar canções infantis, jogos de azar e ocultismo na Inglaterra industrial.

No caso de Santa-Anna Nery, ocorria uma mistura dessas duas tendências; ele era romântico quando buscava uma cultura nacional e via o índio como inocente e ingênuo e cientificista quando percebia as tradições populares como sobrevivências e vestígios milenares de uma humanidade com a mesma origem, mas em diferentes graus de progresso.

O autor classificava em três grandes categorias tudo o que se referia ao folclore brasileiro, compreendendo tradições de origem européia, africana e indígena; concordando dessa maneira com o prefácio de *Cantos populares* de Silvio Romero. A característica mestiça daria um encanto peculiar a essas tradições, marcadas pela tristeza da perda onde: “O português chorava a pátria distante, da qual guardava a imagem em seu coração. O africano chorava a liberdade dos seus desertos. O índio chorava sua liberdade”¹³⁰.

Essas culturas expressavam “tesouros”, intactos inicialmente, que acabaram agrupando-se, confundindo-se e evoluindo gradualmente. Para o autor, o Brasil necessitava apenas do tempo e dos cruzamentos para evoluir, fazendo uma estranha comparação do futuro do país com um ovo:

E assim como a ciência toma de um ovo de galinha e nos mostra que se ainda não frango há tudo aquilo que é necessário para fazê-lo: esta clara e esta gema, que não nos dizem nada a nós leigos encerram visivelmente todos os princípios químicos necessários para fazer o sangue, os ossos, os nervos, os miolos, (...) – um frango completo. Precisarão apenas do calor e do ar – o mesmo ocorre com os povos. Eles necessitam apenas do tempo e dos cruzamentos. Ora, o tempo e os cruzamentos têm operado sua obra até o presente e o fará depois infinitamente.

A imigração foi sugerida como uma solução para a modernização contínua do país, que precisava apenas do tempo e de cruzamentos para demonstrar seus potenciais. Com o tempo as tradições expostas no livro se transformariam tanto que acabariam, formando uma cultura civilizada. Não podemos esquecer que Santa-Anna Nery não pretendia ser um folclorista. Desde o início da obra *Folclore Brasileiro* ele comentava que a produção do livro não tinha propósito científico ou pretensão documentária destinando-se a “simplesmente a

¹³⁰ NERY, , F.S. Folclore Brasileiro. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992.p.35.

vulgarizar alguns assuntos pitorescos, cujo estudo tem sido para mim um entretenimento no meio de tarefas mais graves”.¹³¹

Ele procurava divulgar a Amazônia em várias de suas obras e era um forte defensor da imigração branca para a região como forma de promover o progresso. Sabe-se inclusive que muitas vezes o autor custeou com seus próprios recursos as despesas com material de propaganda, e que algumas vezes foi contratado oficialmente pelo governo para executar a função de propagandista para ele uma verdadeira “missão”. O folclore era para o autor mais uma forma de divulgação de “assuntos pitorescos”.

2.2.2. Os brasileiros europeus e a poesia da mulata

Os portugueses foram extremamente idealizados neste livro, chamados de “heróicos e amorosos como todos os portugueses da época da descoberta”¹³² que apenas pelo amor à terra natal, sonhavam retornar ao seu país, após haverem acumulado fortuna. A maior parte dos contos e poesias presentes na obra foram coletados por outros autores e Santa-Anna Nery apenas reproduziu essas narrativas, porém, escolheu divulgar as que possuíam versões semelhantes em outros países europeus. Um exemplo é a canção “Nau Catarineta” relacionada à canção francesa a respeito do “petit navire” sendo que a versão brasileira seria bem mais antiga, segundo o autor

Reconhece-se na xácara luso- brasileira a canção francesa que se tornou popular, e que é, seguramente, ao menos em sua versão atual, muito mais recente que as versões portuguesas transplantadas para o Brasil com as modificações acidentais.

O autor repetia a comparação entre a lenda de “l’Amante Barbare” e a versão nacional “D. Bernaldo Francês”¹³³, sendo que considerava a última mais dramática, ingênua e com um “arranjo mais inteligente”, descrevendo também uma versão luso-brasileira da saga de Eginhard ou Reginaldo¹³⁴ que teria sido recolhida em minas gerais, muito semelhante à publicada por Almeida Garrett. Nery também anotou canções infantis da época, que

¹³¹ NERY, F.S. Folclore Brasileiro. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992. p.32.

¹³² NERY, F.S. Folclore Brasileiro. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992. p.33.

¹³³ É a história de um marido que para flagrar a esposa infiel se fez passar por amante e acaba assassinando-a.

¹³⁴ Nessa narrativa Eginhard, (secretário de Carlos Magno) e a filha do rei (a infanta Ema) se apaixonam sendo a princípio castigados acabam recebendo a benção do rei para o casamento. Segundo Vicente Salles, este romance pode ser encontrado em versões espanholas (Duram, Rom.nº 220) e portuguesas publicadas por Victor Eugênio, Teodoro Braga e Almeida Garrett.

misturavam português e francês em versos como: “O madame, voulez-vous danser/ A la mode des français?/ Ao fechar da contradanse/ A la mode de la France”¹³⁵.

A relação cultural com a França foi bastante reforçada nesta obra; sempre que se tratava de buscar analogias entre as “poesias populares” o autor relacionava os dois países. Nery reafirmava essas ligações, pois fazendo isso, ressaltaria tanto as idéias de civilidade quanto as idéias a respeito de uma humanidade com uma cultura universal, conforme observou Aldrin Figueiredo:

Entre muitos etnólogos do era uma crença comum, que a originalidade da cultura. Seguindo as pesquisas de Andrew Lang (1844-1912) e seus discípulos, diz que “o elemento irracional contido nos mitos é tão somente a sobrevivência de um estado de pensamento que foi outrora muito comum, para não dizer universal, que só se encontra entre os selvagens e, até certo ponto, entre as crianças” Neste ponto, aparecem com extrema visibilidade as duas questões-chave para os registros folclóricos da época, tão bem expressas por Pádua Carvalho e Santa-Anna Nery. A primeira, é a idéia do povo infantilizado, mantenedor das sobrevivências de um pensamento primitivo e selvagem; a segunda é a invenção de uma determinada tradição por entre a pesquisa folclórica, na medida em que se buscava aprisionar as manifestações populares como “sobrevivência” de um estágio inferior e originário da civilização ocidental.¹³⁶

Santa-Anna Nery era influenciado pelo pensamento de Andrew Lang e acreditava que as manifestações populares eram sobrevivências de um estágio de pensamento comum; para ele, em circunstâncias semelhantes “todos os povos sonhavam da mesma maneira” e essas narrativas de origem portuguesa tinham a função de reforçar essa semelhança cultural.

Em *Folclore Brasileiro*, os negros quase não existiam; como já foi dito, o enfoque da obra era a cultura indígena, porém Nery, no terceiro capítulo, fez alguns comentários a respeito da “poesia de origem africana”. Para o autor a poesia de origem africana não demonstrava tanta perfeição quanto à de origem portuguesa, porque era “a poesia de um povo subjogado durante três séculos. A dependência naquela vida explica seus lamentos e suas tristes alegrias num momento”.¹³⁷

O autor se mostrava contrário à escravidão, sendo que a abolição teria sido “concedida” pela generosidade da família real, ajudada pelos abolicionistas, que teriam se empenhado nesse “grande ato de justiça”:

¹³⁵ NERY, F.S. *Idem*. p.50.

¹³⁶ FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo (1887-1950)*, Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1990. p.40.

¹³⁷ NERY, F.S. *Idem*. p.57.

Um príncipe esclarecido, dom Pedro II; uma mulher de coração, a princesa Isabel; homens como Eusébio de Queiroz, o visconde do Rio Branco, Dantas, João Alfredo, Antônio Prado, Rodrigo Silva, empregaram sua vida a fazer desaparecer esta vergonha, ajudados por tribunos inflamados, como José do patrocínio e Joaquim Nabuco.

Apesar do “desaparecimento da instituição maldita”, o pior já teria acontecido porque em trezentos anos, os africanos e seus descendentes tinham se misturado deixando uma marca difícil de “apagar”; conforme o relato acima, os negros seriam incapazes de fazer algo por sua própria liberdade. Nery os considerava “embrutecidos” e estes teriam produzido uma poesia popular “galhofeira, desesperada e comovida”, uma das suas principais colaborações era a inspiração dada pela imagem das mulatas.

O autor transcreveu várias modinhas e canções de autores brasileiros, nas quais a figura da mulata era o destaque, sendo comparada a frutas e pratos típicos como o vatapá e o cambucá, seduzindo os homens e vivendo “um amor mestiço”. Nas rixas desses amores contava-se com a intervenção de Santo Antônio: “Santo Antônio, meu santinho, / já não vales nada não: / de chorar o sinhozinho/ derreteu-me o coração.”¹³⁸ Santa-Anna Nery considerava que “A mulata, mestiça do negro com o branco, representa grande papel na poesia popular do nosso país”¹³⁹. Participando dessa concepção de vitalidade negra, as canções manifestavam uma sensualidade, principalmente no lundu que foi descrito dessa forma:

O lundu é muito popular e se dança em todo o Brasil. É de origem negra. É executado da seguinte maneira: os dançarinos estão todos sentados ou de pé. Um par se levanta e começa a festa. Quase não se mexem no início: estalam os dedos como se fossem castanholas, levantam os braços, balançam-se molemente. Pouco a pouco o cavalheiro se anima: evolui entorno da dama como se a fosse enlaçar. Ela fria, desdenha das investidas. Ele redobra de ardor e ela conserva a soberana indiferença. Agora, ei-los face a face, olhos nos olhos, quase hipnotizados pelo desejo. Ela se agita, lança-se; os seus movimentos se tornam mais sacudidos e se aceleram numa vertigem apaixonada, enquanto a viola suspira e os assistentes entusiasmados, batem palmas. Depois ela para, ofegante, exausta. Seu parceiro prossegue a sua evolução por um instante e em seguida, vai provocar outra dançarina, que sai da roda, e o lundu recomeça, febricitante e sensual¹⁴⁰.

¹³⁸ NERY, F.S. *Idem.* p.90.

¹³⁹ NERY, F.S. *Idem.* p.59.

¹⁴⁰ NERY, F.S. *Idem.* p.85.

O lundu era uma expressão alegre e sedutora, muito própria para manifestar a visão que o autor tinha da cultura de origem africana; sendo transcritos os passos que envolviam o jogo amoroso. Essa imagem aliava-se a da forte religiosidade negra; Santa-Anna Nery não mencionou nenhuma espécie de culto afro, apenas citando as devoções católicas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Se os portugueses mostravam-se idealizados refletindo uma cultura muito comum e uma grande proximidade com a França, os negros brasileiros estavam reduzidos a sua religiosidade (a qual nesta obra surge como mera adaptação do catolicismo) e ao “grande papel da mulata na poesia popular”, ressaltando apenas os estereótipos a esse respeito. Talvez o autor não desse muita atenção aos negros por questões regionais, já que em sua opinião a mestiçagem na Amazônia tinha se dado principalmente entre brancos e índios.

2.2.3. A natureza amazônica e os índios em *Folclore Brasileiro*

A maior estratégia de Santa-Anna Nery para atrair seus leitores era ressaltar a natureza amazônica, essa característica é presente nas duas obras analisadas. *Folclore Brasileiro* tinha a pretensão de representar o Brasil, mas privilegiava a região natal do escritor, característica comum entre os intelectuais do período. Por isso, a natureza tem um grande espaço em sua narrativa, sendo que três elementos foram destacados: as águas, as plantas e os animais. Os índios foram percebidos dentro de uma ligação muito forte com essa natureza.

Nesse sentido, as águas amazônicas foram valorizadas em várias narrativas, como neste trecho do conto *O Muiraquitã - Amuleto* que descreve o rio Nhamundá morada das amazonas que produziriam o muiraquitã:

O rio Nhamundá é um dos mais belos afluentes do Amazonas. Semeado de lagos, separados uns dos outros por ligeira extensão de terras verdejantes, parece às vezes mais imponente que o próprio soberano ao qual leva o tributo de suas águas atravessando meandros inextrincáveis. As colinas, altas como montanhas ou menos elevadas, como um morro, mas sempre graciosamente descobertas, encaixam-se nessa rede de lagos de água doce.(...)

Próximo das nascentes do Nhamundá, a tradição coloca a morada das fabulosas Amazonas. Era lá que elas viviam duas a duas, sem contato permanente e confessado com os homens.¹⁴¹

¹⁴¹ NERY, F.S. *Idem*. p.155-156.

O rio estava ligado ao mistério de suas águas, de seus afluentes e também de igarapés que nas narrativas orais populares coletadas por Santa-Anna Nery poderiam ter “sereias” como habitantes. Algo que pode ser percebido nos contos da Iara nas versões do Pará e Amazonas. O momento em que o rapaz Januário (principal personagem de uma das narrativas de *Folclore Brasileiro*) contempla um igarapé, no qual se encontra a bela Iara, foi assim registrado:

Foi, portanto, nessa oscilação incômoda entre a realidade e a ficção, entre a coragem e o medo, que o mancebo chegou à margem do igarapé. Sob a cúpula dos imensos ingazeiros, cobertos de um lençol de sombra, aqui e ali marchetado de pontos luminosos, como pérolas derramadas sobre um tapete de veludo negro, rolavam as águas do igarapé, plácidas e sonolentas, produzindo esse murmúrio solene e monótono que é como o ressonar de um gigante fatigado.(...) E o canto continuava, subindo de vigor, como se o cantor se aproximasse. Quanto mais para perto chegava, maior era o enlevo, mais extraordinário se antolhava o fenômeno ao mancebo. Não vinha de um só lugar a voz encantadora como o perfume enchia todo o ambiente¹⁴².

As águas dos rios, nas crenças dos tapuios, poderiam conter habitantes míticos como a Iara ou o Boto personagem que, segundo Santa-Anna Nery, seria utilizado como instrumento de corrupção pelos “dons juans” citadinos que utilizariam talismãs com partes do animal para atrair as jovens índias para praia e enganá-las “o boto tem as costas largas: um desaparecimento, ou uma gravidez é logo colocada a sua conta”¹⁴³.

Os rios poderiam até mesmo esconder cidades encantadas em meio as suas águas profundas, como a cidade de Maiandeuá. Segundo a crença, descrita por Santa-Anna Nery¹⁴⁴ quando o luar iluminava tudo, os pescadores podiam ver ao longe o vulto de uma mulher, muito bela, branca e com longos cabelos sedosos, prestando atenção podia distinguir-se no fundo das águas, o galo cantando e os tambores que tocavam no campo. Somente os pajés podiam conhecer a cidade, chegando até mesmo a viver submerso por sete anos seguidos.

Santa-Anna Nery descreveu a crença da cidade de Maiandeuá a partir de uma narrativa escrita pelo jornalista Pádua de Carvalho sob o pseudônimo de *Sganarello*, publicada dia 14 de novembro de 1886 no *Diário de Notícias*. Para Vicente Salles, (autor do prefácio e tradutor da obra *Folclore Brasileiro*) uma das principais contribuições de Santa-Anna Nery foi tornar conhecida a pesquisa folclórica de Pádua Carvalho.

¹⁴² *Idem, Ibidem*. p. 123

¹⁴³ *Ibidem, Ibidem*.p.123.

¹⁴⁴ Santa- Anna Nery utiliza a narrativa coletada pelo jornalista Antônio Pádua de Carvalho (1860-1889) na obra *Folclore Brasileiro*, P.161.

O autor, no conto *Sapucaia – Oroca* expôs uma explicação sobrenatural dos “ignorantes” nativos do Baixo Amazonas em relação às ilhas que estes viram surgir e desaparecer:

Este fenômeno se reproduz freqüentemente. O rio é um perpétuo vir-a-ser, e, como o personagem da fábula algumas vezes devora seus filhos. O homem nativo jamais assiste a esses fenômenos sem ser tocado pelo terror e, em sua ignorância, procura uma explicação no meio de causas sobrenaturais¹⁴⁵.

Para o intelectual, as crenças da população que morava próximo aos rios eram fruto de sua ignorância e uma forma de se relacionar com a natureza a sua volta, explicando pelos meios sobrenaturais os fenômenos puramente físicos; procurando ao mesmo tempo expor e criticar as relações dos “tapuias” com as águas dos rios, vivências que produziam explicações baseadas no conhecimento religioso e mítico, como as crenças em seres como sereias e botos como sendo habitantes dos rios da Amazônia, e a crença em cidades encantadas.

Para a maioria dos folcloristas o valor das manifestações culturais dava-se pelo exotismo das narrativas ou objetos que deveriam ser colecionadas por lembrarem o passado das sociedades tidas como “civilizadas”,¹⁴⁶ no caso a França e a Inglaterra, principalmente. Mas, depois de servirem como objeto de estudo, as culturas primitivas deveriam ser eliminadas. O autor, na obra *Folclore Brasileiro* escrevia para um público estrangeiro letrado, afinal o livro foi escrito após inúmeras solicitações de intelectuais do instituto Rudy, por isso o autor procurava redigir como um folclorista ciente das teorias evolucionistas.

Além da cura de doenças, o autor mencionava uma crença popular em relação às ervas da Amazônia que podem servir para finalidades mágicas de atração em banhos que misturavam água, folhas de tajás (calladium), diversas espécies perfumadas e priprioca. Ao utilizar este banho de ervas consideradas atrativas seria possível “obrigar” uma pessoa a nutrir sentimentos amorosos por outra, contudo para conseguir tal efeito devia-se tomar o banho rezando a seguinte oração:

Vento que ventas através deste mundo de cristo, se encontrases fulana lhe darás três pancadas no coração para que pense só em mim e venha me falar.
Vento, traz-me seu pensamento e seu corpo; que ela não possa ter sossego ante de me ver, como Maria Santíssima não teve antes de ter visto seu filho amado no divino tribunal.
Fulana, tu vais, tu vens, chorarás depois por mim.
Coração, eu te despedaço; sangue, eu te bebo; pensamento, eu te seguro. Se estiveres com outro, ele te detestará, ele se afastará de ti como da porcaria do lodo da beira do

¹⁴⁵ NERY, 1992. *Idem* p.145.

¹⁴⁶ LOWIE. *História de la Etnologia*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1946.

mar; e eu, Fulana, eu desviarei para ti uma pedra de diamante: claro como o sol, belo como as estrelas e lindo como a lua.
Vento, se esta oração me sair bem, tu girarás e fulana aparecerá atrás de ti.¹⁴⁷

Para o escritor, costumes como o “banho da felicidade”, tendiam a desaparecer com o avanço da urbanização, porém em alguns momentos, a narrativa de Santa-Anna Nery aproximava a identidade do autor com alguns costumes da população “supersticiosa” com a qual ele procurava se diferenciar, o que deixa claro uma ambigüidade no texto. Em *O País das Amazonas* ele lembrava sua participação em festas de Santos Padroeiros em sua infância, mas, procurava se justificar com os leitores lembrando que na França ocorriam festas semelhantes; já na obra *Folclore Brasileiro* o autor registrou a “Oração para a Pedra do altar”¹⁴⁸, de uma “eficácia comprovada” para acalmar alguém zangado ou que deseja o mal, e também a oração para São Jorge, a qual ele indicava para os leitores que precisassem evitar inimigos e intrigas.

Se tendes inimigos que vos importunam e se desejais evitá-los ou passar a seu lado sem que o vejam, nada mais simples escondei-vos atrás de uma árvore ou abaixai-vos atrás de vossa bengala e recitai esta oração: São Jorge cavaleiro-mártir, (...).¹⁴⁹

Santa-Anna Nery também mencionava as finalidades mágicas da aninga (planta aquática selvagem), da raiz de mandioca (*Manihot utilíssima*) e da pimenta malagueta (*Amomum granum paradisis*). Da raiz de mandioca (tucupi) e da pimenta malagueta poderia se fazer um banho que era de grande auxílio para os caçadores que precisavam da ajuda de um cachorro, caso este perdesse o faro era aconselhável ministrá-lhe um banho de malagueta ou tucupi. Já a aninga, poderia ser utilizada por homens que quisessem ter um pênis “bem desenvolvido”, pois bastava bater-lhe com o fruto da aninga branca três dias antes ou três dias depois da lua nova para obter o que se desejava.

Em sua viagem com a comitiva de d.Macedo Costa, Nery presenciou as “façanhas de um pajé” que fazia uma cura durante uma visita da pastoral, utilizando orações misteriosas e cigarros para incensar as índias e cantando “um canto lúgubre e monótono”. Para Santa-Anna

¹⁴⁷ NERY, F.S. Folclore Brasileiro. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992. p.72.

¹⁴⁸ Descrevo a oração que consta na p.78: “Pedra do Altar, vós que fostes achada no mar, vós que fostes enterrada na terra e consagrada em Roma – assim como ninguém nem sacerdote, nem bispo, nem cardeal, não pode raio, os relâmpagos, o trovão e os boi selvagens das planícies, os leões e os tigres ferozes -, assim como eu quero que vós acalmeis o coração de X para que ele não possa viver sem mim e para que ele se afaste manso como um cordeiro para tudo o que eu quiser. Assim seja.”

¹⁴⁹ *Idem, Ibidem.* p.77. Obs. a Oração de São Jorge foi publicada primeiramente por Pádua de Carvalho.

Nery, as principais ocupações de um pajé eram a “corrupção” das jovens índias e o fomento de superstições.

Apesar de sua opinião negativa sobre os pajés, o autor acreditava nas potencialidades das substâncias medicinais retiradas da floresta: “Talvez os próprios pajés, que conhecem as propriedades de certas plantas, recorrem a algum artifício para ocultar seus crimes e para conservar seu prestígio junto dos ingênuos”¹⁵⁰. É interessante notar que o autor reconhecia o conhecimento dos pajés a respeito das substâncias medicinais e acreditava que o uso de rituais simbólicos, que ele nomeava como “artifícios” eram subterfúgios para enganar os menos esclarecidos, nesse momento sua posição ante os povos indígenas e/ou mestiços era o de um romântico (o primitivo é ingênuo e infantil).

Santa-Anna Nery, tal como os folcloristas da época, explicava as narrativas orais populares, baseado na teoria de Eduard Tylor sobre uma origem comum na humanidade, e considera a lenda da Iara análoga à lenda da Lorelai dos rochedos Bacharac na Alemanha¹⁵¹. Para Figueiredo,¹⁵² o autor compartilhava plenamente das idéias evolucionistas dos folcloristas sobre a cultura indígena, considerando-a degenerada, fetichista, animista, ingênua, ignorante e primitiva. Dessa maneira, o intelectual expressaria ao mesmo tempo uma visão evolucionista e/ou do *romantismo indianista*, ambas imbuídas de profundo preconceito.

É relevante acrescentar que os comentários preconceituosos de Santa-Anna Nery a respeito da religião indígena, possivelmente originavam-se de seu apoio à política da romanização e não somente devido a sua formação científica. Um exemplo disso é que na maior parte das suas narrativas sobre a cultura indígena, o autor era extremamente simpático, próximo do romantismo, mas quando se tratava de religião tornava-se um crítico mordaz que considerava os pajés “corruptores” que com suas paixões senis provocavam histeria e superstição nos espíritos “inocentes” das “pobres moças tapuias” e que não exitavam em recorrer a artifícios para conservar seu prestígio e ocultar seus crimes. A cerimônia iniciática de um pajé foi presenciada pelo autor que acreditava que nesta eram transmitidos segredos do “charlatanismo indígena”, mas que seria “assaz curiosa”:

A iniciação de um pajé é coisa assaz curiosa. Durante certo tempo, o noviço que aspira esse alto sacerdócio jejuia; os pajés jejuam também com ele. Depois de haver sido purificado pela abstinência, o noviço é levado diante do mais sábio dos pajés.

¹⁵⁰ NERY, F.S. Folclore Brasileiro. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992. p.72.

¹⁵¹ A Lorelai seria uma figura feminina de grande beleza que sentada no alto dos rochedos (tanto no Reno, quanto nos rochedos Bacharac) entoava melodias que seduziam os marinheiros que seduzidos iam ao encontro da voz e acabavam afogados.

¹⁵² FIGUEIREDO, Aldrin. *A cidade dos encantados*. Campinas SP, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1990. p.39-42.

Este preparou-se todo para a cerimônia e empunha fino talo de palmeira. Há quatro palmeiras irmãs: o açai, a bacaba, o patauí e a paxiúba. A paxiúba é a árvore sagrada; é uma palmeira caída do céu. Um pedaço de paxiúba ou de patauí é muito duro; não se pode dobrar, por fino que seja sem quebrá-lo. Mas, mediante combinações químicas que só eles conhecem, os pajés o tornam flexível.

Apesar de criticar duramente os pajés, em outros momentos o autor se impressionava com a “encantadora finura” das poesias indígenas que o faziam pensar se eram degenerados ou primitivos; para sua resposta se apoiava em José de Alencar, que acreditava em uma origem comum, ou seja, o índio não era degenerado e sim infantil e primitivo. Apoiar-se nas idéias dos românticos era uma alternativa aceitável que fugia de uma teoria mais radical sobre as raças. Santa-Anna Nery era um autor puramente polímato, suas opiniões circulavam entre sua identidade como nativo da Amazônia que o fazia desejar que os pesquisadores perdessem o hábito de generalizar, formando “opinião firme e quase uniforme” sobre os povos primitivos, como católico que via na catequese indígena uma solução para por um fim nas superstições, e sua formação acadêmica que impunha perceber os povos indígenas de acordo com o arcabouço teórico da época.

Mesmo acreditando na utilização das plantas para a cura de doenças, o autor considerava os índios como símbolo de atraso que poderia prejudicar o processo de modernização da Amazônia, pois, os índios “contaminariam” com suas superstições todos os que estivessem próximos, nesse momento sua opinião era a de um folclorista coerente com a teoria evolucionista: “O indígena, mesmo o indígena em contato permanente com a civilização, ficou um ser supersticioso. Sua superstição contaminou todos aqueles que o rodeiam”¹⁵³.

Santa-Anna Nery apresentava uma característica comum em vários intelectuais do período ao tentarem analisar a realidade de sua região de origem, o que Roberto Ventura¹⁵⁴ chama de auto-exotismo. Quando um intelectual de uma região periférica percebia o seu local de origem com um distanciamento, conseguia de um lado um olhar antropológico, de outro, introduzia conceitos negativos em sua própria representação.

A imagem da floresta amazônica como um espaço de grandes recursos que deveria ser utilizado para o progresso futuro do país, que Santa-Anna Nery procurava divulgar para o exterior é muito semelhante à representação da Amazônia feita por Euclides da Cunha como “Hilaea prodigiosa” e “última página do Gênesis que falta ser virada”. Em relação ao folclore

¹⁵³ *Op.cit.* p.71.

¹⁵⁴ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

ele fazia um “festival do pitoresco” dando aos estrangeiros o que eles esperavam da Amazônia: floresta e índios. Para o autor e muitos outros intelectuais polígrafos da época, não era contraditório ser católico, folclorista e propagandista ao mesmo tempo. Havia também na sua narrativa um lugar para duas “amazônias”, a do progresso, da qual ele fazia parte, e a vazia, abundante de recursos: a Amazônia dos sonhos dos europeus.

Segundo Sevcenko¹⁵⁵, para Euclides da Cunha a Amazônia representava a exuberância de espaços, riquezas intocadas que desafiavam o engenho e a ousadia dos nacionais; e que circunscrevia a diretriz da expansão do território brasileiro “o destino inevitável’ dos paulistas e sertanejos. A região amazônica devido as suas “maravilhas naturais”: seringueiras, cacau, salsa, copaíba e várias espécies de óleos vegetais, substituiria o ouro e os diamantes. Por esses motivos, a floresta seria o palco “onde mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo”.

Outros intelectuais durante o século XIX também expuseram a imagem da floresta prodigiosa, do paraíso que esperava uma efetiva descoberta e exploração de seus recursos, conforme podemos observar no comentário de Edilza Fontes sobre a obra *O Pará em 1900*:

Havia uma tendência muito forte da construção de uma floresta domesticada. O barão de Marajó e o Dr. Emílio Goeldi articularam seus artigos buscando apresentar uma floresta disponível às ações humanas, à espera da civilização. A floresta amazônica ou a mata foi apresentada como um celeiro pronto a ação daquele que se dispusesse a trabalhar, a usufruir e seus bens. Esta floresta não apresenta perigo, é um espaço completamente desabitado e cheio de riquezas. É nos dizeres de Euclides da Cunha, “A última página do Gênesis que falta ser virada”. A região amazônica não é apresentada como um inferno verde, mas como um paraíso à espera de ser descoberto.¹⁵⁶

Da mesma forma que Santa-Anna Nery envolvia a vegetação e as águas em uma narrativa exótica e fabulosa, os animais pertencentes à fauna amazônica foram descritos nesse mesmo padrão que revela as relações culturais da população amazônica com a natureza. Na obra *Folclore Brasileiro*, o autor narrava as crenças e costumes populares na Amazônia relacionadas aos animais em diversas localidades, esse tipo de curiosidades reforçava a imagem exótica que o próprio autor combatia.

Em Bragança, dizia-se que os caranguejos saíam de suas tocas no dia de carnaval para fazer a festa; em Soure havia épocas em que se alimentar com o peixe-pedra levava as pessoas à morte; em Parintins dizia-se que a ilha situada no Uiracurapá era para ser evitada,

¹⁵⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹⁵⁶ FONTES, Edilza. *Preferem-se Português (as): Trabalho, Cultura e Movimento Social em Belém do Pará (1885-1914)*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2002. p.43

pois um misterioso cavalo marinho fazia lá sua morada e atacava as pessoas; na mesma região poderia encontrar-se um sapo pardacento que poderia servir como amuleto e sua resina poderia ser utilizada como perfume. Outra manifestação dessa relação dos “tapuias” com os animais eram as músicas de ninar, cujo tema era o macaco murucututu, acreditava-se que esse animal teria um sono tranqüilo o que era desejável para as crianças nas tribos indígenas.

Partes de animais poderiam ser utilizadas como amuletos como o olho de boto e o membro viril do jaguar; que segundo a crença teriam o poder de tornar o possuidor do talismã querido de todo mundo. O autor mencionava ter vários desses “fetiches” em sua coleção particular.

Outros animais eram considerados assustadores pela população como o pássaro noturno mati-taperê, que assustava principalmente as crianças com seus “gritos lúgubres e irregulares”, e o pássaro conhecido como rasga-mortalha considerado prenunciador de mortes ou doenças graves por produzir um ruído semelhante a um pano que rasga violentamente.

Para Neide Gondim,¹⁵⁷ a fauna e a flora amazônicas já constituíam espaço no imaginário maravilhoso do europeu. Dessa forma, Santa-Anna Nery atraía os leitores com uma narrativa envolta numa perspectiva científica, mas que acabava fortalecendo a imagem que os leitores esperavam da Amazônia, e que seria eficaz para a atração de imigrantes e comerciantes, isso não impedia que ele divulgasse também imagens relativas à civilidade; a floresta era uma possibilidade que deveria ser utilizada para o bem da civilização. As duas imagens se completavam, pois a floresta atrairia os imigrantes para a tão sonhada modernidade.

Repetiam-se nas descrições dos animais amazônicos as imagens da riqueza em recursos naturais e as possíveis utilizações destes para auxiliar no progresso da região; apontando alternativas diferentes da economia do látex. Santa-Anna Nery fez a propaganda de uma região, representando-a como um paraíso a ser explorado, no qual as possibilidades do estrangeiro enriquecer eram ilimitadas pelos recursos naturais da floresta; colaborando também para a propagação entre o público estrangeiro, de um imaginário exótico e fabuloso da floresta e de suas águas, que inspiravam explicações de cunho mítico e que tinham por habitantes botos e iaras.

Como esta imagem poderia conviver com a modernidade já existente em Belém e Manaus, e que o autor proclamava ardentemente? Santa-Anna Nery divulgava uma Amazônia do “porvir” e esse território descrito em suas obras era dual, pois Modernidade e Natureza

¹⁵⁷ GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo; marco Zero, 1994.

eram faces da mesma moeda, eram um complemento. As cidades e o progresso já existiam e poderiam ser imensamente maiores se as possibilidades naturais fossem aproveitadas em modernas indústrias; isso só poderia ocorrer se esse território fosse povoado, daí a persistência da idéia da imigração como uma proposta em prol da modernidade.

Considerações Finais

Nesse momento de conclusão do trabalho, percebo o distanciamento entre minha proposta inicial, que era fazer um estudo a respeito da obra *Folclore Brasileiro* e suas imagens sobre a Amazônia e a tese aqui apresentada; pois no decorrer da pesquisa, o Santa-Anna Nery folclorista que eu havia imaginado, tomava outros contornos, tornava-se mais humano e contraditório. Acabei me interessando mais pelo seu trabalho com a propaganda, e passei a enxergar preconceitos, teias de ligações entre a elite, envolvendo projetos de desenvolvimento para a Amazônia e a forma do autor interpretar a cultura do povo. Percebi também que os temas abrangentes em *Folclore Brasileiro* e *O país das Amazonas*, principalmente neste último, poderiam interessar a pesquisadores de outras áreas entre elas, a geografia, as relações internacionais, a comunicação, a antropologia e as letras.

Santa-Anna Nery era um intelectual, que como muitos de sua época, sonhava com uma civilização nos trópicos; era monarquista, católico e tradicional, mas flexível quando se tratava de sua região. Vivia em Paris, uma missão que ele tomou para si, ser um “porta-voz” dos interesses da elite amazônica, um “propagandista voluntário”, como ele mesmo se intitulou. Não fazia apenas propaganda, escreveu a respeito de literatura, economia, natureza e folclore, possuindo uma versatilidade muito comum aos homens de letras de seu tempo.

Participou de inúmeras sociedades internacionais e em muitas delas foi o único estrangeiro presente. Assim, existem inúmeras obras e documentos a respeito de sua atuação no exterior, e também de outros intelectuais, que estão por serem analisados. Espero que a atuação brasileira em associações como a Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros, a *Revue du Monde Latin*, a Associação Literária Internacional e a presença da Amazônia nas exposições internacionais sejam brevemente alvo de outros estudos.

A divulgação do “mito das três raças” e o preconceito ante a religiosidade popular eram idéias muito presentes na época de Santa-Anna Nery. O autor acreditava que para a

Amazônia alcançar a civilização e modernidade, deveria haver um empenho na utilização dos recursos naturais da região, por isso via na imigração estrangeira, a forma mais eficiente de proporcionar o progresso, e, ao escrever para os leitores estrangeiros, procurava atraí-los, utilizando o imaginário “maravilhoso”, já existente, criado pelos europeus sobre a Amazônia.

Seus livros como *O País das Amazonas Álbum do Amazonas* e *O Pará em 1900* e outras publicações, utilizadas em propaganda dos estados do Pará e Amazonas, para atração de mão de obra,¹⁵⁸ utilizavam largamente a imagem da floresta amazônica bela e luxuriante combinada à descrição da grandeza das águas do rio Amazonas; mostrando dessa maneira uma semelhança com as descrições de viajantes estrangeiros que exploraram a Amazônia no século XIX, afirmando a possibilidade de crescimento, modernidade e progresso para a região.

As imagens que divulgava da Amazônia colaboravam com o senso comum do exotismo, enriquecimento fácil e da distância da região, esse “senso comum” pode ser observado em uma carta de Balzac para condessa Hanska na qual o ele expunha seu desejo de “deixar a França e levar meus ossos para o Brasil, e que escolho por causa de sua loucura (...) ou voltarei rico ou ninguém poderá saber o fim que eu tiver levado”¹⁵⁹.

Apesar da importância do trabalho de Nery, a polêmica com Silvio Romero talvez tenha sido decisiva para o relativo esquecimento de suas obras. Os principais responsáveis pela reabilitação de Santa-Anna Nery como folclorista, foram Câmara Cascudo e Vicente Sales; o primeiro escreveu um artigo biográfico na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas*, e na sua *Antologia do Folclore Brasileiro* revelava a contribuição pessoal de Santa-Anna Nery ao folclore brasileiro, principalmente na divulgação de narrativas de sua própria coleta; e o segundo fez a tradução para o português de *Folclore Brasileiro*.

A tradução de *O País das Amazonas*, publicado em 1981, também foi importante nesse processo de tornar conhecida a obra do autor. As traduções são essenciais, porque a maior parte da produção de Santa-Anna Nery foi escrita em outras línguas e algumas obras encontram-se apenas em arquivos e bibliotecas estrangeiras. Importante mencionar também as teses acadêmicas *Preferem-se Português (as): Trabalho, Cultura e Movimento Social em Belém do Pará*, de Edilza Fontes, que cita a participação de Nery em um projeto de imigração e *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia* -

¹⁵⁸ FONTES, Edilza. *Preferem-se Português (as): Trabalho, Cultura e Movimento Social em Belém do Pará (1885-1914)*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2002

¹⁵⁹ Carta de Honoré de Balzac para a condessa Hanska .*apud.* CORRÊA, Mônica, 2005.p.57.

A constituição de um campo de estudo, de Aldrin Figueiredo, que analisa as obras de vários folcloristas e entre eles Santa-Anna Nery.

Tento contribuir um pouco para relembrar as atividades de divulgação e propaganda da Amazônia no exterior, que durante o final do século XIX tornaram Santa-Anna Nery um intelectual respeitado entre as elites amazônicas e européias.

REFERÊNCIAS

BERTONHA, Fabio. *A imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2004.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BISPO, Alexandre. *Pesquisa da cultura amazônica na Europa do século XIX – F.J de Santa-Anna Nery (1848-1901)*. Fórum de Música de Leichlingen: Série preparatória da Semana de Música Teuto-Brasileira. 2006.

BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. SP: Martins Fontes, 1986.

BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

BURKE, Peter.; BRIGGS, Asa. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia de Folclore Brasileiro*, SP: Martins, 1983.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UNB, 1999.

CORRÊA, Mônica. Escritores pseudoviajantes. *História Viva – Grandes Temas – A Herança Francesa*, São Paulo, v.1, n.9, ed. Especial. 2005. p.57.

DANIEL, Fernanda. Iluministas na Mata Tropical, *História Viva*, São Paulo, v.1, n.27, fev. 2006. p.82-87.

DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette – Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

- DAVIS, Natalie. *Culturas do Povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*. Manaus: Valer, 1999.
- FARIAS, William Gaia. *Os Intelectuais e a república no Pará*. Dissertação (Mestrado em Planejamento do desenvolvimento) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, UFPA, Belém, 2000.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré, 1991
- FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo (1887-1950)*, Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1990.
- FONTES, Edilza Joana de Oliveira. *Preferem-se portugueses (a): Trabalho, Cultura e Movimento Social em Belém do Pará (1885-1914)*, Tese (Doutorado em História Social), Centro de Filosofia e Ciência Humanas, UNICAMP, Campinas, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- LIMA, Rossini Tavares. *ABECÊ do Folclore*. São Paulo: Record, 1972.
- LOWIE. *História de la Etnologia*, México: Fondo de Cultura Econômica, 1946.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. O Caboclo e o Brabo. (org) SILVEIRA, Ênio et al. *Encontros com a Civilização Brasileira*, V.11. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade – A França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Românticos e Folcloristas*. São Paulo: Olho d' água, 1992.
- PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade*. São Paulo: Editora da universidade UFRGS, 1999.
- PORTO ALEGRE, Maria. Imagem e representação do índio no século XIX. In: *Índios do Brasil*. (org) DONIZETE, Luis. São Paulo: Secretária Municipal de Cultura, 2000.
- RIHA, Ortrun. Medicina dos humores e símbolos. *Scientific American – História – A ciência na Idade Média*, São Paulo, v.1, n.1, out, 2005. p.52-57.
- RIVAS, Pierre. Leituras brasileiras na França. *História Viva – Grandes Temas – A Herança Francesa*, São Paulo, v.1, n.9, ed. Especial. 2005. p. 94-97.
- SALLES, Vicente. *Diálogos de Folclore: Santa-Anna Nery*, Publicação independente, 2000.

SANTOS, Marie dos. *Revue du Monde Latin et le Brésil*. Paris : Cahier du Brésil Contemporaine. 1994.

SARGES, Maria de Nazaré. Um outro olhar sobre a Paris dos Trópicos. (org) SOLER, Maria Angélica.; MATOS, Maria Izilda. *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

_____. *Memórias do velho intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. SP: Brasiliense, 1983.

_____. A capital irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. (org) SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*; 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Jonas. Um Caipira no palácio. *Nossa História*, Rio de Janeiro, v.1, n.17. 2006. p.38-41.

SUSPO, Hugo R. Ciência e relações internacionais – O congresso de 1905. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1. 2003. p.13.

THOMPSON. E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: PRIORE, Mary Del e GOMES, Flavio (org). *Os Senhores dos Rios*, RJ: Elsevier, 2003.p.04-31

VASCONCELLOS, Fernanda. Epidemias e o Estado. *Scientific American – História – O nascimento da medicina moderna*, São Paulo, v.1, n.5, ed. Especial. 2006. p.74-81.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical – História cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VICENTINI, Yara. História e cidade na Amazônia Brasileira: a utopia urbana de Henry Ford, 1930. (org) RIBEIRO, Luis.; PECHMAN, Robert. *Cidade, Povo e Nação – Gênese do urbanismo moderno*. RJ: Civilização Brasileira, 1996.

WEBER, Eugen. *França Fin-De-Siècle*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

WILLIAMS, Raymond. The Idea of a Common Culture (1968). In: *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*. New York: Verso, 1989.

FONTES

Álbuns

- AMAZONAS, Governo do Estado do. *Álbum do Amazonas (1901-1902)*.

Relatórios de Governo do Pará

- Relatório do Governo da província, Falla 1885.
- Requerimento de Santa-Anna Nery à Província, 16 de Junho de 1887.
- Carta de Santa-Anna Nery para o presidente da Província, 12 de outubro de 1887.
- Fala com que o Exc.Sr Francisco José Cardoso Junior, vice-presidente da província. 20 de outubro de 1887. Pará. Tipographia do Diário de Notícias, 1887.

Relatórios do Governo do Amazonas

- Relatório do governo de Manaus. Exposição 1887.

Boletins

- Bulletin de la Société de Géographie Commercial de Paris. 1886. p.342

Revistas

Revue du Monde Latin

- BARRAL, Conde de. La Société Internationale d'Etudes Brésiliennes. *Revue du Monde Latin.*, v1, t.2, nov, 1887.
- NERY, Frederico de Santa-Anna. La place de Pará. *Revue du Monde Latin.* Paris, v1, t.13, dez, 1887, p. 973.

- NERY, Frederico de Santa-Anna. L'Empire du Brésil. *Revue du Monde Latin*. Paris, v1, t.2, jan, 1887, p. 96.
- NERY, Frederico de Santa-Anna. Les aborigènes du Brésil, à propos de l'exposition d'anthropologie brésilienne de Rio de Janeiro. *Revue du Monde Latin*. Paris, v1, t.1, set, 1883, p. 96.
- NERY, Frederico de Santa-Anna. L'empire du Brésil, *Revue du Monde Latin*. Paris, v1, t.1, set, 1883, p. 357.

Jornais

- Diário de Notícias: 1885

Fontes escritas

PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil.

PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Internacional de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.

Biografias

REGO, Pedro do. *Traços biographicos de F.J de Santa-Anna Nery*. Rio de Janeiro: Faro e Lino, 1882.

Literaturas

AGASSIZ, Louis. *Conversações Científicas sobre o Amazonas*. 1866

BRITO, Paulino. *Contos Amazônicos: Poesia*, 1900.

CONDAMINE, Charles-Marie de la. ; MARTINS, Maria Helena. *Viagem pelo Amazonas (1735-1745)*. São Paulo: Edusp, 1992.

COSTA, Antônio de Macedo. *A Amazônia – Meio de desenvolver sua civilização*. Belém: Typ. do livro do comércio, 1883.

NERY, Frederico de Santa-Anna. *Le Pays des Amazones, l' Eldorado, les terres cautchouc*. Paris : Librairie Gulamin, 1889.

_____. *Folk-lore Brésilien – Poésie populaire- Contes et Legendes- Fables et Mythos-Poesie, Musique, Danses et Croyances des indies*. Paris: Perrin et cie Librares, 1889.

_____. *Folclore Brasileiro*. (trad.) SALLES, Vicente. Recife: Massanga, 1992.

_____. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981.

ROMERO, Sylvio. *Cantos populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987 [1883].

SPIX, Johann.; MARTIUS, Carl Philip Von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. SP:Edusp/Itatiaia, 1981.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*, 1889.

Documento on line:

Fotos do estado do Amazonas. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtualdoamazonas.org.br>>. Acessado em 11 dez. 2006.

Bulletin de la Sociète de Geographie Commercial de Paris. 1886. Disponível em: <<http://www.gallica.fr>>Acesso em: 11 de dez. 2006.

Revue du Mond Latin. Disponível em: <<http://www.gallica.fr>>Acesso em: 11 de dez. 2006.

Foto da Exposição de 1889 in: Relics and selves. Disponível em [www.bbk.ac. uk/](http://www.bbk.ac.uk). Acessado em 11 dez. 2006